



**Universidade de Brasília - UnB**

**Instituto de Psicologia – IP**

**Departamento de Psicologia Clínica – PCL**

**Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura – PPG PSICC**

## **ÉDIPO REI: A PEÇA COMO UM PROCESSO DE ANÁLISE**

Eduardo Ribeiro Vasconcelos

Brasília-DF

2022

**Universidade de Brasília - UnB**  
**Instituto de Psicologia – IP**  
**Departamento de Psicologia Clínica – PCL**  
**Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura – PPG PSICC**

Eduardo Ribeiro Vasconcelos

**ÉDIPO REI: A PEÇA COMO UM PROCESSO DE ANÁLISE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura do Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica e Cultura.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Augusto Monnerat  
Celes

Brasília-DF

2022

**Universidade de Brasília - UnB**  
**Instituto de Psicologia – IP**  
**Departamento de Psicologia Clínica – PCL**  
**Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura – PPG PSICC**

Eduardo Ribeiro Vasconcelos

**ÉDIPO REI: A PEÇA COMO UM PROCESSO DE ANÁLISE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura do Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica e Cultura.

Brasília, 11 de fevereiro de 2022.

Banca Examinadora:

---

Prof. Dr. Luiz Augusto Monnerat Celes (PsiCC/PCL/IP/UnB) – Presidente

---

Profa. Dra. Eliana Rigotto Lazzarini (PsiCC/PCL/IP/UnB) - Membro Titular

---

Prof. Dr. Marcos Chedid Abel (UniCeub) - Membro Externo

---

Profa. Dra. Márcia Cristina Maesso (PsiCC/PCL/IP/UnB) – Suplente

## **Agradecimentos**

Nenhuma caminhada se faz sozinho. Por mais que desempenhemos funções e tarefas individuais, elas se sustentam em toda nossa história de vida e nas pessoas que fizeram e fazem parte dela. Agradeço aqui a todas as pessoas que direta e indiretamente contribuíram com o resultado desse período de estudo, de pesquisa e de produção que se materializa nessa dissertação.

Nesse trabalho falo da mitologia edípica e comento que ela continua a despertar curiosidade, porque diz respeito a algo que nos atravessa e nos define como sujeitos. O mesmo posso dizer das pessoas a quem dedico esse pequeno texto de agradecimento, pois atravessaram minha vida e ajudaram a me constituir o sujeito que sou hoje.

Sendo assim, agradeço ao seu Carlos e à dona Lelia, que formaram meu triângulo edípico e ajudaram a definir meus valores, meus sentimentos e meu modo de encarar os desafios da vida. Agradeço a minha irmã Daniela, que muito ajudou a melhorar e a incrementar esses atributos herdados do meu complexo parental. Estendo aqui os agradecimentos a todos que fazem parte da minha família e aos amigos que colecionei nas minhas aventuras.

Agradeço em especial à família que iniciei com minha esposa Tatiane e que recebeu durante essa trajetória do mestrado com muito amor nossa filha Isabela. À minha esposa agradeço a compreensão nas ausências que a dedicação a essa dissertação e ao mestrado impuseram, mesmo durante nossa gravidez. Não há parceira melhor para continuar em qualquer jornada que eu venha a enfrentar.

Na vida acadêmica agradeço a todos os professores e colegas de aula com quem pude trocar e aprender nessa trajetória. Agradeço aos meus colegas do grupo de orientandos da Terezinha, em especial à Daniele, Laene e Vitor com quem compartilhei muitos momentos de

aprendizado e companheirismo. Quero agradecer aos professores Eliana Rigotto Lazzarini e Luiz Augusto Monnerat Celes que muito me ajudaram, pessoal e academicamente, a continuar essa jornada depois de um momento tão difícil. Por fim, quero agradecer especialmente à Terezinha Camargo Viana, que me acolheu e me orientou enquanto sua luz de vida brilhou entre nós. Sua memória não se apagará enquanto aqueles que te admiram falarem da pessoa especial que é e sempre será.

Finalizo com uma menção a uma banda que muito me ensinou sobre a vida e sobre a mente humana e que resume, poeticamente, esse sujeito que acredito ser:

*E nossa estória não estará pelo avesso  
Assim, sem final feliz.  
Teremos coisas bonitas para contar.  
E até lá, vamos viver  
Temos muito ainda por fazer.  
Não olhe para trás -  
Apenas começamos.  
O mundo começa agora -  
Apenas começamos.*

*Metal contra as nuvens – Legião Urbana*

## Resumo

A psicanálise constantemente fez uso da literatura e das artes, dando à teoria uma característica singular na sua apreciação dos fenômenos psíquicos. Em especial, o mito edípico descrito na peça de Sófocles é tema de caráter paradigmático na teoria freudiana. Entendemos que ao usar essa tragédia grega para traduzir um grande acontecimento da vida psíquica, Freud mostrava que a história preenchia os requisitos para fazer frente à teoria e à técnica criada por ele. Por esse motivo, acreditamos que as construções teóricas sobre o mito vão além do complexo que se criou em torno dele e defendemos a hipótese de que o enredo da peça pode ser entendido como uma dinâmica semelhante ao processo de análise. Pressupomos que a trama narrada nessa tragédia grega pode ser contextualizada, interpretada e analisada como uma sucessão de revelações que se aproximam do conceito de construções em análise, conforme descrito no arcabouço psicanalítico, especialmente nas obras de Freud. Para tanto, explicitamos, por meio do mito e da mitologia grega, como os conceitos e construções teóricas psicanalíticas podem ser identificados nessa tragédia grega, verificando nas falas e na história da peça a atuação de personagens que se assemelham à função do psicanalista. Por fim, apresentamos uma leitura particular do contexto e dos discursos contidos no Édipo Rei, buscando uma comparação do enredo da trama com os conceitos psicanalíticos de construções em análise e com o fenômeno da elaboração. Dessa forma, demonstramos que a peça de Sófocles traduz elementos essenciais para o desenvolvimento da teoria psicanalítica, podendo ser considerada uma antecipação poética sobre considerações teóricas da técnica psicanalítica.

**Palavras-chave:** Psicanálise. Mitologia. Édipo. Construções em análise. Elaboração.

## **Abstract**

Psychoanalysis has constantly made use of literature and the arts, giving theory a unique feature in its appreciation of psychic phenomena. In particular, the Oedipal myth described in Sophocles' play is a paradigmatic theme in Freudian theory. We understand that by using this Greek tragedy to translate a great event in psychic life, Freud showed that history fulfilled the requirements to face the theory and technique created by him. For this reason, we believe that theoretical constructions about the myth go beyond the complex that was created around it and we defend the hypothesis that the plot of the play can be understood as a dynamic similar to the process of analysis. We assume that the plot narrated in this Greek tragedy can be contextualized, interpreted and analyzed as a succession of revelations that approach the concept of constructions in analysis, as described in the psychoanalytic framework, especially in Freud's works. Therefore, we explain, through Greek myth and mythology, how psychoanalytic theoretical concepts and constructions can be identified in this Greek tragedy, verifying in the lines and in the story of the play the performance of characters that resemble the role of the psychoanalyst. Finally, we present a particular reading of the context and discourses contained in Oedipus, seeking a comparison of the plot with the psychoanalytical concepts of the constructions in analysis and with the phenomenon of elaboration. Thus, we demonstrate that Sophocles' play translates essential elements for the development of psychoanalytic theory, and can be considered a poetic anticipation of theoretical considerations of psychoanalytic technique.

**Key words:** Psychoanalysis. Mythology. Oedipus. Constructions in analysis. Elaboration.

## Sumário

<b>Introdução.....</b>	<b>9</b>
<b>1. Revisitando o mito edípico.....</b>	<b>18</b>
1.1 A análise preliminar e a contextualização do mito edípico.....	20
1.2 O oráculo e o adivinho da saga de Édipo.....	28
<i>1.2.1 O deus Apolo e o oráculo de Delfos.....</i>	<i>29</i>
<i>1.2.2 O velho adivinho Tirésias.....</i>	<i>32</i>
1.3 Édipo e sua faceta investigativa.....	35
<b>2. Construções em análise e o método psicanalítico.....</b>	<b>43</b>
2.1 Um resgate teórico sobre as construções em análise.....	44
<i>2.1.1 Da interpretação às construções.....</i>	<i>45</i>
<i>2.1.2 O conceito de construções perpassa toda obra de Freud.....</i>	<i>48</i>
<i>2.1.3 O conceito de construções a partir de suas características na clínica.....</i>	<i>55</i>
<i>2.1.4 A peça representa a elaboração e o efeito de uma construção.....</i>	<i>63</i>
2.2 O processo analítico e suas interlocuções com as construções.....	66
<i>2.2.1 A análise como uma via di levare.....</i>	<i>67</i>
<i>2.2.2 Do ensaio de análise à análise propriamente dita.....</i>	<i>71</i>
<b>3. As aproximações possíveis entre o analista e o oráculo.....</b>	<b>81</b>
3.1 O oráculo de Delfos como moderador de forças antagônicas.....	84
3.2 As recomendações da cidade de Epidauro.....	91
3.3 Uma terapêutica voltada para a cura da mente.....	99
3.4 A capacidade interpretativa de Apolo à Tirésias.....	110
<b>4. Entrelaçando mitologia e psicanálise.....</b>	<b>119</b>

4.1 Uma análise preliminar.....	119
4.2 As charadas que entrelaçam profecia e construção.....	126
4.2.1 <i>Uma proposta preliminar e a análise da primeira profecia</i> .....	126
4.2.2 <i>A segunda profecia: Édipo é alertado sobre o incesto e sobre o parricídio</i> .....	133
4.2.3 <i>A última e primeira profecia</i> .....	140
4.3 Da construção à elaboração.....	150
<b>Considerações finais</b> .....	<b>158</b>
<b>Referências</b> .....	<b>163</b>

## Introdução

Desde os primórdios, a psicanálise buscou nas produções artísticas uma alternativa para explicar as características peculiares do arcabouço teórico que começava a se constituir. Nesse sentido, a literatura sempre foi importante para a construção do saber psicanalítico, até mesmo porque, Freud era um leitor contumaz e sempre se utilizou dessa virtude para fazer suas contribuições à teoria que estava desenvolvendo. Em grande medida, tal característica perpetuou-se naqueles que continuaram seu trabalho e nos estudiosos que até hoje se encantam e se interessam pela psicanálise, seja como prática clínica, que é a sua principal faceta, seja quando ela é aplicada aos mais diversos contextos.

Essa possibilidade de encontrar na produção artística amparo para o desenvolvimento teórico no campo psicanalítico deve ser creditada ao fato de que, segundo Freud (1907/1996), os artistas tinham uma grande capacidade para traduzir e manifestar em suas obras os fenômenos sobre os quais os estudiosos da mente humana teorizavam em suas pesquisas. Ainda segundo Freud, a descrição da mente era o campo de trabalho mais legítimo do escritor verdadeiramente criativo e, desde muito tempo, o artista acabava reproduzindo em suas obras aquilo que se configuraria como precursor no campo da psicologia científica.

Roudinesco (2016) comenta algo que reforça tal característica, no sentido de que essa conduta de Freud se configurava como uma intenção de buscar na literatura e nas mitologias algo que se assemelhasse ao sujeito da psicanálise, que não é senhor de si e que se encontra sujeito a determinações que não pode dominar. Com isso, segundo a autora, Freud vislumbrava dar à psicanálise a consistência de uma ciência da psique, que até o momento de sua consolidação no início do século 20 era refutada por seus contemporâneos. Talvez por isso, não falem digressões nas obras de Freud nas quais ele se utilizava da literatura para dar suporte às concepções teóricas que apresentava. Fato que fica claro, por exemplo, na análise

que ele fez da *Gradiva* de Jensen (Freud, 1907/1996) e nas proposições teóricas que realizou no clássico caso clínico do Schreber (Freud, 1911/1996), entre outras publicações.

Entretanto, podemos afirmar que as construções teóricas que a psicanálise fez a partir do mito do Édipo, baseado na peça de Sófocles, representam a principal junção que a teoria freudiana realizou com a literatura. Isso porque, com a trama narrada nessa tragédia familiar, pelas palavras de um dos mais famosos autores gregos, foram introduzidas na psicanálise proposições teóricas que permeiam a prática clínica e a produção de conhecimento até os dias de hoje. No fim das contas, essa mitologia rendeu à psicanálise a criação do conceito do complexo de Édipo, que atualmente se apresenta como um tema de caráter quase paradigmático e que permanece em constante desenvolvimento na teoria criada por Freud.

Segundo Laplanche e Pontalis (2016), as discussões teóricas construídas em função do mito do Édipo sustentam a universalidade e a ocorrência inescapável desse complexo familiar em pessoas das mais variadas culturas. Além disso, essas digressões teóricas abarcam o pressuposto essencial de que a passagem durante a infância por este triângulo amoroso, formado pelo casal parental e pelo filho, desempenha um papel fundamental para a estruturação da personalidade. Não por menos, segundo Nasio (2007), a forma como cada pessoa enfrenta e soluciona a trama edípica é essencial para a definição da orientação do seu desejo sexual e para o estabelecimento da psicopatologia de cada sujeito.

Por isso, investigar, discutir e trazer à tona algo sobre essa mitologia não se trata de falar apenas de teoria psicanalítica, de literatura clássica ou da junção e das contribuições de uma à outra. Também diz respeito a discorrer sobre algo que nos envolve como sujeitos, porque faz parte de nossa própria trajetória psíquica e que, talvez por essa mesma razão, desperta reiteradamente nossa curiosidade e nosso afã pelo conhecimento. Afinal, tal como afirmava Freud (1900/1996) na sua grande obra sobre a interpretação dos sonhos, mesmo

depois de muito tempo, a mitologia edípica ainda continua a impressionar a todos e a causar interesse e fascínio no decorrer de toda a história da humanidade.

Em vista disso, é natural compreendermos que a narrativa acerca do mito edípico nos instigue a imaginar que, por trás dessa obra, ainda possamos encontrar mais desdobramentos teóricos que se incorporaram aos conceitos e ao saber da teoria freudiana. Afinal, segundo afirmam Roudinesco e Plon (1998), “o mito de Édipo surge na pena de Freud no exato momento do nascimento da psicanálise” (p. 167), pressupondo que essa histórica tragédia mitológica preenchia os requisitos para fazer frente a todo conjunto da teoria freudiana que ali surgia. Assim, podemos compreender que, ao incluir o mito na teoria psicanalítica, Freud não estabeleceu apenas o velho chavão no qual o filho quer eliminar o pai para continuar a se envolver amorosamente com a própria mãe. Para além disso, inferimos que o mito pode se prestar à compreensão de outros conceitos e fenômenos teóricos no campo da psicanálise.

Dessa forma, concordamos com todo o arcabouço psicanalítico que considera o mito do Édipo como um instrumento essencial usado por Freud para preencher um importante papel na teoria psicanalítica, visto que o mito caracterizava a fantasia sobre um fenômeno fundamental na estruturação da personalidade. Além disso, a tragédia edípica passa a fazer parte definitivamente da teoria psicanalítica no mesmo momento em que somos apresentados à guinada conceitual e teórica que Freud esperava dar à psicanálise ao publicar *A Interpretação dos Sonhos*. Afinal, naquele momento, o texto sobre os sonhos se apresentava como a principal contribuição técnica e teórica para o desbravamento da psicanálise como um método psicoterapêutico. Por esses motivos, acreditamos que as construções teóricas sobre o mito vão além do complexo que se criou em função dele e podemos supor que a peça de Sófocles terá mais a contribuir com a teoria psicanalítica, também no que diz respeito à sua técnica.

Em certa medida, essa possibilidade de releitura acerca de outras contribuições do mito à teoria psicanalítica nos foi despertada a partir da descrição feita pelo próprio criador da psicanálise. Ainda no texto sobre a interpretação dos sonhos, Freud (1900/1996) diz que a ação desenvolvida na peça de Sófocles se tratava de um “processo de revelação, com engenhosos adiamentos e sensação sempre crescente” (p. 288). E, continua afirmando, que esse processo poderia, por conta dessas características, ser muito bem comparado ao trabalho realizado em uma análise. Essa analogia feita por Freud é o ponto de partida para que acreditemos que o mito também possa guardar uma estreita relação com a própria técnica da psicanálise.

Além dessa relação estabelecida por Freud, observamos em Jorge (2010) uma aproximação semelhante na exposição que o autor faz a respeito do saber sem saber que sabe do personagem de Édipo na peça de Sófocles. Nessa digressão a respeito do protagonista, vemos reforçado o caráter simbólico entre o conflito de um saber consciente e um saber inconsciente, cujas reações do personagem durante a peça revelam e podem ser muito facilmente comparadas ao funcionamento e à dinâmica dos processos inconscientes. Nesse sentido, o autor ressalta a existência de atos falhos contidos nas falas de Édipo, nos quais este deixa transparecer que já desconfiava da verdadeira versão a respeito do que lhe tinha acontecido.

Jorge (2010) também nos ajuda a esclarecer que existia no conflito vivido por Édipo uma questão que ia além das revelações feitas ao protagonista durante sua interação com outros personagens. Sendo assim, estava em jogo também as reações sobredeterminadas que o protagonista empreendia, justamente porque essas revelações tocavam sorratamente em seus conteúdos recalcados. Assim, o que estaria se mostrando, por meio dessas manifestações inconscientes, é que a verdade sobre o sujeito já estava representada naquilo que escapava ao controle de sua fala consciente. Jorge (2010) conclui dizendo que “Édipo sabe sem saber que

sabe, ao mesmo tempo em que age motivado pelo desconhecimento ativo desse saber” (p. 188).

Dessa forma, podemos inferir que a tragédia edípica, a peça em suas falas tão bem elaboradas por Sófocles, bem como o contexto dos acontecimentos por trás do mito podem traduzir uma maneira peculiar de como o personagem principal reage ao que é revelado nos desdobramentos do enredo e de como toda essa dinâmica possui conteúdos e fenômenos que se assemelham aos acontecimentos de uma análise. Certamente, sabemos que a análise é um processo complexo e entrecortado por variadas questões teóricas e técnicas. Contudo, se situarmos todo esse contexto do mito e da peça como algo semelhante à análise, podemos vê-los como um processo de descoberta realizado pelo protagonista, que é motivado pelas consequências de algumas injunções que são feitas a ele.

Assim, não nos parece descabido concentrar uma comparação entre a peça e o processo de análise apenas naquilo que se refere a um dos modelos de intervenções que o analista realiza durante esse processo. Dessa forma, seguindo a analogia de Freud citada acima, poderíamos inferir que algo comparável à dinâmica de como se processam as construções em análise é que sensibiliza e coloca em marcha esse suposto processo de revelação demonstrado na peça. Além disso, ao observarmos a trama mais detidamente e o contexto por trás de sua história, podemos encontrar dois personagens que desempenham a função de estimular esse movimento de descoberta realizado pelo protagonista.

O primeiro deles não é, necessariamente, um personagem, mas sim uma figura mitológica que interage com os demais personagens, trazendo-lhes as designações dos deuses. Trata-se, pois, do oráculo de Delfos que faz asserções ao Édipo no contexto anterior e durante a própria peça, tornando-se essencial aos desdobramentos que o enredo nos apresenta. O segundo personagem que desejamos incluir nesse papel é o velho adivinho Tirésias que, assim como o oráculo, tem essa característica de trazer às pessoas que o consultam as revelações a

respeito do seu passado e do seu futuro. Tirésias, por sua vez, interage com Édipo apenas durante a peça e lhe faz revelações que dão as pistas para a verdade que este deseja descobrir.

O que pretendemos ressaltar nessas duas figuras mitológicas é a característica de serem referências para ajudar seus interlocutores no que diz respeito a resolver seus dilemas pessoais. Ademais, conforme afirma Brandão (2015), podemos descobrir que esses personagens são colocados como tal referência, justamente porque desenvolveram uma habilidade para conhecer profundamente o ser humano. Como veremos adiante, muito além do poder da adivinhação ou da profecia, eles são considerados figuras importantes porque suas intervenções buscam, de algum modo, estabelecer um equilíbrio curativo entre corpo e mente.

Além disso, retomando algo que dissemos no início, partimos da premissa de que a peça se enquadra naquela categoria de criações artísticas, capazes de transmitir ao leitor a ocorrência de vivências que representam uma aproximação dos fenômenos psicológicos que perpassam a vida real. Como afirma Freud (1907/1996), os escritores criativos e os estudiosos da mente não podem esquivar-se um ao outro, bem como “o tratamento poético de um tema psiquiátrico pode revelar-se correto, sem qualquer sacrifício de sua beleza” (p. 47). Sendo assim, acreditamos estar autorizados a fazer uma leitura psicanalítica do enredo, do contexto e das falas descritas no mito da peça do *Édipo Rei*, na nossa tentativa de identificar os motivos pelos quais Freud fizera a referida analogia com o processo de análise.

Nesse sentido, vamos nos encaminhar a responder à questão primordial desse trabalho: quais características da técnica psicanalítica podem ser identificadas no contexto e no enredo da peça do *Édipo Rei* que levaram Freud a estabelecer essa analogia com o processo de análise? Apoiados nessas percepções iniciais, podemos nos endereçar a tarefa de investigar a mitologia grega em busca das descrições e das concepções a respeito dos personagens e

figuras mitológicas que participam, direta e indiretamente, da tragédia edípica e compará-las ao conhecimento em psicanálise sobre a técnica psicanalítica e a função do analista.

Em consequência disso e no sentido de responder essa pergunta, pretendemos pesquisar, mais especificamente, a ocorrência de fenômenos típicos do processo analítico, tais como as construções em análise, no desenvolvimento do enredo e no contexto da peça. Ademais, vamos tentar realizar aproximações entre a conduta e a atuação de personagens secundários na trama: Tirésias, o velho adivinho, e o oráculo de Delfos – para justificar as semelhanças destes com a função do analista, visto que, sob nossa ótica, eles representam os principais personagens que atuam para conduzir o protagonista no movimento de revelação que dá contorno à peça.

Dessa forma, temos como objetivo principal investigar de forma mais ampla a peça do *Édipo Rei*, buscando uma analogia desta com o desenvolvimento de um processo de análise, bem como identificar os fenômenos da clínica psicanalítica no mito e na participação que os personagens da peça têm nesse contexto. Para alcançarmos esse objetivo, vamos revisar a mitologia grega e a tragédia edípica para identificar e contextualizar alguns eventos e personagens importantes para a compreensão do mito. Além disso, torna-se necessário revisar, essencialmente nas obras de Freud, os conceitos relativos às construções em análise, bem como sobre a definição do processo psicanalítico. Por fim, explicitamos, por meio do mito e da mitologia, como os conceitos e construções teóricas psicanalíticas ora citadas podem ser identificadas na peça, verificando nas falas e na história do mito, a participação de personagens que representam oráculos em sua semelhança com a função do psicanalista.

Os procedimentos metodológicos para alcançarmos esses objetivos se concentram na revisão da literatura relativa aos temas psicanalíticos e da literatura sobre mitologia grega, especificamente, sobre a tragédia edípica, conforme preconizado no Manual de publicação da American Psychological Association (APA, 2012). Assim, buscaremos aprofundar e resumir

as investigações anteriores sobre os temas das construções em análise e da função do analista nas obras de autores psicanalíticos, em especial nos textos freudianos. Por conseguinte, faremos uma análise psicanalítica do contexto e dos discursos contidos no mito do Édipo de Sófocles, buscando uma comparação com os conceitos psicanalíticos.

Em vista disso, o presente trabalho foi estruturado em quatro capítulos. No primeiro deles, apresentaremos uma contextualização dos aspectos da mitologia grega e do mito do Édipo que apoiará nossa argumentação posterior. Além disso, veremos os eventos do contexto anterior e alguns detalhes do que ocorre durante o mito descrito na peça, abordando aspectos da narrativa na qual o protagonista descobre as verdades a respeito de sua própria história, principalmente dando atenção à participação e às intervenções feitas pelos personagens que representam oráculos na mitologia grega. Ainda nesse capítulo, apresentaremos uma perspectiva sobre a atuação do nosso protagonista, que demonstra como uma característica marcante de Édipo fica evidente no desenrolar dos eventos da peça: sua faceta investigativa.

No segundo capítulo, traçaremos no plano teórico uma leitura diferenciada do mito do Édipo, que nos leva a analisar essa mitologia sob o ponto de vista das construções em análise. Para tanto, abordaremos o conceito desse fenômeno sob a égide psicanalítica, bem como sua ligação intrínseca com o trabalho analítico, tomando como fundamentação principal os escritos freudianos sobre o tema. Além disso, faremos uma releitura sobre algumas concepções freudianas a respeito de como pode ser definido o processo de análise, para fazermos associações ao que destacamos de características da peça e da interação entre seus personagens.

No terceiro capítulo, depois de estabelecidas as premissas que ajudam a entender o mito do Édipo sob o ponto de vista de sua semelhança com o processo de análise, destacaremos algumas características que são associadas à mitologia dos oráculos gregos e que podem ser comparadas à função do analista e ao objetivo do processo de análise,

conforme alguns conceitos do campo psicanalítico que abordam esses temas. Por fim, o conteúdo principal do quarto capítulo trata-se da apresentação de uma leitura particular do enredo da peça, considerando as profecias contidas no texto de Sófocles como semelhantes às construções em análise e, por essa característica, eliciadoras de um processo de elaboração realizado pelo protagonista da peça.

Desse modo, esperamos que a caminhada por essa empreitada teórica represente uma abordagem do mito que consiga ir além do complexo de Édipo e que, ao mesmo tempo, mantenha o desejo constante de movimento em busca de novas descobertas no campo da psicanálise.

## 1. Revisitando o mito edípico

Geralmente, quando algum psicanalista se propõe a falar sobre o mito do Édipo, a primeira coisa que vem à mente do leitor trata-se da contribuição que a peça de Sófocles trouxe para o conceito que atualmente conhecemos como o complexo de Édipo. Todavia, nosso intuito aqui é tirar a atenção, preliminarmente, da contribuição que esse mito teve para essa construção teórica tão importante para a psicanálise. Passamos, assim, a pensar também no quanto essa tragédia grega pode contribuir para o entendimento e a elaboração de outras construções teóricas que fazem parte do arcabouço psicanalítico.

Nesse capítulo inicial, nossa proposta é compreender de maneira mais aprofundada outros pontos que envolvem o mito do Édipo, além daqueles que dizem respeito ao parricídio e ao incesto. Faz parte desse aprofundamento uma revisão de alguns tópicos da mitologia grega e uma releitura da tragédia edípica, com o objetivo de identificar alguns personagens e eventos importantes para a compreensão do mito sob outro viés. Às vezes, esses detalhes podem passar despercebidos, justamente porque mantemos nosso olhar voltado, como dito anteriormente, aos desdobramentos do mito que se referem ao famoso complexo. Contudo, obviamente, são detalhes importantes para a releitura que nos propomos a fazer nesse trabalho.

Além disso, partimos do princípio de que as investigações e análises no campo da teoria freudiana devem ser feitas de modo a buscar aquilo que não é visto de maneira contumaz. Aquilo que, tal como um ato falho na fala de um paciente, passa sorrateiramente despercebido. Certamente, essa postura vem de iniciativas semelhantes como a que foi levada a cabo por Freud (1907/1996) no trabalho a respeito dos *Delírios e Sonhos na Gradiva de Jensen*. Nessa empreitada acerca do texto literário, apesar de pretender realizar uma análise psicanalítica dos sonhos e dos delírios apresentados pelos personagens da obra de Wilhelm

Jensen, Freud inicia o primeiro capítulo do seu trabalho, apresentando uma verdadeira dissecação da história do romance, bem como um exame pormenorizado dos processos mentais dos personagens que o compõe.

Para Freud (1907/1996), esse trabalho preliminar realizado sobre a obra literária, cujo objetivo é a compreensão e a contextualização que envolvem os personagens, pode ser comparado e deve seguir as mesmas regras do trabalho analítico e interpretativo que podemos fazer com os sonhos dos nossos pacientes em consultório. Afinal, segundo ele comenta, “ao tentarmos compreender os sonhos reais de uma pessoa real, temos de examinar atentamente seu caráter e sua história, investigando não só as experiências que antecederam de pouco seu sonho, mas também as de seu passado remoto” (Freud, 1907/1996, p. 45).

Por isso, visto que decidimos fazer nesse trabalho uma releitura da obra de Sófocles, precisamos levar em consideração os pormenores do contexto que perpassam os personagens e os eventos do enredo dessa peça, justificando o seu uso como referência para nossas análises. Ora, psicanalistas, estudantes de psicanálise, curiosos ou entusiastas da teoria freudiana, somos todos levados a entender que no iceberg há muito mais gelo sob a superfície da água do que aquele que pode ser visto acima dela. Sendo assim, precisamos investigar e compreender o mito do Édipo muito além daquilo que se convencionou saber a seu respeito, pois acreditamos que a tragédia retratada na peça não começa, não termina e nem se esgota na descoberta do parricídio e do incesto.

Nesse sentido, esperamos levar a cabo essa tarefa a partir de três eixos norteadores, cuja conjunção teórica, que pretendemos realizar nos próximos capítulos, deve explicitar a nossa escolha. O primeiro deles é compreender que a peça e os eventos que nela ocorrem são um desfecho de uma sucessão de acontecimentos anteriores, que precisam ser revistos para que chamemos atenção a outros personagens relacionados ao mito. Com isso, nosso segundo eixo nos leva a necessidade de apresentarmos algumas características desses personagens que

passam a ter destaque, a partir da nossa releitura da peça. Por fim, pretendemos ressaltar uma característica essencial na postura do personagem do Édipo durante os eventos que ocorrem na sua história de vida, que nomeamos aqui como sua faceta investigativa.

Sendo assim, iniciamos nossa trajetória no próximo tópico resgatando na bibliografia sobre a mitologia grega o contexto e os fatos que antecederam aos acontecimentos que são descritos e vividos pelos personagens durante a peça. Nossa revisão pretende mostrar que são esses acontecimentos anteriores que criaram o cenário no qual o protagonista descobre as verdades a respeito de sua própria história de vida.

### **1.1 A análise preliminar e a contextualização do mito edípico**

Apesar de haver algumas versões do mitologema de Édipo, a obra literária sobre a qual nossa análise se aprofundará é a peça escrita por Sófocles, aproximadamente em 430 a.C., cujo nome consagrou-se como *Édipo Rei*. Segundo nos conta Kury (1990), Sófocles foi um poeta grego altamente laureado pelo seu dom artístico, que viveu e participou ativamente da vida política em Atenas. Ainda segundo o autor, é interessante salientar que a peça não constitui necessariamente uma trilogia, como se convencionou acreditar em função da sua relação com *Édipo em Colono* e *Antígona*, peças também escritas por Sófocles. O motivo seria somente porque não foram escritas na mesma época, todavia, elas retratam a odisseia e o cruel destino de Édipo e de seus descendentes e acabam sendo complementares umas às outras.

Ademais, ao ressaltar o fato de que nossa análise estará restrita à peça de Sófocles, concordamos com a afirmação de Brandão (1987) de que foi pela versão tão magnificamente criada por esse genial poeta grego que tivemos acesso a uma cartilha pela qual se construiu o saber psicanalítico. Por isso, os eventos que descreveremos logo a seguir, como sendo os fatos que contextualizam e precedem o início da história narrada na peça, dizem respeito ao

conjunto de fatos que, segundo os estudos acerca da mitologia grega, encaixam-se ou servem de base para a versão apresentada por Sófocles.

Sendo assim, iniciamos pela descoberta de que os eventos ocorridos antes da trama narrada na peça remetem à história de Laio, pai biológico de Édipo. Seguindo as afirmações de Kury (2008), ainda quando era criança, Laio ficou órfão de seu pai, Lábdaco, que era o rei da cidade de Tebas. Devido a uma disputa pelo reino, que foi iniciada com a morte do soberano, Laio precisou fugir de sua cidade natal, encontrando abrigo junto a Pêlops. Durante esse refúgio, Laio, que se aventurava em amores homossexuais, teve uma tórrida paixão por Crísipo, filho de Pêlops. Motivado por esse sentimento, Laio raptou seu amante, ultrajando a hospitaleira acolhida que havia recebido, em vista do que foi amaldiçoado pelo pai do garoto sequestrado. Kury (1990) afirma que o desejo de Pêlops com tal maldição seria que Laio morresse sem deixar descendentes.

Depois desse ocorrido, segundo os apontamentos de Kury (2008), a querela a respeito do trono de Tebas foi resolvida e Laio foi chamado pelo povo tebano a assumir o reinado, casando-se com Jocasta e governando absoluto e em regozijo. É a partir desse acontecimento na vida de Laio que podemos ver, pela primeira vez, a interação que a história por trás da vida de Édipo faz com um personagem mitológico importante na cultura grega: o oráculo de Delfos. Este é um dos personagens cuja nossa releitura apontará os holofotes e do qual falaremos mais a respeito, logo em seguida a essa contextualização. Todavia, essa interação entre Laio e o oráculo de Delfos pode ser vista a partir de óticas diferentes, no que diz respeito ao momento em que se dá esse encontro.

Por um lado, segundo afirma Kury (1990), Laio deve ter consultado o oráculo antes mesmo de saber a respeito da gravidez de Jocasta. Conforme relata o autor, Laio torna-se pai, mesmo sabendo da profecia oracular segundo a qual, o filho que nascesse da união entre ele e Jocasta mataria o próprio pai, como castigo pela aventura amorosa de Laio com Crísipo,

considerada antinatural pelos deuses gregos. Essa concepção é corroborada pelos estudos feitos por Graves (2018a), que complementa tal narrativa, dizendo que Laio estava atormentado por ainda não ter concebido um descendente após o casamento com Jocasta. Em função disso, Laio teria consultado o oráculo para entender por que o casal ainda não tivera filhos. Ocasão na qual ele ouviu do oráculo que o motivo de não ter filho era mais uma benção do que uma infelicidade, por conta da profecia acerca do parricídio.

Por outro lado, Brandão (1987) entende que o texto de Sófocles permite compreender que Laio consulta o oráculo após o nascimento de Édipo e que, em vista de ouvir uma profecia com o conteúdo relativo ao parricídio, decide livrar-se do nascituro para não ser morto pelo próprio filho. De todo modo, o que fica patente mesmo com essas duas versões, é que a participação do oráculo de Delfos é determinante para o rumo das histórias de vida desses personagens.

Voltando a nossa contextualização, conforme os apontamentos de Kury (2008), quando da chegada da criança, Laio, receoso de que a profecia pudesse se cumprir, mandou que Jocasta entregasse o filho a um dos pastores de seu rebanho. Então, o próprio Laio atou o bebê pelos tornozelos e pediu a esse pastor que o levasse ao monte Citéron e o abandonasse lá à própria sorte. No entanto, o pastor não teve coragem de deixar a criança para que morresse abandonada naquele lugar e, comovido com o sofrimento do nascituro, entregou-o a outro pastor que cuidava dos rebanhos de Pôlibo, rei de Corinto, cidade próxima a Tebas.

Certa feita, a criança não morreu e, por obra do destino, como ressaltam quase todas as mitologias gregas, foi acolhida e criada nessa outra cidade. Após ser entregue ao pastor da cidade de Corinto, este apresentou o recém-nascido ao rei da cidade. Daí em diante, Pôlibo tomou a criança como filho e a criou juntamente com sua esposa Mérope, como o herdeiro que nunca teriam, tendo em vista que o ventre da rainha jamais poderia conceber um filho. Dessa forma, Édipo, que foi assim chamado por conta de seus pés inchados devido aos

tornozelos atados por Laio, cresceu na cidade de Corinto alheio a tudo que tinha acontecido durante seus primeiros dias de vida.

Tempos mais tarde, quando alcançou a idade adulta, Édipo passou a ouvir rumores sobre a possibilidade de ser um filho ilegítimo, fato que descobrimos por meio de alguns versos da peça de Sófocles e pelas afirmações de Kury (1990). Um conjunto de falas de Édipo na peça deixa claro que sua desconfiança começou numa festa, quando um concidadão bêbado disse que ele seria filho adotivo, algo que gravou uma dor profunda no espírito do jovem. No entanto, seus pais adotivos, Pôlibo e Mérope, jamais deram espaço à outra versão sobre a chegada do filho ao mundo. Mesmo assim, nosso protagonista se tornou desconfiado e inseguro a respeito de sua origem. Como ele não se fechava para a possibilidade de encarar outras verdades, índice de sua faceta investigativa que trataremos a seguir, procurou o oráculo de Delfos, para que os deuses proferissem uma versão final sobre os fatos.

Novamente, assim como ressaltamos acima, o oráculo faz-se coadjuvante no enredo do mito. Dessa vez, a grande revelação apenas repetiu, em outras palavras, o que já havia sido dito a Laio, afirmando a Édipo que um dia viria a matar seu pai e desposar sua própria mãe. Segundo afirma Kury (2008), diante de tão cruel profecia, Édipo tentou anular o efeito das palavras dos deuses, assim como fizera seu pai Laio. Então, tomado pelo desespero e, ao mesmo tempo, tentando evitar o cruel destino traçado pelos deuses, Édipo abandonou a cidade onde foi criado e fugiu pelas estradas gregas para que os presságios significativamente angustiantes não se cumprissem. Na esperança de não realizar a profecia: matar Pôlibo e tomar Mérope como amante – seus pais conscientemente reconhecidos, Édipo decidiu jamais retornar à cidade que tão bem lhe acolheu, exilando-se de Corinto e vagando sem destino pela Grécia antiga.

Segundo Kury (1990), nesse exílio solitário, Édipo se aproximou da encruzilhada na região da Fócis, onde os caminhos de Dáulia e Tebas convergiam. Ali, indeciso a respeito de

qual rumo seguir, acabou atrapalhando a passagem de outro viajante que, porventura, era seu pai biológico Laio, que seguia acompanhado por alguns arautos do reino. Brandão (1987) acrescenta que esse furtivo encontro também tem como pano de fundo o oráculo, pois nessa ocasião, Laio dirigia-se a Delfos em busca de uma solução para o tormento que a Esfinge impunha ao povo tebano. Destarte, em função do impasse na estrada, iniciou-se uma briga de Édipo contra o rei e contra seus guardas, na qual aquele desferiu golpes fatais, tirando a vida de Laio e de seus arautos, exceção feita a um deles que fugira antes de sorte pior. Dessa forma, estava cumprida a primeira parte da profecia do oráculo e Édipo matara o próprio pai.

Depois dessa trágica luta, Édipo decidiu seguir para Tebas, cidade até então governada por Laio, e que naquele momento, como mencionado acima, sofria com a maldição imposta pela presença da Esfinge. Segundo Brandão (1987), esta figura mitológica pode ser descrita com um ser metade mulher, metade leão, com cauda de dragão e asas de ave de rapina. Além disso, o grande problema criado pela presença da Esfinge na cidade de Tebas dizia respeito aos terríveis enigmas com os quais ela desafiava a todos os jovens moradores. Aqueles que não conseguiam responder suas charadas eram devorados, fazendo com que a população tebana ficasse refém do medo e do terror.

Segundo nos conta Kury (2008), Creonte, irmão de Jocasta, teria assumido o reino após a notícia da morte de Laio e prometera ao cidadão que derrotasse a Esfinge o trono da cidade. Então, quando Édipo chegou à Tebas e encontrou a Esfinge, ela também lhe lançou uma charada. Deveras, sobre esse encontro e sobre essa charada existem muitas versões devido a traduções diferentes, sobretudo as mencionadas na literatura psicanalítica (Roudinesco e Plon, 1998; Quinet, 2015; Jorge, 2010). Contudo, como nosso enfoque é uma revisão sobre a mitologia grega, confiamos na versão da charada apresentada por Brandão (1987): “Qual animal que, possuindo voz, anda, pela manhã, em quatro pés, ao meio-dia, com dois e, à tarde, com três?” (p. 261).

A esse enigma lançado pela Esfinge Édipo respondeu corretamente que se tratava do homem, porque na infância arrasta-se sobre os pés e as mãos; na idade adulta se mantém sobre os dois pés; e que na velhice apoia-se numa bengala para andar. Consoante aos apontamentos realizados por Kury (2008), inconformada com a inteligência e com a astúcia de seu desafiante, a Esfinge ainda testou Édipo com mais um de seus enigmas, mas este também foi respondido de maneira correta. Então, envergonhada pela derrota, ela subiu ao alto de um rochedo e atirou-se sobre as pedras.

Ora, a morte de criatura tão brutal livrou os tebanos de uma imensa desgraça e eles aplaudiram seu novo herói. Então, em vista da promessa de Creonte, Édipo foi aclamado pelo povo como rei de Tebas. Mas não foi somente o reino que o forasteiro herdou, com ele foi lhedado em matrimônio a rainha viúva. Com isso, o restante da profecia do oráculo de Delfos se cumpriu e Édipo desposara Jocasta sem saber que era a sua própria mãe.

Por muitos anos, o herói de Tebas viveu feliz ao lado de sua esposa com quem teve quatro filhos: duas mulheres: Ismene e Antígona; e dois homens: Eteoclés e Polinices. Édipo se tornou um rei sábio e amado pela população, todavia, a paz na cidade não durou muito tempo. É a partir desse cenário que a história narrada na peça começa, por isso, nossa contextualização passa a se misturar também com alguns acontecimentos que são conhecidos pelo próprio enredo da peça. E um dos eventos iniciais dessa história nos apresentará ao outro personagem sob o qual pretendemos nos aprofundar mais a diante: o adivinho Tirésias.

Mas antes, voltando ao momento anterior ao início da peça, descobrimos pelas afirmações de Kury (1990) que, em vista dos acontecimentos contrários aos desígnios divinos ocorridos naquela cercania, a cidade de Tebas passou a ser castigada pelos deuses. Por conta disso, ela estava assolada com uma praga terrível, que secava campos e acabava com as plantações, levando a população à pura miséria e à fome. Mais uma vez, como era o costume, Édipo, rei soberano e preocupado com seus súditos, decidiu consultar o oráculo de Delfos,

para solucionar a tragédia que se abatera sobre o seu reino. Para tanto, fato esse que já fica evidente nos primeiros versos da peça, havia mandado que Creonte fosse consultar os deuses.

Sempre enigmáticas, as respostas do oráculo acabaram trazendo mais uma vez notícias não muito agradáveis ao atual rei de Tebas. Quando retornou à cidade, Creonte disse a Édipo: “Ordena-nos Apolo com total clareza que libertemos Tebas de uma execração oculta em seu benevolente seio, antes que seja tarde para erradicá-la” (versos 119-122, p. 23)<sup>1</sup>. Nessas palavras do oráculo podemos entender que a desordem e a desolação que se abateram sobre a cidade somente findariam quando o assassino de Laio, que se encontrava entre os moradores da cidade, fosse descoberto e quando a morte do antigo rei fosse vingada.

Ao saber da determinação de Apolo, que é o deus da mitologia grega vinculado ao oráculo de Delfos como veremos adiante, Édipo inicia uma contundente investigação para descobrir o responsável pela morte de Laio. Implacável na busca pela verdade e para fazer justiça em agrado aos deuses, Édipo tentou todos os meios possíveis para chegar ao seu objetivo, inclusive suplicando aos tebanos que revelassem qualquer pista a esse respeito. Assim como destacado por Kury (1990), essa busca pela resolução do mistério mostra uma grande característica do protagonista durante todo o enredo da peça: a postura e a faceta investigativa de Édipo. É esta atitude durante os eventos que ocorrem na peça que se entrelaça com o nosso terceiro eixo norteador, sobre o qual trataremos no último tópico desse capítulo.

Ademais, é no embalo desse movimento investigativo que a história do Édipo se cruza com a de outro personagem sob o qual pretendemos nos aprofundar: o velho adivinho Tirésias. Segundo nos conta Kury (2008), apesar de ser cego, Tirésias era capaz de ver, na escuridão dos seus olhos, o futuro e o passado, devido ao dom da profecia que lhe foi dado por Zeus. No enredo da peça, após ser aconselhado por Creonte no sentido de consultar o velho profeta, Édipo ordena que um criado vá buscar o adivinho.

---

<sup>1</sup> Em todas as citações diretas da peça de Sófocles, colocaremos entre parênteses o número dos versos a que se referem. A página marcada na citação diz respeito à tradução realizada por Mário da Gama Kury (1990).

Aguardando impacientemente pela chegada do profeta, quando Tirésias adentra o recinto é logo interpelado por Édipo a respeito do assassinato de Laio. O que se seguiu nessa breve conversa foi uma vã tentativa de Tirésias para não revelar ao atual rei de Tebas a verdade sobre o ocorrido. Contudo, diante da insistência de Édipo, que também passou a acusar o velho profeta de não se comover com o infortúnio pelo qual passavam os cidadãos tebanos, não restou ao adivinho qualquer alternativa, senão revelar a pungente verdade: Édipo era o assassino de Laio. Insatisfeito com a resposta, o acusado pelo crime de assassinato persistiu na querela, pedindo que seu interlocutor se explicasse melhor, ao que Tirésias respondeu: “Apenas quero declarar que, sem saber, manténs as relações mais torpes e sacrílegas com a criatura que devias venerar, alheio a sordidez de tua própria vida!” (versos 435-438, p. 35).

Diante dessas revelações, Édipo não conseguiu admitir a verdade e, mais uma vez, negou-se a concordar com o que os oráculos sabiam a respeito do seu destino e, ao mesmo tempo, do seu passado. Assim, pensando que as falas de Tirésias faziam parte de uma conspiração intentada por Creonte, cuja morte de Laio o levava ao trono, Édipo acreditou que tudo aquilo era um golpe para tirá-lo do poder. Diante das acusações do rei, Tirésias decidiu se retirar, mas não sem antes insistir na verdade que seu dom da profecia lhe permitia: “Vai e reflete sobre isso em teu palácio e se me convenceres de que agora minto então terás direito de dizer bem alto que não há sapiência em minhas profecias!” (versos 555-558, p. 40).

No restante da peça, a saga para descobrir quem era o assassino de Laio continuaria envolvendo todos os personagens que, de algum modo, testemunharam o que havia se passado no dia em que Laio morreu. Também foram interpelados todos aqueles que sabiam a respeito do nascimento do filho de Jocasta. Assim, nessa espécie de conto policial investigativo que é narrado nessa tragédia grega, todas as testemunhas são ouvidas por Édipo. Seja o pastor que levou o bebê recém-nascido ao monte Citéron, que era também o

componente da guarda de Laio que sobreviveu à briga contra o forasteiro. Seja o mensageiro que vem informar a morte do rei de Corinto, todos são interrogados pelo nosso protagonista. Ademais, a própria Jocasta serve de testemunha para a resolução do enigma. Em conjunto eles dão a Édipo os indícios necessários às conclusões inescusáveis.

Assim, juntando os depoimentos de todos esses personagens e as revelações do velho profeta, Édipo chegou a inevitável conclusão de que seu destino cruelmente descrito pelo oráculo em Delfos havia se concretizado. Ainda que todos os seus esforços tivessem sido empreendidos no sentido contrário, de nada havia adiantado sair da cidade onde cresceu e afastar-se dos pais que o criaram. Caprichosamente, ele vivenciou e descobriu, posteriormente, que as verdades reveladas pelos oráculos faziam parte da sua realidade vivida em carne e osso.

Certamente, existem outros pormenores que nos ajudam a entender como finda a história do nosso protagonista, mas que, por hora, não serão trazidos ao debate. Assim, damos-nos por satisfeitos quando conseguimos elucidar o contexto que envolve essa peça e os acontecimentos que, por vezes, passam despercebidos, principalmente no que tange à participação dos personagens oraculares no desenvolvimento e nos rumos que a história segue. Dessa forma, estamos em condições de prosseguir nos próximos tópicos com as nossas observações sobre esses dois personagens proféticos e sobre a faceta investigativa presente em Édipo.

## **1.2 O oráculo e o adivinho da saga de Édipo**

Como mostrado anteriormente, já fizemos um esclarecimento de que participam do enredo por trás do mito do Édipo dois personagens que representam profetas. Ou seja, entidades mitológicas que são consultadas por outros personagens da peça, no sentido de se obter revelações a respeito do seu próprio destino. Esses personagens são o oráculo de Delfos

e o velho adivinho Tirésias. Na apresentação a que nos dedicaremos agora, nossa intenção é explicar, de modo mais sucinto, qual a origem desses personagens que participam tão constantemente nas histórias e nos mitos gregos.

Nesse sentido, é mais eficaz partirmos do amplo para o específico e, primeiramente, nos dedicarmos a mostrar como surgiu a mitologia a respeito do famoso oráculo estabelecido na cidade de Delfos, visto tamanha importância que ele tem para a Grécia antiga. Logo após, demonstraremos como surge a mitologia acerca do velho Tirésias, essa figura profética que participa coadjuvando na peça do *Édipo Rei*. Em ambas as apresentações, não entraremos em maiores detalhes dos estudos sobre a mitologia de cada personagem, visto que estes serão mais bem abordados quando confrontados aos elementos teóricos e às hipóteses que pretendemos discutir ainda nesse trabalho.

### ***1.2.1 O deus Apolo e o oráculo de Delfos***

Como foi adiantado acima, precisamos primeiro entender qual a importância e a ligação entre o deus grego Apolo e o oráculo de Delfos, visto a relação que ambos estabeleceram com o mito do Édipo. Talvez, no campo psicanalítico não seja preciso clarificar a relação entre o mito edípico e o oráculo, visto o quanto essa história já é amplamente abordada nesse círculo. Contudo, acreditamos que se torna necessário esclarecer como a figura mitológica do oráculo e, conseqüentemente, sua participação no mito se relacionam com o deus grego Apolo. Essa última relação é o ponto primordial para compreendermos o significado que o oráculo tinha no contexto da mitologia grega na época da produção dessas narrativas.

Todavia, para aqueles que não estão tão aprofundados no contexto que envolve o mito, não custa lembrar – ainda que superficialmente, afinal isso já foi explicitado acima – que, no contexto da história do Édipo, o oráculo de Delfos foi consultado em vários momentos, seja

pelo próprio protagonista, seja por seu pai biológico, Laio. Dessa forma, como consideramos que a participação do oráculo se torna essencial para a compreensão do roteiro e dos desdobramentos que ocorreram na trama do *Édipo Rei*, precisamos também falar do significado que ele tinha na mitologia. Por conseguinte, descobriremos que a origem do oráculo em Delfos nos leva necessariamente ao mito do deus Apolo, motivo pelo qual os personagens da peça se referem aos desígnios dos oráculos como palavras advindas desse deus grego.

De acordo com Brandão (2015), nos escritos sobre mitologia grega, Apolo e sua irmã gêmea Ártemis são filhos de Zeus e da ninfa Leto. Esta foi uma, entre as várias amantes de Zeus e, ainda segundo o autor, o nascimento dos gêmeos foi marcado por uma grande peregrinação realizada pela mãe ainda grávida, na busca por um local seguro para trazer ao mundo seus filhos. Isso porque, Hera, a esposa traída, havia determinado que qualquer lugar da Terra estaria proibido de receber a gestante ou de permitir o nascimento dos filhos bastardos de Zeus. Todavia, existia uma ilha flutuante e estéril chamada Ortígia, que não estava fixada a nenhum lugar na terra, razão pela qual, não estaria à mercê do poder de Hera. Por esse motivo, a ilha se tornou o lugar ideal para que Leto pudesse trazer ao mundo seus filhos.

Entretanto, a ira de Hera não cessou e ela continuou a perseguir a amante de Zeus depois do nascimento dos gêmeos. Conforme afirma Brandão (2015), Hera não havia perdoado sua rival e ordenou que a serpente<sup>2</sup> Píton investisse contra Leto, que fugiu da ilha estéril na tentativa de salvar os filhos recém-nascidos. Em razão dessa perseguição e de tudo que sua mãe sofreu por eles, Ártemis e Apolo sempre estavam prontos a defender sua genitora em qualquer circunstância. Por isso, os gêmeos enfrentaram e derrotaram todos aqueles que

---

<sup>2</sup> Segundo Brandão (2015), não há, nos estudos sobre mitologia grega, um consenso a respeito dessa criatura mitológica. Alguns estudiosos acreditam que se tratava de uma serpente, outros preferem dizer que se tratava de um dragão. Todavia, decidimos, para efeito desse texto, optar por sempre mencioná-la como uma serpente.

provocaram algum mal a Leto e, obviamente, a serpente Píton acabou sendo um dos alvos dessa vingança, sofrendo, mais precisamente, com a ira de Apolo.

É nesse embate que a serpente se torna o elo entre Apolo e a cidade de Delfos, pois quando o deus chega a essa cidade, era a serpente quem guardava o oráculo de Geia no monte Parnaso. Nessa luta, Píton, que ainda alimentava toda a ira de Hera contra Leto e contra seus filhos, não foi adversário à altura do filho de Zeus. Assim, segundo Brandão (2015), a partir da vitória de Apolo, o oráculo de Geia no monte Parnaso passou a ser chamado de oráculo de Delfos, apesar de também haver relatos de que se tornou conhecido como o oráculo do deus Apolo, nomenclaturas que até hoje podem ser usadas como sinônimas.

Desse momento em diante, sob o domínio do deus Apolo, inicia-se uma nova era do oráculo de Delfos, que passou a funcionar de modo peculiar desde a morte da serpente e da atuação soberana do deus, conforme afirma Brandão (2015). Reza a lenda que o corpo da serpente em decomposição passou a emitir gases que causavam o entorpecimento daqueles que entravam no templo do monte Parnaso. O efeito alucinógeno dos gases fazia com que as pessoas tivessem revelações a respeito do destino e dos desígnios divinos e, por esse motivo, criou-se um ritual de consulta ao oráculo. Nesse ritual, pitonisas (mulheres que eram submetidas aos efeitos dos gases) recitavam versos que eram interpretados pelos sacerdotes do templo para responder às perguntas daqueles que consultavam o oráculo de Apolo. É somente após o período de domínio do deus Apolo que essa característica de um templo no qual se revelava o destino se concretiza.

Ainda de acordo com Brandão (2015), a figura mítica do deus, que se consolidou depois da vitória sobre Píton no monte Parnaso, era a de um grande intérprete nacional e resultava de um enorme sincretismo e de uma engendradora depuração mítica. A figura do deus Apolo, que conquista e domina a cidade de Delfos, tornando-se a referência do oráculo, funde numa só pessoa e em seu mitologema as características de intérprete dos desígnios divinos e

da sabedoria acerca de mundo espiritual. Essas características ficaram conhecidas pelo nome de mântica, que seria a capacidade de adivinhação dos oráculos ou de que suas falas dissessem respeito à realização de profecias.

É por isso que, no pequeno enxerto da peça do *Édipo Rei* que citamos acima, ao voltar de Delfos após consultar o oráculo, Creonte diz que foi ordenado por Apolo que se encontrasse o assassino do rei Laio. Da mesma forma, em vários outros trechos da peça, os personagens sempre se referem ao deus Apolo quando discorrem sobre as profecias e os desígnios divinos que foram acontecendo e dando vida ao enredo. O próprio Édipo, após descobrir seu trágico destino e cegar a si mesmo diz: “Foi Apolo o autor de meus males, de meus males terríveis; foi ele!” (versos 1577-1578, p. 88), referindo-se ao fato de que o oráculo já havia prenunciado tudo que ocorreria na vida do protagonista da peça.

Todavia, visto que no desenvolvimento desse texto ainda exploraremos mais algumas características das profecias e do deus Apolo, findamos por aqui essa introdução à mitologia do oráculo de Delfos. Passaremos agora a outro coadjuvante no mito do Édipo Rei: o velho adivinho Tirésias. Ademais, é importante salientarmos que esse personagem participa sorrateiramente de dois mitos gregos importantíssimos para a teoria psicanalítica, visto que ele faz uma pequena, mas relevante, participação no mito de Narciso. Por isso mesmo, vejamos primeiramente essa breve participação na tragédia narcísica, para depois adentrarmos em como se constitui essa figura mitológica.

### ***1.2.2 O velho adivinho Tirésias***

Segundo Brandão (2015), os estudos acerca do mito de Narciso revelam que Liríope (ninfa que era mãe do mais belo dos homens e mais belo que os deuses) preocupava-se a respeito de quanto tempo seu filho poderia viver, visto que tamanha beleza era uma afronta aos deuses. Devido a isso, ela consultou o velho adivinho Tirésias para saber a respeito do

destino de seu filho. Conforme aponta Graves (2018b), esta teria sido a primeira de todas as profecias realizadas pelo adivinho, que em sua resposta enigmática, como sempre eram as profecias, disse a Liríope: “Narciso viverá até uma idade avançada, desde que jamais conheça a si mesmo” (p. 496). Segundo a versão mais conhecida do mito, é justamente após ver seu rosto refletido que Narciso se prostra a beira da água, definhando até a morte por enamorar-se a si mesmo. É provável que muitos conheçam a respeito da utilização desse mito na teoria psicanalítica, mas que poucos saibam que Tirésias também é um personagem dessa história. Seguimos então com a descrição da mitologia acerca da vida do velho adivinho.

Brandão (2015) revela que Tirésias é uma figura mitológica que tinha o dom da mântica, ou seja, de realizar profecia e saber sobre passado, presente e futuro. Do mesmo modo como acontecia no ritual praticado em Delfos, ele era consultado quando alguém queria saber a respeito do seu próprio destino. Contudo, os acontecimentos por trás da forma como o velho adivinho teria recebido tal dom são bem diferentes daqueles que dizem respeito ao oráculo. Na verdade, Tirésias recebeu o poder da profecia como uma compensação dada por Zeus, após ficar cego em consequência de um castigo imputado por Hera. Tudo isso em função da resolução de uma dúvida sobre a qual o casal estava debruçado e que foi respondida pelo velho adivinho.

Todavia, antes de falarmos a respeito da dúvida que foi solucionada, precisamos descobrir como a história do velho adivinho o levou a ser capaz de tal feito. De acordo com Brandão (2015), ainda jovem, Tirésias estava prestes a passar pelas provas de iniciação: um ritual destinado ao amadurecimento, antes de ingressar na vida social na Grécia antiga. Nessa época, ele subiu o monte Citéron e lá presenciou a cópula de duas serpentes. Quanto à atitude de Tirésias diante da cena há certa divergência, mas ficamos com a versão na qual ele interrompeu o enlace e tirou a vida da serpente fêmea. Por outro lado, quanto à consequência de tal ato não há dúvida: ele se tornou mulher imediatamente e assim viveu por sete anos.

Após esse período, retornou ao mesmo local e novamente se deparou com uma cena semelhante. Nessa ocasião, ele decidiu separar o casal de serpentes e dessa vez tirou a vida da serpente macho, em vista do que retornou ao seu corpo masculino. Dessa forma, Tirésias tornou-se um personagem mitológico caracterizado pela experiência de ter vivido como ambos os sexos. Essa vivência, além de lhe tornar famoso, qualificou-o como a pessoa ideal para responder a querela travada entre Zeus e Hera, qual seja: quem sentiria o maior prazer no ato sexual, o homem ou a mulher? Sem titubear, Tirésias disse aos deuses algo que selaria seu destino: “se um ato de amor pudesse ser fracionado em dez parcelas, a mulher teria nove e o homem apenas uma” (Brandão, 2015, p. 184).

Devido ao que disse, Tirésias acabava por afirmar que no ato sexual a maior parcela de prazer seria sentida pela mulher, o que estabeleceria a máxima de que a participação do homem no ato sexual seria muito mais importante do que a da mulher. Ora, segundo a resposta de Tirésias, o homem proporcionaria à mulher muito mais prazer do que receberia em contrapartida. Decerto, ele podia saber disso, afinal vivera as sensações em ambos os corpos. Dessa forma, na visão de Hera, ele teria revelado um segredo importantíssimo do mundo feminino, colocando as mulheres em uma posição vulnerável em relação aos homens. Pois bem, foi por conta dessa heresia ao mundo feminino que Hera decidiu castigá-lo, deixando-o cego por toda vida. Em contrapartida, como forma de compensação e por gratidão, Zeus deu a Tirésias o dom da profecia e o privilégio de viver por sete gerações humanas.

Assim, concluímos a contextualização dos personagens mitológicos que participam do mito do Édipo. Isso será importantíssimo para compreendermos também certos desdobramentos que aconteceram nesse mito tão familiar à teoria psicanalítica. Mas, principalmente, precisamos ressaltar que, para além das profecias, as intervenções dessas figuras mitológicas se caracterizavam por serem referências no que diz respeito a auxiliar

outras pessoas a resolver dilemas pessoais. Ademais, segundo a literatura a respeito, descobrimos que esses personagens são colocados como tal referência, justamente porque desenvolveram uma habilidade para conhecer profundamente o ser humano.

Muito além do poder da adivinhação ou da profecia, conforme afirma Brandão (2015), eles são importantes porque suas intervenções buscam, de algum modo, estabelecer um equilíbrio curativo entre corpo e mente. Assim, segundo nosso entendimento, essas são as primeiras premissas que podem alçar o oráculo de Delfos e o velho adivinho Tirésias à condição de protagonista na mitologia grega e, principalmente, no mito do Édipo, endereçando-nos a releitura dessa narrativa sob outra perspectiva, que será nosso objetivo adiante nesse trabalho. Entretanto, retomamos agora o terceiro aspecto que decidimos ressaltar nessa contextualização inicial do mito edípico e apresentaremos os argumentos para identificar uma característica peculiar na vida do personagem do Édipo.

### **1.3 Édipo e sua faceta investigativa**

O último eixo norteador dessa análise preliminar do mito e da peça do *Édipo Rei* trata da característica essencial que podemos observar na participação e na atitude do protagonista diante dos eventos que ocorrem na peça. Ou seja, a faceta investigativa de Édipo em sua busca implacável para resolver o enigma da morte de Laio. Algo que leva Kury (1990) a afirmar que “sob certos aspectos o *Édipo Rei* pode ser considerada a primeira peça policial conhecida” (p. 9). Ademais, além de reconhecermos essa postura de maneira muito explícita durante os eventos transcorridos na peça, podemos perceber que essa característica já estava prenunciada no contexto de vida do Édipo. Vejamos isso, tomando como base uma releitura da história do protagonista de forma cronológica.

Quando pensamos a vida de Édipo como um todo, descobrimos que ele foi confrontado com um primeiro enigma ainda quando residente na cidade de seus pais adotivos.

Tal como aventado acima, dissemos que há um trecho da fala de Édipo na peça, no qual ele narra o momento em que, durante uma festividade, um bêbado disse que ele poderia ser filho ilegítimo. Édipo tomara essa fala como um insulto a sua ascendência e decidira confrontar seus pais a respeito do boato, como podemos ver descrito em suas próprias palavras: “Bem cedo na manhã seguinte, procurei meu pai e minha mãe e quis interrogá-los. Ambos se mostraram sentidos com o ultraje, mas inda assim o insulto sempre me doía; gravara-se profundamente em meu espírito” (versos 933-937, p. 58).

As palavras do nosso protagonista mostram que a resposta dos pais não abrandou sua necessidade de ir a fundo naquela suposta asserção acerca de sua origem. As falas seguintes de Édipo deixam claro que ele precisava de algo mais para pôr fim à dúvida levantada pelo ébrio companheiro de festa. “Sem conhecimento de meus pais, um dia fui ao oráculo de Delfos mas Apolo não se dignou de desfazer as minhas dúvidas; anunciou-me claramente, todavia, maiores infortúnios, trágicos, terríveis” (versos 938-942, p. 58).

Os infortúnios ouvidos por Édipo são os responsáveis por dar início a toda reviravolta que aconteceria em sua vida, afinal, é justamente tentando fugir desses presságios que, na verdade, acaba por realizá-los. Contudo, o que nos chama a atenção é o fato de que já está intrínseco nessa situação o surgimento da faceta investigativa de Édipo, antecipando-se aos acontecimentos propriamente relativos ao desenrolar do enredo da peça. Deveras, começava ali, diante da dúvida levantada por alguém de seu convívio, uma necessidade de resolver os enigmas que se lhe apresentavam.

Além disso, podemos perceber que Édipo não se apazigua nem mesmo com a fala daqueles a quem tanto estimava. E a prova dessas duas constatações (a estima pelos pais e que as falas deles não o consola) pode ser entendida como a necessidade de verificar junto ao oráculo a veracidade a respeito do que seus pais disseram. Ao mesmo tempo, após ouvir a profecia do oráculo, decide não voltar a sua terra natal, para evitar a morte do pai e o incesto

com mãe. Ou seja, Édipo demonstra ter muito apreço pelos seus pais adotivos, mas não o suficiente para que as palavras ditas por eles pudessem demovê-lo de sua necessidade de saber mais – da sua necessidade de ir além do que seus pais lhe disseram e confrontar com os rumores levantados pelo homem embriagado.

Voltando à fala de Édipo comentada acima, não achamos que foi por acaso que o verbo interrogar apareceu quando se descreve a iniciativa de nosso protagonista ao levantar a questão de sua origem junto aos pais. Tal como um detetive, ele quer ouvir as principais testemunhas que podiam falar a respeito dos fatos. Ainda assim, não satisfeito com o depoimento, vai buscar outras provas a respeito do acontecido. Certamente, as provas possíveis dentro daquele contexto, que consistia em ouvir os desígnios dos deuses a respeito do seu próprio destino. Entretanto, além de nada explicar, a profecia oracular impôs a Édipo novos caminhos a seguir. Rotas que o levariam ao confronto com a Esfinge, uma charadista por natureza que vai reforçar e impor a ele essa necessidade de resolver enigmas.

O encontro entre esses dois personagens expande essa faceta investigativa para além de uma curiosidade típica do peregrino dos pés inchados. Ser capaz de desvendar a charada imposta pela Esfinge eleva Édipo à condição de herói e de libertador de um povo que sofria pela falta de astúcia diante da charadista. Inteligência esta que o forasteiro demonstrou possuir tão grandemente e que também pode ter eliciado a sua faceta de solucionador de enigmas. Além disso, a partir desse momento, o investigador em causa própria vê sua habilidade trazer-lhe frutos inimagináveis e alçá-lo a uma condição de referência e de liderança de um povo.

Assim, encontrar respostas para os problemas daquela cidadela e, posteriormente, conduzir sabiamente seu povo ajudam a constituir ainda mais uma personalidade voltada à busca pelo saber. Alguns versos da peça de Sófocles também ressaltam isso. Por exemplo, na oportunidade na qual o protagonista consulta a sabedoria mântica do adivinho Tirésias. Nessa ocasião, Édipo diz ao ancião que não havia entendido o que Tirésias queira dizer por que este

falava vagamente e recorria ao uso de enigmas. Ao que Tirésias retruca, ironicamente, perguntado ao claudicante: “Não és tão hábil para decifrar enigmas?” (verso 530, p. 39).

Do mesmo modo, ocorre no momento derradeiro do protagonista em Tebas, quando o Corifeu encerra a peça dizendo: “Este é Édipo, decifrador dos enigmas famosos; ele foi um senhor poderoso e por certo o invejastes em seus dias passados de prosperidade invulgar” (versos 1803-1805, p. 97). Ora, percebemos que a necessidade e a habilidade de Édipo em encontrar a resposta para o enigma da Esfinge moldaram de maneira peculiar a essência desse personagem e, concomitantemente, sua própria história de vida.

Continuando com os acontecimentos da peça, pois nela tudo fica ainda mais claro, Édipo, como rei soberano da cidade, é convocado a resolver os problemas da fome, da peste e da praga instalados em Tebas. Essa convocação também remete à habilidade que outrora ele demonstrou ao derrotar a Esfinge, dizendo respeito à possibilidade de que Édipo responda por que a cidade sofria tal desmesura. No entanto, Édipo já havia se adiantado a este clamor popular, mandando que Creonte fosse consultar ao oráculo. Assim como vimos acima, a resposta vinda do deus Apolo é mais um enigma imposto ao nosso herói. Novamente, ele encarna sua faceta de detetive e vai buscar as pistas para solucionar o assassinato de Laio e punir o malfeitor, a despeito de qualquer consequência que isso possa representar.

Nossa atenção se volta a essa faceta investigativa de Édipo, entre outras coisas, principalmente porque ela parece se apresentar como um vetor de todos os acontecimentos de sua vida. Ela parece ser a força motriz de suas atitudes, independentemente de qualquer outra percepção que Édipo poderia ter. Brandão (1987) faz uma alusão ao fato de que essa força também se nutria da sustentação que ela dava à posição de rei que Édipo alcançou em função da sua capacidade de resolver enigmas. Isso porque, o claudicante forasteiro foi aclamado e levado ao trono, com respaldo do povo tebano, em razão da sua façanha memorável diante da Esfinge. Para o autor, Édipo acreditava deter um saber inigualável e não admitia ser

despojado de sua posição de poder. Tal fato, segundo o autor, acabou por impedi-lo de ver claramente algumas nuances das pistas e dos testemunhos a que tinha acesso durante a trama, mantendo-o fixado à manutenção do seu propósito de poder.

Também devemos ressaltar como essa força motriz por trás da faceta de investigador pode ser interpretada, com base em alguns autores psicanalíticos que se detiveram ao tema. Apesar de associar simbolicamente essa força aos motivadores inconscientes de Édipo, Quinet (2015) afirma que podemos fazer uma leitura da mitologia edípica não como uma tragédia do destino, mas sim como um desdobramento da livre vontade do herói que, deliberadamente, é responsável pela catástrofe que se lhe impõe. De outro modo, Jorge (2010) destaca o que poderíamos chamar de atos falhos contidos nas falas de Édipo durante a peça, nos quais ele deixaria transparecer que desconfiava da verdadeira versão a respeito do que tinha acontecido. Mas, ainda assim, o herói dos pés inchados continuava firme em sua vontade de desvendar o mistério da morte de Laio, como poderemos ver nesses trechos destacados a seguir.

No início da peça, após saber que o assassino de Laio vivia entre os cidadãos de Tebas e imputar as punições que mereceria, Édipo diz: “E se ele convive comigo sem que eu saiba, invoco para mim também os mesmos males que minhas maldições acabam de atrair inapelavelmente para o celerado!” (versos 292-295, p. 29). Ao final da peça, descobrimos que as maldições que Édipo rogou ao assassino são exatamente as que ele viveria após descobrir-se como o tal celerado: o exílio e uma vida em desgraça e miserável. Mas algumas questões surgem em função disso, tomando como base a ideia de um saber inconsciente, que se manifesta em sua fala consciente.

Por que haveria de invocar a si mesmo essas maldições por apenas conviver com o assassino? Podemos interpretar que, ao dizer “convive comigo”, Édipo refere-se ao assassino convivendo internamente consigo mesmo, como se fosse um segredo oculto a ele próprio? Do mesmo modo, verificamos a semelhança que essas maldições voltadas ao assassino de Laio

têm com aquelas que Édipo se impôs ao receber os presságios do oráculo na primeira vez que esteve em Delfos. Ou seja, por que imputar ao assassino do antigo rei a mesma pena que impôs a si mesmo? Essas questões entrelaçam os desdobramentos da peça com as consequências da própria vontade de Édipo. Dessa forma, a ação motivadora da peça pode ser considerada como algo oculto aos leitores e que, sob o ponto de vista de uma leitura psicanalítica, pode ser vista como uma manifestação do inconsciente do protagonista.

Ainda sobre esse saber oculto manifestado pelo protagonista, um pouco mais adiante no enredo da peça, já mais próximo da revelação final, Édipo conversa com Jocasta sobre os eventos ocorridos no dia do assassinato de Laio. O detetive queria descobrir a verdade a respeito do fato, pois até aquele momento, resistia a versão de que vários homens teriam matado Laio. Afinal, o arauto do rei Laio que havia sobrevivido ao ataque na encruzilhada, havia afirmado ao povo tebano essa versão, mas Édipo queria confirmá-la diretamente com a principal testemunha. Ora, Édipo sabia que numa circunstância muito parecida com a história da morte do antigo rei, ele próprio havia tirado a vida de um homem. Novamente, as falas que Édipo dirige à Jocasta colocam a si mesmo no centro da questão: “Mas, se ele falar de um homem só, de apenas um, então, senhora, a imputação se aplicará a mim, sem dúvida” (versos 1009-1011, p. 60).

Esse pequeno conjunto de falas e de situações descritas na peça mostram que Édipo, ao se aproximar da verdade que queria descobrir, sempre se coloca (seja diretamente, seja involuntariamente) como alvo da punição merecida ao assassino. Ora, assim como nós sabemos, ele não podia esconder de si mesmo as circunstâncias que haviam precedido sua chegada à cidade de Tebas. Tudo que vai se desenhando na trama da peça vai clarificando em sua mente as ligações que sua própria história tem com a afirmação do oráculo a respeito da presença do assassino de Laio entre os moradores da cidade. Sendo assim, o que queremos destacar é que Édipo não abriu mão de sua faceta investigativa e, conseqüentemente, de sua

condição de herói e de líder, até mesmo quando os sinais a sua volta indicavam, sorratamente ou diretamente, a proximidade da revelação trágica.

Certamente, essa sucessão entre aproximação e afastamento da revelação da verdade implica justamente a magia por trás da trama da peça. Entretanto, outro par simbólico que podemos associar a essa situação é o que se pode fazer entre a autoacusação e a necessidade de solução da querela demonstrada por Édipo. Nosso protagonista parece sempre ser demovido de sua certeza de culpabilidade, demonstrada pela maneira como imputa a si a punição merecida ao assassino, por uma nova chance de resolver mais um detalhe da trama.

Freud (1917[1916-17]/1996) destaca que a peça de Sófocles é uma demonstração de como o feito realizado por Édipo (o assassinato de Laio) “é gradualmente trazido à luz por uma investigação engenhosamente prolongada e restituído à vida por meio de sempre novas séries de provas” (p. 334). Dessa forma, inferimos que Édipo sempre contraria suas próprias afirmações de que sem dúvida é o responsável pelo assassinato do rei, porque se vê novamente diante de algo mais que precisa descobrir. A cada aproximação da verdade, uma nova charada é imposta ao nosso herói. Quanto mais se percebe como autor dos fatos, mais se deixa inebriar por mais um ponto a ser resolvido.

A nosso ver, a peça do *Édipo Rei* precisa também ser destacada por essa faceta do personagem. Como diz Jorge (2010), “Édipo sabe sem saber que sabe, ao mesmo tempo em que age motivado pelo desconhecimento ativo desse saber” (p. 188). A história na peça e a história de vida de Édipo mostram que a sina desse personagem é resolver esses enigmas que a vida lhe impõe, completando as lacunas em busca da verdade. Assim, as características dos três eixos norteadores desse capítulo podem perfazer um ciclo de inter-relações entre si e justificar nossas elucubrações na releitura dessa peça tão importante para a psicanálise.

Certamente, o contexto por trás da vida de Édipo mostra a participação de personagens essenciais ao desenrolar da história. Os personagens destacados são aqueles que também

impõem ao Édipo esse campo da dúvida e que exercitam sua faceta investigativa. Esse contexto também elucida o surgimento, o crescimento e a pertinência de uma característica peculiar no principal personagem, bem como demonstra a possibilidade de ser entendida como força propulsora dos fatos. Esses argumentos demonstram que a peça se compõe de sucessivas descobertas que perfazem um processo de preenchimento das lacunas desconhecidas pelo próprio protagonista em sua história de vida e que caminha para um desfecho realizado como uma síntese dessas descobertas ao final da tragédia.

Por isso, como afirmamos no início deste trabalho, se essa trama pode ser comparada também ao processo de análise, entre outras possibilidades, em muito ela se assemelhará ao conceito de construções em análise, desenvolvido por Freud em 1937. Nesse sentido, as construções podem ser vistas como fruto de um processo investigativo realizado pela dupla analítica acerca das lacunas desconhecidas da história infantil e inconsciente do paciente. E, assim sendo, esse se tornará o nosso fio condutor para continuarmos o próximo capítulo, com uma revisão, com base no arcabouço psicanalítico, a respeito desse conceito, buscando estabelecer sua relação com os pontos que destacamos do contexto, dos personagens secundários e do protagonista da peça nesse capítulo que se encerra.

## 2. Construções em análise e o método psicanalítico

Após abordarmos os pontos a respeito da mitologia grega e do contexto relativo ao enredo da peça de Sófocles, bem como destacarmos alguns dados sobre personagens específicos dessa trama, podemos prosseguir com nossas elaborações em relação à comparação da peça ao processo de análise. A nossa principal inferência parte do princípio de que há no desenrolar do enredo da trama um processo de descoberta realizado pelo protagonista, pelo qual ele vai completando lacunas e encaixando as peças que faltavam para desvendar a verdade sobre sua própria história de vida. Como visto, sustentamos a suposição de que esse processo é motivado pela faceta investigativa de Édipo e pelas injunções e informações que são direcionadas a ele por meio de outros personagens, dentre os quais aqueles que possuem as características mitológicas de oráculos.

Reforçando algo que dissemos anteriormente, sustentamos a inferência de que as obras artísticas demonstram ser capazes de transmitir ao leitor uma perspectiva sobre certas vivências que se aproximam dos fenômenos psicológicos que perpassam a vida real. Adicionalmente, incluímos a possibilidade de que elas possam representar aquilo que é intrínseco ao processo de análise do ponto de vista técnico. Assim, além de manifestar aquilo que faz parte das premissas psicanalíticas sobre o funcionamento da mente humana, o *Édipo Rei* pode nos ajudar a compreender os mecanismos pelos quais se processam o fenômeno da análise. Para tanto, vamos desenvolver a ideia de que algo semelhante à dinâmica das construções em análise se passa na peça, sensibilizando e colocando em marcha esse processo de descoberta representado e realizado pelo protagonista.

Para avançarmos nesse sentido, seguimos na esteira do que diz Azevedo (2004), quando afirma que a peça de Sófocles tem muito a dizer sobre os caminhos e sobre os princípios que, posteriormente, Freud privilegiaria como inerentes ao método psicanalítico.

Assim, sugerimos no final do capítulo anterior a hipótese de que a comparação comentada pelo pai da psicanálise, qual seja, que a ação desenvolvida na peça consiste num “processo de revelação, com engenhosos adiamentos e sensação sempre crescente – um processo que pode ser comparado ao trabalho de uma análise” (Freud, 1900/1996, p. 288), pode ser analisada a partir da semelhança entre os fenômenos ocorridos na peça e o conceito de construções em análise.

Dessa forma, no presente capítulo, temos como objetivo revisar bibliograficamente esse importantíssimo conceito para a técnica psicanalítica e determinar algumas de suas principais características, para que possamos retomar a sua comparação com os eventos e desdobramentos que foram destacados nessa apresentação inicial do contexto e do enredo da peça. Para finalizar a discussão principal dessa parte da dissertação, vamos realizar também uma breve alusão a algumas concepções de Freud que dizem respeito ao que pode ser entendido como definições do método psicanalítico.

A intenção é que essas concepções ajudem a reforçar a nossa analogia, visto que encontramos nelas algumas características importantes do método psicanalítico aptas a serem comparadas ao que destacamos da dinâmica que se passa no enredo do *Édipo Rei*. Além disso, como veremos ao final do capítulo, ainda que essas características digam respeito a uma concepção mais abrangente do processo psicanalítico, elas são importantes para reforçar nossa hipótese acerca do elemento teórico principal desse capítulo, que são as construções em análise.

## **2.1 Um resgate teórico sobre as construções em análise**

Inicialmente, ao revisar a literatura acerca do conceito de construções em análise é quase impossível não referenciar a proximidade, ou até mesmo a justaposição, que essa noção tem com o conceito e com a técnica da interpretação. Talvez, isso decorra do fato de que, no

texto no qual Freud (1937/1996) se dedica a teorizar sobre as construções em análise, ao discorrer sobre o uso diferenciado desses termos, ele próprio faça questão de destacar certa distinção que poderia existir entre as duas formulações teóricas. Assim, por se tornar oportuno, vamos começar então com um pequeno resgate das formulações acerca da interpretação, mostrando que o desenvolvimento teórico posterior desse conceito acabou estabelecendo uma estreita vinculação à noção de construções em análise.

### ***2.1.1 Da interpretação às construções***

Tomando como base o clássico texto psicanalítico no qual são apresentadas a teoria e a técnica para a interpretação dos sonhos, somos convidados por Freud (1900/1996) a compreender que o método de “‘interpretar’ um sonho implica atribuir a ele um ‘sentido’ — isto é, substituí-lo por algo que se ajuste à cadeia de nossos atos mentais como um elo dotado de validade e importância iguais ao restante” (p. 131). Por essa perspectiva conceitual inaugural, podemos entender que a técnica da interpretação estava vinculada essencialmente à tarefa de encontrar os significados latentes presentes em meio ao conteúdo manifesto dos sonhos comunicados pelos analisandos na situação clínica.

Reforçando essa definição inicial da técnica interpretativa, Roudinesco e Plon (1998) confirmam que o termo é uma expressão derivada diretamente d’*A interpretação dos sonhos* de Freud, para se referir ao trabalho de decifração dos sonhos. Mas estes autores acreditam que, por extensão, a interpretação também pode se referir a qualquer intervenção do analista que tenha por objetivo permitir que o paciente tenha acesso aos significados inconscientes de seus atos e de seu discurso. Ainda nesse sentido, Laplanche e Pontalis (2016) definem a interpretação como a comunicação feita ao paciente durante o tratamento, que visa dar acesso ao sentido latente de suas palavras e comportamentos e trazer à tona o desejo sobre o qual se produz qualquer manifestação do inconsciente.

Em função disso, os autores citados concordam que, com o passar do tempo, a atividade interpretativa não se resumiu apenas à tarefa realizada pelo analista em relação ao processo de análise dos sonhos (Laplanche & Pontalis, 2016; Roudinesco & Plon, 1998). Essa visão pode ser reforçada por Zimerman (1999), ao considerar que a função interpretativa do analista não é totalmente unívoca. De acordo com a evolução da teoria e da técnica psicanalíticas, segundo este autor, todos os outros fenômenos que aconteciam na clínica, como a resistência e a transferência, passaram a ser interpretados pelo analista. Assim, a atividade interpretativa tornou-se uma espécie de palavra-chave para designar, de modo geral, quase todas as intervenções realizadas pelo analista na situação clínica.

Retornando ao texto freudiano de 1937, como dito acima, na tentativa de diferenciar os dois conceitos, Freud caracteriza a interpretação como um apontamento feito pelo analista relativo a um material isolado trazido pelo paciente ao contexto clínico. Nesse momento, Freud já demonstrava que a interpretação não se aplicava mais apenas aos sonhos, mas ele também explica que, tradicionalmente, nos textos psicanalíticos havia certa preferência a nomear como interpretação quase todas as intervenções realizadas pelo analista. Supomos que esse fato não permitiu aos leitores de suas obras realizarem uma clara distinção entre uma coisa e outra. Em seguida, concluindo sobre essa distinção dos dois termos e apresentando uma primeira definição do conceito, Freud (1937/1996) esclarece que a construção deveria ser compreendida como algo diferente da interpretação: uma espécie de apresentação ao sujeito em análise “de um fragmento esquecido de sua história primitiva” (p. 279).

Podemos compreender melhor a proximidade dos dois conceitos e, por conseguinte, a necessidade que Freud sentiu em demarcar o limite e a diferença entre eles com o que apontam Roudinesco e Plon (1998) sobre o tema. Estes autores sugerem que a introdução no arcabouço psicanalítico da noção de construção em análise, caracterizada como um procedimento essencial da técnica do analista, seria uma tentativa de Freud para diminuir a

onipotência da utilização da interpretação. Isso porque, com o passar do tempo e com a popularização da psicanálise, a atividade interpretativa realizada selvagemmente, sem critério e sem formação técnica, parecia incomodar o seu fundador. Principalmente, porque ela passava a não cumprir a função a que devia se destinar dentro do processo analítico e manchava a reputação da teoria que Freud pretendia tornar cientificamente aceita por todos.

Nesse sentido, concordamos com Roudinesco e Plon (1998) quando dizem que a noção de construção em análise pode ser considerada, simultaneamente, “a quintessência da interpretação e uma crítica da interpretação, na medida em que permite restabelecer de modo coerente a significação global da história de um sujeito em vez de se ater à apreensão de alguns detalhes sintomáticos” (p. 389). Do mesmo modo, apontam Laplanche e Pontalis (2016), seria indesejável, a despeito da diferença sustentada por Freud entre os dois conceitos, conservar um sentido muito restritivo ao termo construção. Ou seja, para Laplanche e Pontalis, a construção pode ser entendida como uma intervenção do analista realizada a qualquer momento do tratamento, sempre que essa comunicação se preste a uma tentativa, por parte do analista, de obter a eliminação da amnésia infantil e fazer surgir recordações de fragmentos recalçados.

Por isso posto, antes de desenvolvermos melhor as formulações teóricas a respeito do conceito de construções em análise e de nos atermos a outras definições que complementam a apresentação inicial cunhada por Freud logo acima, precisamos entender que essa noção já perpassava a produção teórica do fundador da psicanálise. Como poderemos ver a seguir, fazendo uma retomada de alguns escritos freudianos que pincelam algo sobre o tema em discussão, somos remetidos a obras que demonstram o desenvolvimento e o surgimento de indicações acerca do método analítico baseadas nas premissas inerentes às construções.

Assim sendo, seja como uma reformulação bem elaborada da atuação interpretativa do analista, seja como uma crítica a essa atividade, podemos nos convencer facilmente que a

realização de construções no processo analítico já se apresentava na obra de Freud, mesmo antes de 1937, ano no qual ele se dedicou a escrever um texto totalmente voltado a esse conceito técnico.

### ***2.1.2 O conceito de construções perpassa toda obra de Freud***

Como primeiro exemplo dessa percepção, podemos retornar ao momento quando Freud (1919/1996) discorre sobre as fantasias de espancamento de crianças que perturbavam alguns de seus pacientes. Nesse estudo realizado por Freud, somos apresentados à hipótese de que a análise poderia permitir que o paciente refizesse o processo histórico de desenvolvimento dessas fantasias. Assim, o resgate histórico proporcionado pela análise poderia apontar quais modificações essas fantasias sofreram em relação ao seu objeto, ao seu conteúdo e, até mesmo, ao seu significado.

Além disso, Freud (1919/1996) afirma que esse pedaço da história infantil precisa, e somente pode ser reconstruída, tornando-o consciente, através do processo de análise, corroborando com a primeira definição de construções que apresentamos acima. Ou seja, quando Freud detalha primorosamente a maneira como se formam as fantasias de espancamento que estão por trás da origem de algumas perversões nos adultos, ele demonstra que o analista deve reconstruir um fragmento da história infantil desses pacientes, fragmento este que, muitas vezes, sequer está presente na memória do paciente.

Algo semelhante a esse processo pode ser atribuído às aventuras freudianas de analisar certas figuras históricas e vultosas, como nos seus estudos sobre Leonardo da Vinci e Moisés. No primeiro deles, Freud (1910a/1996) tenta aplicar os métodos clínicos da psicanálise para falar a respeito de uma lembrança infantil do proeminente artista. Apesar do erro de tradução que todos conhecemos em relação ao tipo de pássaro envolvido na lembrança do artista, o que vemos Freud realizar é uma verdadeira reconstrução da história infantil de

Leonardo da Vinci. Elucubração esta que poderia trazer para superfície muitos elementos ocultos do desenvolvimento e da vida psíquica do artista. É nesse texto também que Freud deixa claro o sinal de que essa reconstrução, baseada nos métodos técnicos psicanalíticos, visava preencher as lacunas existentes na história de vida dos pacientes, apresentando-nos a mais uma forma de conceituar um dos objetivos das construções realizadas no processo analítico.

Já em *Moisés e o Monoteísmo*, um pouco de ousadia interpretativa nos leva a compreender que Freud (1939[1934-38]/1996) realiza uma reconstrução de toda a história e dos significados contidos na mitologia acerca da figura do varão que libertou o povo judeu do Egito. São os preceitos psicanalíticos que fazem Freud encontrar na história de Moisés o dito romance familiar e comparar o enredo da história bíblica ao mito edípico, reconstruindo também na vida daquele personagem os dramas vividos pela criança sujeita às más intenções da figura paterna. Ainda nesse texto, Freud fala que a narrativa bíblica por trás da história de Moisés sofreu com deformações, que atendiam a intuições tendenciosas e que correspondiam a produtos de uma invenção poética. Sendo assim, a reconstrução que ele apresentava nesse texto tinha o intuito de apontar essas deformações para trazer à tona a verdade histórica que subjazia por trás desses intuítos.

Mais do que revelar uma verdade antônima à mentira, esse processo tinha como peculiaridade oferecer uma nova versão aos fatos, uma versão que tinha como fundamentação uma característica intrínseca à psicanálise: revelar um conhecimento que fala a respeito de uma verdade do inconsciente; uma versão acerca de um saber inconsciente. Esse intuito foi perseguido por Freud e articulado nesse impressionante texto escrito no período da grande guerra, como uma forma de apontar os fragmentos obscuros ou incógnitos que somente poderiam ser vistos pela égide psicanalítica. Essa releitura foi sustentada numa reconstrução da mitologia que amparava a história dessa figura bíblica e se assemelha, em grande medida,

àquilo que Freud sempre defendeu como um dos principais fundamentos da psicanálise: a emergência do inconsciente.

Tomando como base essa faceta que atribuímos à releitura que Freud faz da história de Moisés, podemos retirar da obra freudiana mais algumas definições com as quais podemos caracterizar o conceito de construção em análise como um processo de revelação do inconsciente. Dessa forma, a próxima conceituação que apresentaremos vai amparar e reforçar a nossa afirmação de que a noção de construções perpassava outras obras de Freud, como apontamos nos parágrafos anteriores. Além disso, percebemos que a noção sobre a técnica da construção pode sustentar uma percepção mais ampla do próprio processo de análise e dos fundamentos psicanalíticos.

Sendo assim, contrariando certo sentido lógico, vamos deixar para logo mais o texto clássico sobre as construções escrito por Freud em 1937 e continuar nossas digressões sobre o assunto com alguns apontamentos que podem ser retirados do seu *Esboço de Psicanálise*. No referido texto, Freud (1940[1938]/1996) refaz o esclarecimento de que as atividades psíquicas podem se apresentar e podem ser registradas em qualquer uma das suas três distintas qualidades: a inconsciente, a pré-consciente ou a consciente. Ademais, Freud utiliza essa distinção entre as qualidades para reiterar a noção de como a função do psicanalista perpassa a atividade de permitir que o paciente tenha acesso ao material inconsciente. Para tanto, ele reforça algo já citado acima, no texto sobre as fantasias de espancamento de uma criança, dizendo que a construção apresentada pelo analista na situação clínica pretende preencher as lacunas na percepção consciente do analisando.

Essa atividade não se desenvolve de maneira simples, já que modificar a qualidade na qual esse registro se encontra enfrenta uma força psíquica muito importante, que é o efeito da resistência imposta pela necessidade de manter um material psíquico em sua qualidade inconsciente. Contudo, Freud (1940[1938]/1996) explica que a construção pode lograr êxito

justamente porque o material apresentado ao paciente durante a análise estabelece uma ligação entre os registros consciente e inconsciente. Ou seja, o conteúdo da construção preenche a lacuna sobre o material registrado conscientemente e é capaz de modificar o estatuto desse material, porque tem uma ligação intrínseca com o registro inconsciente em seu estado original.

Consoante ao apontamento que realizamos antes, vemos nesse argumento freudiano a noção de que o fenômeno da construção perpassa toda sua obra, no sentido de que a construção também corresponde a uma técnica ou a um fenômeno clínico que visa permitir dar acesso à percepção consciente do paciente algum conteúdo psíquico que se encontrava inconsciente. Nessa concepção assim apresentada, a construção tem como função preencher a lacuna que existe na percepção consciente do analisando em relação ao que ele próprio conhece e, ao mesmo tempo, desconhece sobre sua história de vida, tendo em vista que ela se compõe também de registros inconscientes.

Assim, quando Freud se propõe a reconstruir a história de personagens como Leonardo da Vinci e Moisés, ele traz para o primeiro plano suposições ou hipóteses que pretendem preencher as lacunas que explicam, sob o ponto de vista da psicanálise, certas características da vida, da obra, do legado, da mitologia e, inclusive, da personalidade desses sujeitos. Com isso, podemos ver que, apesar do espaço de quase quarenta anos entre essas análises realizadas por Freud, a utilização do método psicanalítico para a execução dessa tarefa traz em seu bojo algo de muito familiar, que pode nos levar a considerá-las como semelhantes à noção de construção. Isso porque, a pesquisa biográfica e/ou histórica a respeito da vida dessas figuras vultosas da humanidade busca elucidar certas partes que permaneciam ocultas e que nos revelavam alternativas de compreensão e de percepção acerca da vida desses sujeitos.

Além disso, esta parte oculta destaca-se como tendo sua origem no inconsciente, seja em sua manifestação mais particular, como no caso da análise feita sobre o grande artista, seja como reverberações e manifestações do inconsciente na construção e na manutenção de processos culturais e dos mitos dos mais variados povos, como fica patente no romance histórico escrito por Freud sobre Moisés. Dessa forma, a reconstrução psíquica da vida desses personagens cumpre o papel de estabelecer as relações entre os dois registros da atividade psíquica, reforçando, paralelamente, a capacidade que a psicanálise tem para empreender-se nesse tipo de leitura da realidade e dando mostra da importância e do prenúncio do conceito de construção na obra freudiana.

Para avançarmos um pouco mais, precisamos ressaltar que nessa última apresentação do conceito de construções destacamos, ainda que de passagem, algo importantíssimo para o entendimento da vida psíquica e para chegarmos à próxima aparição do conceito nos textos freudianos. Na psicanálise, partimos da premissa de que uma parte da vida psíquica dos sujeitos encontra-se em sua qualidade inconsciente. Como aponta Maurano (2003), “a psicanálise vem ressaltar que o Eu não é senão a fachada de nós mesmos, do sujeito que somos. O que realmente somos escapa às possibilidades de apreensão do Eu” (p. 26).

Em certa medida, somente seremos confrontados com essa parte, quando surpreendidos pelos nossos atos falhos, nossos lapsos de fala ou de escrita ou pelos nossos sonhos com seus enredos estranhos. Por isso, algumas vezes, os sujeitos são pegos de surpresa por comportamentos não intencionais, repetidos de forma incompreensível sob os pontos de vista lógico e racional. E assim, a surpresa com esses acontecimentos e o sofrimento psíquico causado por essa incompreensão revelam a existência de um ordenamento psíquico até então desconhecido.

Mais do que uma noção de desconhecimento, esse ordenamento psíquico também revela um processo pelo qual algumas partes do nosso saber e de nossas memórias são

retiradas do nosso acesso consciente. Esse processo de exclusão revela outro conceito importantíssimo para a psicanálise: o recalque, que se tornou a base para o entendimento do funcionamento psíquico. A respeito dele, visto que não é o objetivo fundamental dessa exposição, fiquemos apenas com a afirmação de Freud (1915/2004) no sentido de que o recalque passa a atuar justamente quando já se pode distinguir uma separação entre a atividade psíquica consciente e inconsciente e que, em essência, o recalque “consiste apenas na ação de repelir algo para fora do consciente e de mantê-lo afastado deste” (p. 178).

Em função desse processo de recalque, Freud (1926[1925]/1996) assevera que é natural que o sujeito tente não se haver com percepções ou ideias, sobre as quais, durante o seu desenvolvimento psíquico, consciente ou inconscientemente, não mais dirigia sua atenção ou nem se lembrava. Quando confrontado em relação a isso durante o processo psicanalítico, o paciente ainda sente que essas ideias e pensamentos não pertencem a ele, bem como, muitas vezes, argumenta que elas são o oposto do que, conscientemente, poderia vir a desejar. Nesse sentido, o processo de recalque nos deixa em vias de apresentar a atuação de outro conceito típico da clínica psicanalítica aventado logo acima. Isso porque essa característica de não recordar ou de se afastar desses conteúdos ocorre fundamentada numa forte barreira erigida pelo fenômeno da resistência.

Para uma pequena apreensão do significado desse fenômeno típico da clínica, recorremos novamente a um dos textos basilares da psicanálise. Em meio a toda construção teórica e explicitação acerca do processo de interpretar os sonhos, Freud (1900/1996) estabelece, dentre as variadas máximas que marcaram a teoria, uma das principais constatações da psicanálise: “tudo o que interrompe o progresso do trabalho analítico é uma resistência” (p. 548). Por isso, Freud (1905[1904]/1996) afirma que a parte essencial do trabalho analítico: transformar as representações patogênicas inconscientes em material consciente – sempre esbarraria num duro embate com a resistência.

Portanto, a recordação desses dois conceitos é essencial para lembrarmos o que se caracteriza como fundamental na prática analítica freudiana e aquilo que é mister na relação que se estabelece entre paciente e analista. Dessa forma, o trabalho do psicanalista está atrelado também à necessidade de perceber e trabalhar sobre a resistência do paciente. Assim, as ferramentas e as técnicas desenvolvidas com esse intuito são alicerçadas com base no entendimento das funções desempenhadas pelo recalque e pela resistência, algo que não poderia se furtar a aparecer no fenômeno das construções em análise.

Por conta dessa especificidade, que retomamos agora o texto sobre as *Construções em análise*, no qual Freud (1937/1996) explica que o sujeito que se empreende em um processo psicanalítico precisa ser induzido a recordar algo que foi em algum momento por ele experimentado e que, em função do processo de recalque, foi retirado de sua consideração consciente. Nesse sentido, continua Freud, a função do analista, apesar de não ter vivenciado nada daquilo que foi experienciado pelo paciente, é “completar aquilo que foi esquecido a partir dos traços que deixou atrás de si ou, mais corretamente, construí-lo” (p. 276).

Chegamos assim a mais um conceito sobre o processo e o objetivo de se realizar construções em análise, caracterizando-o como uma ferramenta essencial da função analítica, no sentido de permitir ao paciente a compor uma história total da sua vida psíquica, a partir das pistas que ele mesmo deixa aparente no decorrer do processo de análise. Nessa concepção, podemos ver que Freud ressalta o efeito que o recalque promoveu na vida psíquica do paciente, retirando de sua consideração consciente os elementos que são, ao mesmo tempo, causa e efeito do seu sofrimento psíquico. Além do mais, quando ele se refere ao fato de que devemos induzir nosso paciente nesse processo de recordação, deixa transparecer a necessidade de que precisamos vencer uma força contrária a esse movimento, que é a marca da resistência agindo no psiquismo do paciente.

Finalizamos esse tópico com um pequeno parêntese, para dizer que a palavra “traços” do conceito freudiano foi propositadamente substituída por “pistas” na nossa explicação no parágrafo anterior, para lembrarmos que uma das características relativas ao personagem principal da peça de Sófocles, apresentada no primeiro capítulo, é justamente a sua faceta investigativa. Nesse sentido, nossa aproximação entre a peça e o processo de análise ganha mais contorno, visto que, sob essa égide, ambos cumprem um objetivo semelhante, valendo-se de um procedimento essencialmente análogo, como pretendemos demonstrar adiante. Deveras, o que vamos precisar estabelecer mais especificamente nessa comparação é a participação e os papéis que são desempenhados por Édipo e pelos demais personagens destacados anteriormente.

### ***2.1.3 O conceito de construções a partir de suas características na clínica***

Iniciamos, então, com alguns apontamentos que Freud (1937/1996) faz em seu texto sobre as construções em análise que perpassam, naturalmente, a prática clínica e a dinâmica do processo de análise e que servem para chegarmos a uma compreensão mais completa desse conceito que é o mote principal deste capítulo. No referido texto freudiano, encontramos algumas observações a respeito das respostas que podem ser apresentadas pelos pacientes diante das comunicações realizadas pelo analista. É importante compreendermos essas reações do paciente em relação às construções, porque isso apresenta, ao mesmo tempo, o conceito e o efeito que podemos observar quando realizamos essas intervenções.

Nesse sentido, é interessante a comparação que Freud (1937/1996) faz entre a função desempenhada pelo analista e o trabalho do arqueólogo, no sentido de que ambos sugerem hipóteses acerca dos fatos ocorridos, a partir dos elementos e fragmentos que vão descobrindo e recolhendo em função de suas pesquisas. Em suma, na psicanálise trabalhamos muitas vezes com a descrição de um fenômeno que somente pode ser percebido pelos seus efeitos

posteriores, tornando essencial conhecê-lo não apenas pelo seu nome e pela sua definição técnica, mas pelo que esse fenômeno gera de repercussão no contexto das vivências na clínica analítica.

Complementando essa noção de uma atividade que trabalha sobre fragmentos, Freud (1937/1996) faz uma apresentação muito frutífera, distinguindo a realização de construções em análise com a execução da edificação de uma casa. Nessa distinção, ele diz que, ao construir uma casa, não se pode fazer o acabamento ou a decoração interna antes de se ter fixado as bases da estrutura, erguido as paredes e concluído a cobertura. Ou seja, não se pode executar uma etapa, por exemplo, a pintura, sem que a parede tenha sido finalizada. Já no processo analítico, as construções realizadas pelo analista podem se dar de forma fragmentada, ainda que representem apenas uma hipótese e prescindindo a se referir a algo inteiramente acabado.

Segundo Freud (1937/1996), ao realizar suas construções, o analista pode se ater apenas a algum fragmento histórico da vida psíquica do paciente, comunicá-lo ao analisando e esperar que este possa acrescentar novos traços sobre essa comunicação. Essa dinâmica deverá se repetir quanto mais e à medida que as construções apresentadas pelo analista surtam efeito no paciente e desencadeiem mais associações ao material apresentado, perfazendo e permitindo o que conhecemos como um dos principais motores da análise, que é a associação livre do paciente.

Além disso, no conjunto de observações que podemos destacar sobre as reações advindas das construções, podemos encontrar outras afirmações que Freud (1937/1996) faz em relação à resposta do paciente diante da possibilidade de realizarmos uma construção equivocada. O pai da psicanálise garante que não devemos nos preocupar em causar dano algum se, inadvertidamente, “cometemos algum equívoco e oferecemos ao paciente uma construção errada como sendo a verdade histórica provável” (Freud, 1937/1996, p. 279).

Nesse caso, ressalta ele, o único risco que o analista pode correr é o de causar uma má impressão ao seu paciente e não conseguir levar adiante o processo terapêutico.

Quando uma construção é equivocada, devemos entender que o paciente não reagirá ao que foi dito pelo analista. Ele não dirá nem que sim, nem que não e não produzirá mais nenhum material associativo para o prosseguimento do processo. Segundo a orientação de Freud (1937/1996), caberá ao analista numa situação como essa, reconhecer o erro em um momento oportuno, que se apresentará na ocasião de fazer uma nova e, dessa vez, mais acertada construção, intervenção essa, como veremos adiante, que será marcada pela promoção da associação livre e pelo prosseguimento no trabalho analítico.

Outra reação comum que o paciente pode apresentar diante de uma construção comunicada pelo analista diz respeito à negação em relação à correção ou à exatidão do conteúdo presente nessa comunicação. Para Freud (1937/1996), precisamos estar atentos ao fato de que toda construção é essencialmente incompleta, pois ela diz respeito apenas a um fragmento da história psíquica do paciente, como foi mencionado anteriormente. Assim, a discordância do paciente pode não ser exatamente o estabelecimento de uma contradição ao que lhe foi revelado. Não devemos tomar a negativa do paciente como uma suposição de que a construção está errada, pois Freud acredita que a falta de assentimento do paciente pode estar justamente alinhada ao fato de que ele ainda não tem acesso à parte inconsciente que compõem essa construção. Nesse caso, o efeito do recalque e da resistência pode ser a base para que o paciente insista em não ver acerto algum nas palavras do analista.

Por outro lado, Freud (1937/1996) também tece comentários a respeito de como as construções são confirmadas, de forma indireta ou implícita, pela maneira como o paciente responde à fala do analista. Nesse sentido, os escritos freudianos ressaltam a preponderância de frases como: “nunca havia pensado sobre isso” – que são pronunciadas pelos pacientes em resposta às construções apresentadas em análise. Além do mais, Freud assevera que a

principal confirmação implícita e positiva de uma construção bem realizada pode ser percebida quando a comunicação do analista impele o paciente a associar livremente, trazendo algo que contenha um conteúdo semelhante ou análogo ao que foi dito pelo analista. Muitas vezes, esse conteúdo diz respeito à rememoração de fatos da vida que guardam semelhança com a suposição acerca do fragmento histórico contido na construção.

Outra confirmação indireta do efeito positivo para o processo de análise de uma construção é fundamental para confirmar a leitura que fizemos de algumas falas de Édipo durante a peça. Anteriormente, já apontamos algo nesse sentido, mostrando como o protagonista da tragédia de Sófocles, em sua interação com outros personagens, comete certos lapsos de fala, deixando transparecer certos conteúdos que deveriam permanecer ocultos. Para Freud (1937/1996), é particularmente notável quando uma confirmação indireta surge na análise por meio de uma parapraxia, em especial se ela tem intrínseca em si uma negação direta àquilo que foi comunicado ao paciente. Nesse trecho do texto, Freud dá alguns exemplos de como isso ocorria com seus pacientes, mas achamos que será mais interessante, apenas como mais uma aproximação com o mito edípico, mostrar algo parecido em mais alguns trechos da peça.

Sendo assim, vejamos o que acontece quando Édipo é comunicado de que toda a praga que assolava Tebas se devia ao fato de que o assassino de Laio ainda convivia entre os cidadãos tebanos, conforme o que Creonte ouvira do oráculo em Delfos. Nesse momento, nosso herói começa um fervoroso discurso no sentido de que ele envidará todos os esforços para solucionar o crime e para encontrar o assassino do antigo rei. Ao passo que, em determinado momento, Édipo diz: “E não apagarei a mácula por outrem, mas por mim mesmo: quem matou antes um rei bem poderá querer com suas próprias mãos *matar-me a mim* também; presto um serviço a Laio e simultaneamente sirvo à minha causa” (versos 169-173, p. 23, ênfase adicionada).

Destarte, olhando do ponto de vista gramatical, o trecho da fala que destacamos acima não necessita, para a boa compreensão acerca do que Édipo deseja falar, da presença de dois pronomes oblíquos: me e mim. Certamente, levamos em consideração a licença poética e os efeitos da tradução sobre a elaboração do texto da peça que usamos como referência. Mas também podemos inferir que, quando Kury (1990) procura tornar inteligível o texto original, o autor considera a existência dessa manobra literária e a transpõe para a língua portuguesa.

Por isso, percebemos que a frase bem poderia ser reescrita em qualquer das seguintes opções: “quem matou um rei poderá me matar também” ou “quem matou um rei poderá matar a mim também”. Ademais, o verbo matar em sua acepção pronominal: “matar-se” – ou como no texto da peça: “matar-me”, pressupõe o ato de suicidar-se, ou seja, infringir a si mesmo ação que terá como efeito a própria morte. Acreditamos que é a respeito desse tipo de ocorrência que Freud estava se referindo quando falava das confirmações indiretas do efeito que uma construção tem para remeter ao inconsciente, dando expressão a este via lapso de fala.

Assim, diante das falas e intervenções do analista (ou do interlocutor na peça), o discurso do paciente (ou do protagonista) segue um fluxo normal, mas é somente em algo que soa estranho ou que aparece de forma despropositada que se percebe, indiretamente, o efeito da ligação que a comunicação do analista tem com o conteúdo recalcado do paciente. Nesse pequeno enxerto, podemos inferir que Édipo sabe, inconscientemente, que a única maneira pela qual o assassino de Laio teria para matá-lo, seria se o próprio Édipo, com suas próprias mãos o fizesse. Estaríamos assim, literalmente, diante de um ato suicida, o que, na fala do herói claudicante, traduz-se pela redundância dos pronomes oblíquos e por meio do verbo matar em sua função pronominal, direcionando a ação vingativa de morte a si mesmo.

Após esse pequeno adendo, voltemos ao texto sobre as construções. É também necessário entendermos que esse conjunto de reações esperadas, que foram apresentadas

acima, serve para guiar nossa perspectiva de que estamos conduzindo o processo psicanalítico para o fim a que ele se presta. Nesse sentido, relembremos a assertiva de Freud (1937/1996) de que não devemos pretender que cada “construção individual seja algo mais do que uma conjectura que aguarda exame, confirmação ou rejeição” (p. 283).

Por isso, essas reações manifestadas pelos pacientes podem ser vistas como balizas que nos ajudam a entender quando nossas construções foram ou não propensas à manutenção do processo de análise. Essas respostas dos pacientes, somadas à próxima observação que apresentaremos sobre o conceito, encaminham nossa digressão para algo mais a respeito do que se espera ser o resultado de uma construção. Constatação essa que nos coloca diante de uma premissa que foi adicionada continuamente ao arcabouço psicanalítico e que fica mais evidente nesse texto do final da obra do pai da psicanálise: a de que não há como resgatar todo o saber a respeito da vida inconsciente do paciente.

Para Freud (1937/1996), ao realizarmos uma construção, devemos abandonar a esperança de que o paciente possa recordar de maneira completa a lembrança do fragmento de história de vida que tentamos restabelecer por meio dessa intervenção. Sabemos que, ao longo de sua obra, Freud foi admitindo mais profundamente que seria impossível restabelecer toda a memória sobre a história infantil de seus pacientes. Nesse sentido, o que confirma que a intervenção do analista está num caminho que permite a manutenção do processo de análise diz respeito à possibilidade de a construção produzir no paciente “uma convicção segura da verdade da construção, a qual alcança o mesmo resultado terapêutico que uma lembrança recapturada” (Freud, 1937/1996, p. 284). Dessa forma, fica consoante nas palavras de Freud que o mais importante efeito que uma construção pode representar na vida psíquica do paciente é a sua potência para manter o processo em andamento, marcado pelo efeito terapêutico que a elaboração desses conteúdos pode eliciar.

Para finalizarmos esse trecho de revisão do conceito de construções em análise, recorreremos a mais uma assertiva freudiana em seu *Esboço de Psicanálise*. Nesse texto, Freud (1940[1938]/1996) fala a respeito de mais umas das características atribuídas à construção, que tem a ver com uma espécie de momento ideal para que a comunicação seja realizada ao paciente. Em função disso, e para entender quando esse momento se apresenta na situação clínica, Freud ressalta outra questão primordial para a comunicação de uma construção, destacando a noção de que existem dois tipos distintos de conhecimentos relativos ao conteúdo do que será trabalhado e apresentado na construção.

Para Freud (1940[1938]/1996), de um lado temos uma vertente que representa o conhecimento do paciente acerca dos fatos históricos que serão narrados na construção. Trata-se, pois, daquele conhecimento que sofreu os efeitos do recalçamento e que, posteriormente, também será afetado pela força exercida pelo fenômeno da resistência. Lembramos, é claro, que a resistência também exerce seus efeitos durante a análise, em função da dinâmica e das reações que este processo induz, interferindo, como dito acima, na capacidade do paciente para transpor esse primeiro nível de conhecimento. Do outro lado, temos presente na construção o conhecimento do analista, que pode ser visto como o conjunto de hipóteses com o qual compomos esses fragmentos de história, em função de tudo que o paciente compartilhou sobre sua vida e daquilo que vivenciamos com ele na situação analítica.

Nesse sentido, tendo em vista as forças envolvidas nas qualidades psíquicas desses conhecimentos, Freud (1940[1938]/1996) alerta quanto a necessidade de realizarmos um elaborado processo de reflexão, para que possamos distinguir o momento ideal para efetivar a comunicação da nossa construção. Sendo assim, descobrimos que a construção terá como pano de fundo o objetivo de aproximar esses dois saberes, tornando mais próximos ou equivalentes os conhecimentos do analista e do paciente. Freud afirma que tal processo de reflexão feito pelo analista mostrará que a construção deve ser comunicada quando o paciente

já esteja tão próximo de rememorar os elementos e os conteúdos da construção, que essa recordação seria, propriamente dita, o próximo passo que o paciente daria no processo de análise.

Dessa forma, a partir daquilo que é conjugado e reestruturado na construção feita pelo analista, o paciente realizaria uma síntese conclusiva a respeito dos traços, pistas e sinais que ficaram evidentes através do seu discurso durante a análise, permitindo a recordação da história infantil ou um consentimento com a verdade do conteúdo da construção feita pelo analista. Ainda sobre esse assunto, Freud (1940[1938]/1996) relembra que, na exata medida que a construção coincidir com os pormenores do foi esquecido pelo paciente, mais fácil será ao paciente assentir ao que lhe é comunicado pelo analista. Assim, continua Freud, o conteúdo específico que é trabalhado em cada construção passa a fazer sentido para o paciente de tal forma que, sobre esse assunto em particular, o conhecimento do analista tornar-se-á também o conhecimento do paciente.

Por isso posto, é necessário compreendermos a pertinência e a confluência entre esses dois últimos aspectos de tudo aquilo que consideramos importantes destacar no que tange às construções em análise. Percebemos que estes aspectos são totalmente interligados e objetivam equivaler o conhecimento que o analista tem acerca da vida psíquica do paciente com o conhecimento que o próprio paciente tem a esse respeito. Por um lado, esses aspectos ressaltam que o analista precisa ter uma refinada sensibilidade para a escolha do momento em que deverá fazer a aproximação desses dois saberes. Na maioria das vezes, essa sensibilidade irá permitir que o paciente tenha a sensação de ter realizado essa aproximação por si mesmo. De outra forma, mas não menos significativa para o processo, a construção consegue desfazer a lacuna existente entre aquilo que analista e paciente sabem sobre a história infantil e sobre os esquecimentos do paciente.

De maneira geral, acreditamos que essa revisão acerca do conceito e dos fenômenos envolvidos com a noção de construções em análise cumpriu o objetivo de resgatar os principais pontos que nos permitem confirmar nossa suposição em relação à peça de Sófocles. Conforme veremos no próximo tópico, semelhante ao que revelam os caminhos sobre os quais se produzem as construções, podemos ver que no enredo da trama e na dinâmica dos fatos apresentados na peça existe uma história a ser revelada, que não é do conhecimento do protagonista; que diz respeito a eventos que ocorreram desde sua infância; e que se relacionam com alguns fatos vividos na idade adulta.

#### ***2.1.4 A peça representa a elaboração e o efeito de uma construção***

Defendemos desde o início que a peça de Sófocles refaz, aos moldes de uma construção, uma função de preencher as lacunas de desconhecimento de Édipo a respeito de sua própria vida, demonstrando outra perspectiva sobre os fatos que foram vivenciados pelo protagonista. Com a breve contextualização que fizemos no primeiro capítulo e com o que sabemos sobre o desenrolar da peça, descobrimos que as lacunas a respeito dessa história podem representar fragmentos históricos que fugiram à percepção ou ao conhecimento do protagonista. É também a descoberta desses acontecimentos durante a peça que ajudam a construir, paulatinamente, a verdadeira história por trás da vida do personagem principal.

Outra semelhança entre esses dois processos pode ser percebida na questão fragmentária das construções em análise que Freud aponta ao distinguir a diferença com a edificação de uma casa, como citamos logo acima. Na peça, percebemos que o protagonista não descobre toda a verdade de uma única vez e que certos fragmentos do que viria a ser o desfecho conclusivo sobre o parricídio e sobre o incesto são pincelados sorratamente hora aqui, hora ali. Nesse sentido, a semelhança com as construções provém do fato de que cada comunicação do analista visa compor uma nova percepção sobre a temática que é inerente

àquela construção e não sobre toda a história do paciente. Além disso, no caso da história contada na peça, cada fragmento que vai compondo essa revelação é esmiuçado e trabalhado em sua totalidade, até que Édipo possa se convencer de que, pelo menos, aquele novo fato descoberto retraduz a realidade vivida anteriormente. Tal como a construção em análise, esse fragmento pode sustentar a sensação de verdade, mesmo que ela não faça o paciente lembrar o que foi esquecido.

Ademais, da mesma forma que uma construção impele o paciente a associar livremente e a buscar novas relações com o que foi comunicado pela analista, essas novas descobertas realizadas no enredo da peça são o motor que conduz nosso protagonista à próxima pista que possa revelar algo mais sobre o mistério por trás do assassinato de Laio. Ora, descobrimos, com a revisão teórica apresentada acima, que a melhor resposta indireta a uma construção é sua capacidade de incentivar o paciente a associar livremente a respeito do material comunicado pelo analista. Assim, por um lado, temos aquilo que nomeamos como a faceta investigativa de Édipo, sendo atizada pela descoberta recém-realizada e, em contrapartida, o prosseguimento desse processo de revelação eliciado pelas interações com os demais personagens. Logo, também podemos ver que os fenômenos relatados na teoria sobre as reações do paciente às construções estão representados em algumas características do enredo da peça, permitindo identificar a semelhança entre aquilo que dá continuidade ao trabalho analítico e aquilo que impulsiona o desenrolar dos eventos na peça.

Soma-se a isso o fato de que, a cada nova descoberta, em função do que ela representa no sentido da aproximação da verdade a respeito dos fatos, um suposto conhecimento consciente de Édipo pode estabelecer uma relação com o seu suposto saber inconsciente. Dessa forma, entendemos o motivo pelo qual as falas do protagonista são entrecortadas por lapsos que fazem com que o leitor da peça compreenda que há algo de verdadeiro no conteúdo dos equívocos cometidos por Édipo. Traçando o paralelo entre a peça e os efeitos

das construções em análise, percebemos que essas reações, derivadas do que o protagonista vai descobrindo, mostram seu poder para gerar novas associações; para estabelecer relações entre os registros inconsciente e consciente; e para representar manifestações típicas do material inconsciente recalcado que insistem em transparecer durante o processo de análise.

Por fim, podemos entender que a história da peça também repete as duas características que apontamos a pouco, que aparecem conjugadas e que perfazem o momento ideal para a comunicação da construção. Fica evidente que existe um conhecimento do protagonista que está subentendido durante toda a peça, mas que não pode equivaler-se abruptamente ao conhecimento sobre a realidade dos fatos ocorridos. Assim, as descobertas e as interrogações que os personagens que interagem com Édipo vão suscitando podem ser vistas como aproximações entre esses dois conhecimentos, esperando o momento em que toda a verdade poderá ser trazida à tona. Além disso, à medida que os fatos elucidam essa verdade, não cabe alternativa ao protagonista que não fazer a síntese conclusiva sobre a sua investigação. Afinal, chega o momento da peça, repetindo aqui também um fenômeno típico das reações às construções em análise, que o próximo e inevitável passo de Édipo tem que ser o de reconhecer, nos atos de sua vida e de sua história, o parricídio e o incesto que tentou evitar ao fugir da cidade onde cresceu.

Certamente, mais algumas comparações e elucubrações podem ser retiradas da semelhança entre o desenrolar dos eventos da peça e as noções que pontuamos nesse capítulo sobre as construções em análise. Entretanto, como afirmamos acima, outro capítulo será destinado a esse aprofundamento, momento no qual também vamos definir de maneira mais clara a semelhança entre a atuação dos personagens da peça e aqueles que perfazem a dupla do processo analítico: o psicanalista e o paciente. Por agora, como havíamos adiantado no início do capítulo, vamos recorrer a algumas concepções a respeito da definição do método

psicanalítico, para reforçar algumas semelhanças entre a peça e o processo de análise, que colocam em evidência características relativas à noção de construções.

## **2.2 O processo analítico e suas interlocuções com as construções**

Para darmos continuidade, é necessário lembrarmos que nosso objetivo é buscar concepções sobre o método psicanalítico que reflitam elementos teóricos que ajudem a reforçar a analogia do processo de análise com a dinâmica do que se passa no enredo do *Édipo Rei*. Por isso, acreditamos ser interessante resgatarmos algumas assertivas pelas quais Freud se propôs a definir o método da psicanálise como um todo, destacando nessas concepções argumentos que embasam nossa comparação. Em vista desse objetivo e em função da pesquisa no arcabouço psicanalítico, identificamos algumas características importantes na descrição do método psicanalítico que se tornam aptas a serem comparadas aos acontecimentos da peça.

Certamente, essas características dizem respeito a uma concepção mais abrangente do processo psicanalítico e não se referem especificamente ao elemento teórico principal desse capítulo. Contudo, elas reforçam nossa hipótese de que todo o enredo da peça se assemelha ao que ocorre nos processos de elaboração e de apresentação de uma construção, bem como às reações do paciente quando esta é comunicada na situação analítica. Não estamos dizendo com isso que a análise pode ser condensada e entendida como um procedimento simples, caracterizado apenas pelas injunções teóricas relativas a um dos variados conceitos que estão envolvidos nesse processo. Na verdade, sabemos que a terapia psicanalítica se trata de um método entrecortado por muitos fenômenos teóricos e técnicos, que perfazem uma cadeia de acontecimentos com inúmeras variáveis.

Entretanto, como visto nos enxertos dos escritos freudianos citados acima, não podemos perder de vista que a obra marcante para a concepção da psicanálise, bem como para

as construções teóricas que se fizeram a partir dela, colocou a interpretação como uma das principais ferramentas desse processo. Devemos lembrar que, mesmo durante a evolução das concepções acerca do processo psicanalítico, ele se caracterizou como um conjunto de intervenções que o analista realiza junto ao seu paciente, no intuito de permitir dar acesso aos conteúdos inconscientes que dizem respeito à vida psíquica e ao sofrimento mental deste. Ainda nesse sentido, entendemos que, para cumprir esse objetivo, essas intervenções caracterizavam-se essencialmente pelo uso de interpretações. E que, com o passar do tempo, elas foram ganhando o status de uma nova concepção teórica, somando-se ou evoluindo em relação a essa técnica tão bem assentada entre os analistas.

Essa nova noção sobre as intervenções realizadas pelo analista trouxe à baila a concepção de que o objetivo da análise poderia ser alcançado também pelo uso de construções, mantendo, apesar disso, um princípio de funcionamento semelhante, quiçá idêntico, à interpretação, conforme a visão de Roudinesco & Plon (1998). Em vista disso, ao buscarmos a comparação do processo analítico com a peça de Sófocles, tomando como base apenas a questão das construções, não estamos desmerecendo todos os demais fatores envolvidos na realização da análise, mas fazendo um recorte do que seria o processo de análise e concentrando nossa argumentação em um de seus aspectos essenciais e que remonta às origens da teoria. Concomitantemente, acreditamos que esse conceito teórico específico é capaz de responder ao nosso objetivo de compreender os motivos da afirmação de Freud que suscitou tal analogia com a peça de Sófocles.

### ***2.2.1 A análise como uma via di levare***

Sendo assim, começamos por uma concepção freudiana apresentada num período de poucos anos após a publicação do seu principal trabalho sobre a interpretação dos sonhos. Nessa ocasião, Freud proferiu o que viria a ser sua última palestra, cuja plateia era formada

exclusivamente por médicos. Nos argumentos apresentados nesse texto, Freud (1905[1904]/1996) se propôs a fazer algumas ressalvas a respeito do entendimento sobre o método e de como era conceituada a técnica psicanalítica até aquele momento. Numa leitura mais aprofundada desse texto, descobrimos que Freud pretendia corrigir alguns erros acerca da percepção que seus colegas médicos tinham sobre o processo de análise, tendo em vista, principalmente, a vinculação que a técnica ainda guardava com o recém-abandonado método catártico.

Com esse intuito em mente, Freud (1905[1904]/1996) diferencia o método catártico do processo analítico, usando a distinção que Leonardo da Vinci fazia a respeito dos métodos inerentes ao processo criativo dos artistas. Freud afirma que, segundo da Vinci, a obra de arte podia ser criada de duas maneiras: pela *via di porre* ou pela *via di levare*. Conforme essa digressão, o primeiro método era a característica essencial das pinturas, no qual o artista introduzia na tela em branco as tintas que comporiam o futuro quadro. Nesse caso, o artista adiciona elementos ao vazio da tela, criando algo que ainda não estava ali. De outro modo, a obra de arte que se apresenta pela *via di levare* correspondia ao processo de fabricação das esculturas em pedra, no qual a obra final já se encontra, em essência, na própria matéria prima, cabendo ao artista retirar as camadas que nos impossibilitam de vê-la.

Dessa forma, ao contrário do método catártico, que se utilizava da hipnose e que tinha a sugestão como base do processo terapêutico, Freud (1905[1904]/1996) afirma que o processo de análise “não pretende acrescentar nem introduzir nada de novo, mas antes tirar, trazer algo para fora, e para esse fim preocupa-se com a gênese dos sintomas patológicos e com a trama psíquica da ideia patogênica” (p. 247). A partir dessa afirmação, podemos concluir que, para Freud, a psicanálise trabalha pela *via di levare*, modelo no qual a essência do que será objeto e fruto do trabalho analítico já se encontra conformada em algum lugar e à disposição para o trabalho da dupla analítica. Assim, seria necessário empregar alguns

métodos técnicos para trazer para outro campo de vista, ou de trabalho, aquilo que não estava elucidado num primeiro momento.

Caminhando alguns anos à frente, podemos nos debruçar numa comunicação proferida na abertura do Segundo Congresso de Psicanálise, realizado em 1910. Naquela oportunidade, Freud (1910b/1996) estabeleceu, inicialmente, que o tratamento analítico podia ser decomposto em duas partes, cada qual com uma função e um protagonista diferentes. No primeiro desses dois momentos, o ator principal é o analista e sua principal função é realizar inferências direcionadas ao paciente. O mecanismo de funcionamento envolvido nesse processo pode ser entendido da seguinte forma: o analista dá ao paciente uma ideia antecipadora, que se trata de algo que o analista espera que o paciente venha a descobrir. Passando ao segundo ato do processo de análise, o paciente toma a dianteira e elabora algo a respeito do que ouviu do analista. A partir desse processo de elaboração, ele encontra em si mesmo uma ideia inconsciente recalcada ou esquecida, tendo em vista a similaridade com a ideia antecipada pelo analista. Para Freud, esse fenômeno traduz a ajuda intelectual proporcionada pelo processo de análise, que torna mais fácil ao paciente superar as resistências entre os elementos conscientes e inconscientes.

Também podemos encontrar no *Esboço de psicanálise* de Freud (1940[1938]/1996) outra definição sobre o processo de análise que apresenta esse fenômeno de maneira muito semelhante, falando sobre a possibilidade de a análise ocorrer em dois momentos distintos. Trata-se do mesmo texto no qual Freud apresenta uma de suas noções sobre a comunicação da construção em análise, esclarecendo que o conhecimento do paciente precisa estar muito próximo do conhecimento presente na construção do analista. As duas fases distintas da análise nessa concepção correspondem à articulação entre o conhecimento do analista, num primeiro momento, e a correspondência com o conhecimento do paciente na fase seguinte. Nessa concepção também fica intrínseca a noção de que existe na fala do analista, transmitida

por meio da construção, uma ideia antecipadora que pode ligar-se no psiquismo do paciente à ideia inconsciente recalçada ou esquecida.

Tendo em vista que revisitar essa exposição das concepções de Freud sobre o processo psicanalítico faz parte da argumentação que sustenta nossa analogia, podemos elaborar algumas observações sobre essas características da técnica psicanalítica que vemos corresponder ao enredo do *Édipo Rei*. Por um lado, já vimos pela nossa contextualização da peça no primeiro capítulo que ela diz respeito ao desvelar de uma tragédia que já estava consumada. Afinal, no momento dos eventos ocorridos na peça, Édipo já havia matado seu pai biológico e se unido em matrimônio com a própria mãe. Nesse sentido, o enredo da peça, assim como o processo psicanalítico, pode ser visto como uma reconstrução da história de vida do protagonista que se dá pela *via di levare*, na qual os presságios anunciados e os fatos ocorridos vão, pouco a pouco, sendo revelados na medida em que o próprio Édipo vai conformando as descobertas que realiza.

Dessa forma, bastava ao protagonista, tal como ao escultor que faz revelar sua obra de arte na pedra desforme, retirar as camadas de acontecimentos e de eventos que, ao mesmo tempo, explicam e não permitem a ele ver o fato consumado. As interações que o protagonista tem com os demais personagens e as descobertas que esses interlocutores o permitem realizar podem ser vistas como as camadas que são retiradas da pedra bruta. Assim, semelhante ao processo criativo do artista, que nesse processo de retirar camadas age com mais ou menos precisão na medida em que necessita entalhar sua peça com mais detalhes, Édipo vai refinando sua busca por pistas cada vez mais específicas até que sua investigação permita descobrir tudo a respeito desses acontecimentos, levando-o a deduzir a verdade, já consumada anteriormente, a respeito de sua própria vida.

Inerente a isso, visto que esse processo de descoberta se dá a partir das pequenas inferências que outros personagens suscitam ao protagonista, a trama da peça repete também

um movimento de aproximação entre os dois níveis diferentes de conhecimentos da realidade por trás da vida do protagonista. Tal como no processo psicanalítico, no qual o analista infere uma ideia antecipadora para que ela remonte ao conhecimento inconsciente preexistente do paciente, durante a peça, Édipo é confrontado paulatinamente com a verdade que é inferida a ele pelas mensagens emanadas pelos outros personagens. Dessa forma, assim como o que acontece como resultado de uma construção em análise, Édipo vai se aproximando cada vez mais da resolução do dilema, até o momento em que pode realizar uma síntese definitiva para a conclusão dos enigmas que lhe foram impostos.

### ***2.2.2 Do ensaio de análise à análise propriamente dita***

Para finalizarmos essa digressão sobre a análise e suas interlocuções com as construções, recorreremos a mais uma definição do processo psicanalítico que Freud (1920/1996) apresenta ao realizar seu estudo sobre *A psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher*. Na concepção a que temos acesso nesse texto, Freud também afirma que o processo de análise ocorre em dois tempos ou duas fases, corroborando com as definições que citamos anteriormente e usando novamente a ideia de reconstruir e comunicar ao paciente a história que envolve a origem do seu sofrimento psíquico.

Nessa definição, porém, percebemos uma ligeira distinção na descrição dessas duas fases, sugerindo que a primeira delas se assemelharia ao que o próprio Freud (1913/1996) postulou como o período inicial da análise em um de seus artigos que versavam sobre as recomendações àqueles que exercem a psicanálise, da série publicada na segunda década do século XX. Em função dessa distinção, acreditamos ser necessário esclarecer melhor essa questão do período inicial da análise, antes de prosseguirmos na comparação da peça de Sófocles com essa última concepção do processo psicanalítico.

Não é novidade que os escritos psicanalíticos são repletos de recomendações sobre a aplicação da técnica ou sobre o exercício da psicanálise. Preceitos esses que evoluíram juntamente com seu próprio autor e com a sua teoria. É justamente numa dessas recomendações, que Freud (1913/1996) faz alguns esclarecimentos sobre o início do tratamento psicanalítico e sobre um desdobramento que ocorre nesse período, que se torna importante para o prosseguimento de um processo de análise. Nesse texto de 1913, Freud afirma em relação a esse período inicial, que seria necessário aceitar o paciente de forma apenas provisória, pois esse momento se destinaria, entre outras coisas, a tomar uma decisão a respeito da possibilidade de o paciente ser ou não apropriado para seguir a diante na análise.

Acreditamos ser possível comparar essa fase inicial do tratamento com o que aponta Maurano (2003) sobre as condições preliminares para uma psicanálise, discussão na qual a autora lembra que Freud chegou a chamar esse período inicial pela alcunha de “ensaio de análise”. Ademais, a autora reitera a concepção freudiana, ao dizer que essa fase tem por objetivo evitar que o paciente confunda “a frequência ao consultório de um analista com uma análise propriamente dita. Isso evita que se pense que uma psicanálise fracassou quando, na verdade, ela nem começou” (Maurano, 2003, p. 42). Por fim, ela afirma também que durante esse período, conhecido na teoria psicanalítica mais atual como entrevistas iniciais, é imprescindível que haja uma avaliação, tanto por parte do analista quanto do analisando, sobre a viabilidade de um trabalho analítico.

Além disso, ainda segundo Maurano (2003), a função do analista torna-se fundamental nesse período, devendo fomentar no sujeito um trabalho de investigação e de escuta de suas próprias falas, para que ele possa desconfiar daquilo que diz e intrigar-se a respeito da queixa que apresenta no consultório. Com efeito, influenciado pela escuta na clínica, essas sessões iniciais podem proporcionar ao paciente um canal de acesso a outra lógica que atua sobre seu psiquismo e à possibilidade de mudança de perspectiva advinda com ela.

Ao mesmo tempo, Freud (1913/1996) destacava que uma interrupção do atendimento nesse período inicial, pouparia o paciente do sofrimento de ter falhado numa tentativa de tratamento infrutífera. Assim, verificamos a importância dessa fase na definição pelo prosseguimento ou não da análise e percebemos que esse período inicial se constitui mais como um preâmbulo: uma espécie de fase de admissibilidade anterior à análise propriamente dita. Fica patente que, durante essas sessões iniciais, apresentamos ao paciente um modo diferente de encarar seu psiquismo, bem como uma maneira pela qual ele possa passar a considerar a influência de fatores ainda desconhecidos.

Essa iniciativa visa possibilitar o despertar do interesse do paciente em seu mundo inconsciente, que perfaz um cenário favorável à análise. De alguma forma, o paciente encaminhado a uma escuta psicanalítica sente-se convidado a questionar o estado imutável de seu psiquismo. Nesse sentido, ele também é convidado a ir além do que o seu conhecimento consciente sobre si mesmo pode abarcar. Assim procedendo, confronta-se com uma gama de perguntas não respondidas, contaminando-se por um desejo de conhecer mais sobre si mesmo, incluindo nessa tarefa as descobertas sobre as determinações inconscientes para a sua constituição enquanto sujeito.

Ao prosseguir nesse caminho, o paciente estaria na eminência de efetuar o passo essencial para que um processo analítico comece realmente, momento no qual, como nos aponta Maurano (2003), para além do pedido de análise, comparece o desejo de análise. Para essa autora, o pedido de análise é o fenômeno que ocorre no início do tratamento, marcado por um questionamento realizado pelo paciente sobre qual a participação que ele próprio, ou seja, que sua própria subjetividade tem a ver com a queixa e com o sofrimento que o levaram ao consultório do analista. Por sua vez, o surgimento do desejo de análise é o próximo passo desse momento inicial. Quando esse desejo comparece no processo de análise, ele se torna a principal força motriz do processo, marcando efetivamente a decisão do sujeito por

empreender-se no trabalho analítico, mesmo sabendo dos riscos que o processo de análise pode significar.

Podemos compreender que, nessa visão sobre o momento inicial do processo psicanalítico, temos presente uma queixa manifestada pelo paciente, que corrobora com a afirmação freudiana de que “a força motivadora primária na terapia é o sofrimento do paciente e o desejo de ser curado que deste se origina” (Freud, 1913/1996, p. 157). Logo, o sofrimento do paciente, ou o conflito psíquico que causa esse sofrimento, configura-se como o motivo pelo qual o paciente comparece à clínica, tornando-se, posteriormente, nesse desejo que sustenta o prosseguimento da análise, mesmo contra todas as forças adversas que o processo pode eliciar.

Podemos inferir que é baseado nessa força motivadora inicial que Freud (1920/1996) conduz a primeira fase do tratamento psicanalítico, conforme a descrição deste processo apresentada no texto sobre *A psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher*. De acordo com as palavras do pai da psicanálise, durante essa primeira fase, o analista “consegue do paciente as informações necessárias, familiariza-o com as premissas e os postulados da psicanálise e lhe revela a reconstrução da gênese de seu distúrbio, como essa é deduzida do material trazido à análise” (Freud, 1920/1996, p. 163). Nessa concepção, Freud repete a noção de que, num primeiro momento, o processo psicanalítico prescreve uma participação mais ativa do analista, tal como vimos nas definições anteriores que também descrevem a análise perpassando por dois momentos distintos. Mas, além disso, nessa primeira fase, apresentam-se na situação analítica um problema que urge por uma solução e uma suposição de que o processo psicanalítico conseguirá encontrar as respostas para a resolução desse conflito.

Nesse caso, nossa comparação com a peça manter-se-á frutífera no sentido de que os momentos iniciais da trama dizem respeito exatamente à apresentação de uma situação que causa sofrimento ao povo tebano, seguida da suposição da possibilidade de apaziguamento

desse sofrimento a partir da resolução do dilema sobre a morte de Laio. Cabe ressaltar aqui, que o primeiro sinal para que se possa seguir nessa empreitada de dirimir o sofrimento vivenciado por todos daquela cidade é apresentado aos demais personagens da peça pela figura do oráculo de Delfos. É este quem diz a Creonte que a maldição sobre o povo tebano findará quando vingada a morte do antigo rei. Assim, parafraseando a definição freudiana dessa primeira fase, a primeira injunção com caráter de construção realizada na peça advém do oráculo, deduzindo a origem e a maneira pela qual se poderia livrar os cidadãos tebanos do sofrimento pelo qual passavam.

Uma inferência como essa reforça o que tínhamos aventado anteriormente sobre um dos objetivos dessa dissertação: encontrar nos personagens da peça características que possam associar sua participação no enredo com a função do analista na situação clínica e no processo de análise. Certamente, esse intuito merece uma atenção mais aprofundada que permitirá ver de forma ainda mais evidente as semelhanças entre aquilo que se apresenta nessa e em outras definições freudianas sobre o método analítico. Saberemos no próximo capítulo deste trabalho, por meio da pesquisa bibliográfica sobre a mitologia grega, que o oráculo possui certas características que podem ser comparadas aos atributos que devem ser desenvolvidos pelos analistas. Antes, porém, precisamos encerrar a discussão atual com os apontamentos relativos à segunda fase do processo analítico descrito por Freud em 1920.

De acordo com a concepção sobre a segunda fase apresentada no texto de 1920, encontramos uma noção de que o paciente se torna o protagonista do processo nesse segundo momento, repetindo algo que fora visto nas definições anteriores. Para Freud (1920/1996), essa segunda fase é marcada pelo fato de que “o próprio paciente se apossa do material que lhe foi apresentado; trabalha sobre ele, recorda-se do que pode de lembranças aparentemente reprimidas e tenta repetir o resto, como se de alguma forma o estivesse vivendo novamente” (p. 163). Deveras, percebemos aqui também uma concepção que se assemelha aos eventos da

peça, com a demarcação da participação ativa de um personagem que trabalha sobre todas as pistas, traços e informações que recebe e que são necessárias para a resolução do enigma que lhe foi apresentado.

Pensamos assim que, eliciado pela primeira construção realizada pelo oráculo, Édipo se coloca em vias de buscar as soluções para o problema vivenciado por ele e pelos seus concidadãos. Comparando ao que disse Freud, Édipo se apossa do primeiro vestígio que lhe foi apresentado a respeito do que pode dar fim ao martírio que viviam em Tebas. Em seguida, ele se debruça incansavelmente sobre as pistas que esse material permite elucidar e sobre todos os novos sinais e traços que podem levar à descoberta do culpado pela morte de Laio. Em meio a essa jornada, Édipo também se recorda de elementos que atravessam e que unem a sua própria história de vida aos eventos e desdobramentos que permitem elucidar o mistério sobre o assassinato do antigo rei. Ao final dessa jornada, nosso herói se vê redescobrendo os significados e os efeitos trágicos de suas ações, que se configuram pela descoberta do parricídio e do incesto cometidos por ele.

Além dessa perspectiva de protagonismo e de uma atuação mais ativa que podemos ressaltar nessa segunda fase, temos a possibilidade de verificar também certas semelhanças do enredo da peça e da atuação de Édipo com a passagem de um período para outro e a significação que fica implícita nesse passo a diante. Para tanto, recorreremos às falas proferidas pelo protagonista, quando se vê confrontado a resolver o enigma sobre a morte de Laio e sobre o dilema do sofrimento que todos viviam em Tebas. Assim, ao reconhecer as agruras pelas quais passam os seus súditos, Édipo diz: “Sofre cada um de vós somente a própria dor; minha alma todavia chora ao mesmo chora ao mesmo tempo pela cidade, por mim mesmo e por vós todos” (versos 79-81, p. 21). Nesse trecho, fica claro que o sofrimento, cuja repercussão para Édipo é muito maior, porque conta com a soma do sentimento de todos, é a força motivadora para o primeiro passo em busca da resolução do problema.

Precisamos, então, distinguir os eventos da peça que traçam uma linha demarcatória para aquilo que representa a passagem entre o chamado ensaio de análise para a análise propriamente dita. Assim, no primeiro momento, o sofrimento como força motivadora e o desejo de cura advindo desse percalço ficam intrínsecos na apresentação inicial do contexto da trama da peça. Mais do que um sofrimento compartilhado, o trecho da fala de Édipo destacado acima, mostra que resolver esse martírio é uma causa própria, que será encabeçada pelo protagonista. Mas a primeira atitude dele, diante desse cenário, é justamente consultar o oráculo, para que dele adviesse alguma indicação para as causas desse sofrimento. Quando apresentarmos mais a diante alguns dados bibliográficos sobre a mitologia acerca dos oráculos, perceberemos que o uso do verbo “consultar” coincidia, na mitologia grega da época, com o que atualmente leva o paciente a buscar o atendimento com um analista.

Dessa forma, montamos nossa comparação considerando que esse conjunto de eventos preambulares que ocorrem no início da peça se configura como o ensaio da análise. Essa fase de admissibilidade começa com o sofrimento vivido de forma compartilhada, que passa a um sofrimento de caráter particular assumido por Édipo e que se transforma na força motivadora para a busca por uma resposta. Então, o protagonista da peça elege o oráculo como a via pela qual tentará encontrar as possibilidades de resolução desse conflito e, conseqüentemente, de apaziguamento desse sofrimento. Assim, o oráculo, munido das informações privilegiadas que tem e que servem sobremaneira para apontar as causas e as respectivas condições para solucionar o conflito em voga, intervém com uma primeira elucidação acerca dos fatos, convocando seu consulente a empreender uma jornada que levará a uma reconstrução da sua própria história de vida.

Reforça ainda mais essa inferência o fato de que a segunda providência tomada por Édipo também é consultar alguém com ligação aos poderes da mântica oracular, sendo que dessa vez recorre aos saberes do velho Tirésias. Nesse diálogo com o adivinho, vai se

clarificando que seguir no intuito de desvendar o que resta de oculto sobre a morte de Laio é um caminho que exigirá muitos sacrifícios, em especial para o próprio Édipo. Em suas últimas palavras ao nosso protagonista nessa conversa, Tirésias diz ao seu interlocutor:

Agora ouve: o homem que vens procurando entre ameaças e discursos incessantes sobre o crime contra o rei Laio, esse homem, Édipo, está aqui em Tebas e se faz passar por estrangeiro, mas todos verão bem cedo que ele nasceu aqui e essa revelação não há de lhe proporcionar prazer algum. (versos 539-545, p. 40).

A nosso ver, seguir a diante a partir dessas intervenções advindas das palavras dos oráculos representa a manifestação da decisão do sujeito por empreender-se no trabalho analítico, mesmo que, para isso, tenha que assumir os riscos que o processo de análise pode significar. A partir desse momento, o que continua a mover Édipo, parafraseando os apontamentos de Maurano (2003), não é mais um pedido de análise, mas sim o desejo de análise, entrando, dessa forma, na fase do processo analítico em que sua história de vida será reconstruída fragmento por fragmento. Assim, todos os eventos que se seguem na peça constituem o que podemos chamar de análise propriamente dita e que podem ser vistos, conforme nossa hipótese de comparação, como a apresentação de construções que dizem respeito aos fragmentos históricos dos momentos vividos por Édipo.

A partir desses argumentos, acreditamos poder demonstrar uma perspectiva pela qual se justifica a comparação feita por Freud entre os eventos da peça de Sófocles e o que se passa no processo de análise, intercalando nessa analogia o fenômeno das construções em análise. Isso porque, nossos apontamentos anteriores colocaram este conceito psicanalítico em algumas perspectivas dos eventos, do enredo e do contexto do *Édipo Rei*. Dessa forma, a peça como um todo pode ser encarada como a comunicação de uma construção, como se o artista tivesse acesso ao inconsciente do protagonista e demonstrasse pela trama da peça como se originaram as fantasias e os desejos que permeiam o psiquismo deste.

Ademais, cada pequena interlocução entre o protagonista e os demais personagens pode ser vista como uma construção, a partir dos efeitos que estas causam na manutenção da faceta investigativa de Édipo. E porque essa interação se configura como uma aproximação entre um conhecimento preexistente e aquilo que o protagonista virá a descobrir. Além disso, vimos que, na trama de descobertas que perfazem o mito do Édipo narrado pelo grande artista grego, podem ser encontradas muitas semelhanças com conceitos que traduzem o que ocorre no processo analítico. Nessa perspectiva, as noções mais abrangentes sobre o processo de análise, ainda que advindas de períodos diferentes da obra freudiana, guardam semelhança entre si e permitem fazer uma analogia com os eventos e com o contexto dos acontecimentos que compõem a trama edípica na peça.

Não por acaso, essa grande obra literária surgiu na psicanálise exatamente quando Freud fundava seu método e parece que se manteve presente na concepção que Freud tinha sobre sua técnica, mesmo durante as constantes reformulações. Assim, o *Édipo Rei*, para além do complexo, permite também compreender as incríveis nuances do processo analítico, talvez porque o mito, por si só, seja uma antecipação artística muito bem articulada por Sófocles desse extraordinário fenômeno, que foi posteriormente estudado, elaborado e apresentado por Freud como o método psicanalítico.

Dessa forma, concluímos esse capítulo acreditando ter alcançado os objetivos no que diz respeito ao conceito e às formulações teóricas sobre as construções em análise, realizando uma aproximação simbólica com o enredo e eventos narrados na peça de Sófocles. Decerto, também conseguimos fazer essa mesma aproximação no que tange as concepções sobre o método psicanalítico naquilo em que compartilha suas semelhanças ao fenômeno das construções.

Por fim, é chegada a hora de aprofundar sobre alguns aspectos teóricos que podem sustentar a nossa analogia sobre os papéis representados pelos personagens que representam

oráculos com um dos participantes que compõem a dupla do processo de análise. Assim, no próximo capítulo, vamos discutir a mitologia mais detalhada sobre os oráculos gregos, buscando sua semelhança com as características que podem ser atribuídas à função do psicanalista e ao objetivo do processo de análise.

### 3. As aproximações possíveis entre o analista e o oráculo

No capítulo anterior, deixamos claro que, para complementar nossa analogia entre a peça de Sófocles e o processo analítico, havia chegado o momento de realizar um aprofundamento sobre os aspectos teóricos que poderiam sustentar nossa argumentação de que a atuação representada pelos oráculos do mito edípico guarda certa semelhança com um dos componentes da dupla de uma análise propriamente dita. Para tanto, será necessário nos debruçarmos sobre a mitologia grega em busca das concepções a respeito desses personagens mitológicos que participam da trama no *Édipo Rei*. Em seguida, comparar essas características associadas às figuras mitológicas com o conhecimento em psicanálise que foi produzido para dizer sobre a função do psicanalista durante a realização da análise.

Certamente, não podemos perder de vista que estamos fazendo uma leitura da peça e da mitologia, considerando-as como uma produção artística que, justamente por isso, pode ser analisada no campo da psicanálise como uma tradução de fenômenos psíquicos que somente o dom criativo do artista poderia construir. E, até mesmo por essa característica intrínseca, as obras de arte abrem espaço para leituras e releituras, que permitem alterar a compreensão da realidade contida na produção artística. Sendo assim, as ações dos personagens e as descrições dos fenômenos e dos eventos envolvidos na peça de Sófocles e na mitologia grega podem deixar de ser consideradas em sua literalidade, para serem analisadas sob a égide de nossas suposições, dando-nos a liberdade de ver o conteúdo dessa história a partir do simbolismo que ela também representa.

Com os apontamentos realizados anteriormente, não seria surpresa alguma dizer que nossa comparação nos levou às seguintes percepções. Em primeiro lugar, entendemos que a peça apresenta uma dinâmica que se concretiza e promove um processo semelhante ao que, na técnica psicanalítica, chamamos de construções em análise. Em vista disso, acreditamos que

os personagens dotados com o dom da profecia teriam certa participação na dinâmica dos eventos da peça que os assemelharia à função que um analista desempenha na relação terapêutica com seu paciente. Por fim, compreendemos que a principal interação que os oráculos realizam nesse contexto, a profecia, pode se assemelhar às características de algumas intervenções realizadas pelo analista. Tendo em vista que apresentamos, no capítulo anterior, as justificativas pelas quais escolhemos a técnica e o conceito das construções em análise para sustentar nossa analogia entre a peça e o processo analítico e, tomando como base esses três elementos de nossa percepção, seguiremos nas pontuações sobre aqueles dois primeiros.

Dessa forma, vamos abordar no presente capítulo a comparação que se sustenta na hipótese de que as características atribuídas aos oráculos se assemelham com algumas recomendações técnicas voltadas para a função do analista e com o que entendemos ser o objetivo a que se destina o processo de análise. Logo após, mais especificamente no último tópico, dedicaremos nossa atenção às digressões sobre a semelhança entre as intervenções do analista e as participações do oráculo na peça, principalmente no que tange ao aspecto interpretativo que pode ser atribuído às profecias emanadas por esta figura mitológica.

Sendo assim, apresentaremos agora uma exposição da mitologia acerca dos personagens que representam oráculos, destacando algumas de suas características que podem ser associadas aos objetivos da análise e àquelas recomendações técnicas que a teoria psicanalítica recomenda que os analistas desenvolvam. Como dito anteriormente, nossa analogia parte da hipótese de que os personagens que representam oráculos podem ter sua atuação aproximada à função do analista, no que diz respeito aos acontecimentos da peça e do contexto anterior aos eventos da trama. Isso porque, na mitologia grega, uma característica intrínseca dos oráculos é que eles são instados a realizar suas profecias, para que a mensagem contida nessa manifestação oracular possa servir como ferramenta de resolução dos dilemas e conflitos pelos quais estão passando seus consulentes.

A pesquisa sobre a mitologia desses personagens também acaba revelando uma proximidade curiosa entre o papel que eles desempenhavam no contexto da época e a função que se atribui ao analista e ao processo de analítico, no que tange ao universo de saberes da psicanálise. Essa exposição demonstrará de maneira indireta que, dos personagens que interagem com o protagonista na peça e nos eventos anteriores à trama, os oráculos são os que melhor encarnam essas características semelhantes ao analista. Certamente, essa comparação não se trata de uma tarefa fácil, pois ela baseia-se numa hipótese e numa elucubração que percorre um arriscado terreno no qual definimos qual a função desempenhada por um analista. Além do que, nessa empreitada, também acabaremos por discutir certo entendimento do que seria o objetivo a ser alcançado num processo de análise.

Contudo, precisamos esclarecer que não se trata de uma comparação que poderia levar a acreditar que estamos colocando em pé de igualdade a característica da profecia ou da adivinhação, típica desses oráculos, com o trabalho desenvolvido pelo analista. Haja vista que o aprofundamento sobre a mitologia grega e os argumentos que apresentaremos permitirão fazer esta comparação com base em características desses personagens que nada têm a ver com a previsão de destino. Mas sim, com aquelas facetas vinculadas à mitologia dos oráculos que remetem o mote de suas atividades a uma máxima bastante difundida: o conhece-te a ti mesmo. Assim, falaremos de como essas figuras mitológicas representam capacidades para promover o equilíbrio entre forças antagônicas, para realizar uma ação psiquicamente terapêutica e para levar o consulente a uma elaboração sobre seu próprio psiquismo.

Seguindo a linha que havíamos adiantado no primeiro capítulo, esse estudo focará na mitologia sobre os personagens que representam oráculos e que participam do enredo da peça: o oráculo de Delfos e o adivinho Tirésias. Tendo isso em vista, vamos apresentar, de agora em diante, algumas considerações mais detalhadas sobre a mitologia desses personagens, buscando nessas características aquilo que podem coincidir com o que se espera da função

desempenhada pelos psicanalistas e do objetivo intrínseco ao processo analítico. Na medida em que apresentamos o caminho que nossa investigação seguiu, cabe também justificar e exemplificar aquilo que sustenta nossa analogia e que configura a tentativa de aproximação entre os dois campos que estão sendo comparados.

No que diz respeito ao caminho pelo qual tentaremos justificar nossa hipótese, é necessário esclarecer que eles se desdobrarão em quatro características do oráculo, que estão vinculadas à mitologia do deus Apolo, mas que também se associam ao velho adivinho Tirésias. As três primeiras características configuram de maneira mais clara nosso ponto de abordagem sobre a comparação das condições e recomendações que são indicadas para se tornar um analista e sobre aquilo que pode ser entendido como o objetivo da análise. A quarta se refere a uma perspectiva que permite ver a profecia a partir da nuance interpretativa que ela possui. Dito isso, começaremos pela concepção de que a atuação do oráculo influenciada pela mitologia do deus Apolo pode ser vista como uma função moderadora de forças antagônicas, a primeira das três características iniciais.

### **3.1 O oráculo de Delfos como moderador de forças antagônicas**

Inicialmente, precisamos relembrar a ligação intrínseca entre o oráculo de Delfos e a figura do deus Apolo, pois ela é ponto primordial para compreendermos o significado que o oráculo tinha no contexto da mitologia grega na época da produção de narrativas como a do mito do Édipo. Fica patente para os estudiosos da mitologia grega, que as características que estavam relacionadas ao deus Apolo também podiam ser estendidas ao culto realizado na cidade de Delfos e à figura do oráculo ali presente. Em função disso, veremos aqui algumas dessas características que sustentam a noção principal desse tópico sobre a faceta moderadora vinculada ao deus e que pode, certamente, ser considerada em relação às profecias contidas na história de Édipo.

Reforçando essa questão, Brandão (2015) esclarece que, após a vitória de Apolo sobre a serpente e com a dominância apolínea estabelecida no templo de Delfos, o culto realizado no local inaugurou uma nova era, marcada por uma forte influência das características vinculadas a essa divindade. Segundo Kury (2008), essa influência transcendeu às atividades relativas ao oráculo e se fez presente nas esferas política, religiosa, social e cultural da região, mostrando que as atividades em torno da figura do deus Apolo acabaram tendo forte influência na formação do espírito grego daquela época. Esses autores também nos ajudam a entender sobre quais características da divindade foram construídas essas influências que se perpetuaram, conseqüentemente, no culto realizado no templo de Delfos.

Para Brandão (2015), Apolo conjugava em sua figura mitológica o sincretismo de várias tendências antagônicas e representava o resultado de uma depuração mítica bem elaborada. Tal característica justificava o fato de ter se tornado uma figura capaz de sintetizar em volta de si muitas polaridades e contradições, materializando-se num ideal de cultura e de sabedoria. Para o autor, Apolo era considerado um deus solar, que tinha a consecução do equilíbrio e da harmonia dos desejos como princípios vinculados a sua figura mitológica. Nesse mesmo sentido, Brandão (2015) esclarece que, “mais que em qualquer outra parte, o culto de Apolo testemunha, em Delfos, o caráter pacificador e ético do deus que tudo fez para conciliar as tensões que sempre existiram entre as pólis gregas” (p. 98).

Além disso, em busca desse ideal de equilíbrio e harmonia, descobrimos que a atuação de Apolo “não visava a suprimir pulsões humanas, mas orientá-las no sentido de uma espiritualidade progressiva, mercê do desenvolvimento da consciência, com base no ‘conhece-te a ti mesmo’” (Brandão, 2015, p. 87). Assim, percebemos que essa característica moderadora e de busca pelo equilíbrio deveria ser alcançada pela introspecção e pelo conhecimento das forças internas que atuavam em cada pessoa. Segundo essa descrição, a máxima construída em torno da figura divina, incentivava que não se relegasse a segundo

plano o que era inerente à natureza humana, mas que se buscasse conhecer seus efeitos em vista de uma vivência mais harmônica.

Seguindo as indicações de Graves (2018b), para aumentar essas características moderadoras que faziam parte da lista infindável de qualidades do deus Apolo, não podemos deixar de lembrar que, no período em que ele dominou as atividades do templo em Delfos, estabeleceu-se também a máxima do “nada em excesso”. Essas observações reforçam o fato de que todo o culto realizado em torno dessa figura divina estava envolto de ensinamentos que pregavam a sabedoria, o meio-termo, o equilíbrio e a moderação. Nesse sentido, podemos formular alguns apontamentos para demonstrar a semelhança que esse conjunto de características tem com o que entendemos ser um objetivo mais amplo do processo de análise, reforçando também nossa observação de que essa faceta da divindade pode ser associada à participação do oráculo no *Édipo Rei*.

Certamente, compreendemos que a existência de um antagonismo no campo psicanalítico pode ser encontrada na atuação de forças contrárias provenientes do embate que se estabelece entre a consciência do sujeito e os conteúdos de origem inconsciente. Essa compreensão se baseia no fato de que, no início de suas produções, Freud (1905[1904]/1996) estabeleceu o princípio de que o trabalho analítico, em essência, deveria se pautar na concepção de que as representações inconscientes que o paciente tinha de certos processos anímicos eram a causa imediata das suas psicopatologias. Ademais, podemos dizer que é desse embate de forças antagônicas que surgem os sintomas, responsáveis por estabelecer as causas do sofrimento e por trazer os pacientes à clínica psicanalítica.

Ainda segundo Freud (1905[1904]/1996), “a transformação desse inconsciente da vida anímica do enfermo num material consciente só pode ter como resultado a correção de seu desvio da normalidade, bem como a eliminação da compulsão a que sua vida anímica estivera sujeita” (p. 252). Além disso, fica claro que, para Freud, o desequilíbrio gerado pelo

afloramento desse inconsciente estava vinculado a uma sensação de desprazer e que, por esse motivo, o paciente rejeita repetidamente que esses conteúdos se tornem conscientes, como uma clara manifestação do efeito da resistência. Ora, precisamos considerar que a psicanálise não se pauta numa dualidade entre normal e patológico, mas essa observação na obra de Freud nos faz compreender a análise como um processo voltado à superação das resistências internas do paciente ao material psíquico de qualidade inconsciente.

Assim, baseado nessa concepção, o procedimento fundamental na análise está pretensamente ligado ao manejo de forças antagônicas. Por um lado, a análise se coloca como um processo voltado para a descoberta de representações inconscientes, mas, em contrapartida, precisa lidar com uma força que resiste a esse movimento de transformação, em vista do desprazer gerado pelos conteúdos recalçados. Para Freud (1905[1904]/1996), é exatamente nesse conflito de forças que os analistas devem intervir, levando o paciente “a aceitar, motivado por uma compreensão melhor, algo que até então rejeitara (recalçara) em consequência dessa regulação automática do desprazer” (p. 252). Dessa forma, ainda segundo Freud, quando se dedica a essa empreitada e quando consegue êxito nela é que o analista realizará uma espécie de trabalho educativo com seus pacientes, reestabelecendo certo grau de normalidade e equilíbrio entre essas forças psíquicas.

Nesse sentido, o analista realiza um trabalho voltado ao antagonismo entre essas forças que são responsáveis pela desarmonia na vida psíquica do paciente, caracterizada pelo sintoma que leva o paciente ao consultório psicanalítico. De modo semelhante, podem ser vistas as propriedades atribuídas às finalidades das profecias e os motivos que levavam as pessoas a consultar os oráculos, segundo a mitologia a respeito dessa figura. A questão que reforça nossa comparação com a característica oracular é que o acesso às representações de um conteúdo inconsciente que ocorre no processo de análise, permitindo ao paciente reestabelecer o equilíbrio entre essas forças antagônicas e elaborar os efeitos desses conteúdos

inconscientes em seu sintoma e em seu sofrimento psíquico, mimetiza sobremaneira os objetivos pelos quais se realizavam as consultas com o oráculo em Delfos ou com qualquer outra figura mitológica com essa capacidade mântica.

Vejamos novamente, como exemplo, o momento na peça em que Édipo decide consultar o oráculo em Delfos, intrigado pelas palavras do cidadão que afirmava que herói dos pés inchados era filho adotivo. Nas palavras do nosso protagonista, a injúria proferida pelo bêbado na festa gravara-se profundamente em seu espírito e causara-lhe grande sofrimento. Como demonstra a peça, o desconforto provocado pela insinuação em relação a sua origem foi o motivo que levou Édipo a consultar o oráculo. Esse desconforto, que não pôde ser apaziguado nem mesmo pelas palavras dos pais do nosso herói, pode ser comparado ao sintoma e ao desprazer psíquico que encaminham os pacientes ao atendimento psicanalítico.

Nosso protagonista realiza, assim, um movimento muito semelhante ao motivo pelo qual os pacientes se encaminham ao consultório, supondo a possibilidade de que o analista possa ajudá-los a se livrarem de suas dores e de seus desconfortos psíquicos. Além disso, fica claro que a esperança de Édipo nessa consulta era livrar-se dessa dor e desse desconforto causado pela dualidade cuja origem era a contradição recém-aventada em relação à sua própria genealogia. Ou seja, acreditamos que a contextualização desse movimento de busca do oráculo realizado por Édipo simboliza o efeito do sintoma na vida dos pacientes, ao mesmo tempo em que fica patente o fato de que há uma questão que urge por resposta.

Podemos inferir esse último aspecto na história da peça, pois a decepção com a resposta do oráculo é nítida na fala de Édipo. Afinal, a profecia divina não pôs fim ao seu dilema, como ele mesmo diz: “Sem o conhecimento de meus pais, um dia fui ao oráculo de Delfos mas Apolo não se dignou de desfazer as minhas dúvidas; anunciou-me claramente, todavia, maiores infortúnios, trágicos, terríveis” (versos 939-943, p. 58). Em verdade, Édipo

buscava reestabelecer o equilíbrio que havia sido abalado pelas duas versões sobre sua própria origem. Dessa forma, podemos entender que a motivação de Édipo para buscar o oráculo, visto toda mitologia que estava encarnada no templo em função do deus Apolo, era dirimir a dúvida entre o saber notadamente constituído até aquele momento e a versão que agora subjazia das palavras do cidadão embriagado.

Está aqui a questão que intriga nosso protagonista, que diz respeito a um saber sobre si mesmo e que pode ser associado ao sintoma sob o ponto de vista da psicanálise. Tal como abordamos no campo psicanalítico, essa ambiguidade que incomoda Édipo pode se assemelhar ao antagonismo entre os conteúdos consciente e inconsciente, bem como a outros antagonismos que encontramos na prática clínica e que podem muito bem servir de exemplo para essa semelhança com o processo de análise. Mas, de maneira geral, concentramos na característica essencial de que o paciente que busca a análise apresenta uma queixa, baseada em um sofrimento psíquico com sentimentos, emoções ou comportamentos que passaram a incomodá-los a partir de um determinado momento ou de uma situação específica em suas vidas.

Conforme indica Maurano (2003), ao responder à pergunta sobre quando cabe procurar um psicanalista, deve haver, obviamente, por trás dessa procura um sofrimento psíquico ou pelo menos uma questão que intriga o paciente que busca a psicanálise. Frequentemente, essas queixas se apresentam através de um discurso que manifesta o incômodo que o paciente sente por, simbolicamente, descobrir que age sobre si uma força psíquica que, até aquele momento, restava ignota e supostamente inativa. Algumas vezes também, a falta de uma explicação lógica para esse desconforto e para os desencadeantes que causam esse sofrimento fazem os pacientes supor a existência em si mesmos de um fator psíquico desconhecido ou sobre o qual não conseguem exercer qualquer domínio.

Seguindo alguns apontamentos realizados por Maurano (2003), compreendemos que, historicamente, “a psicanálise serviu para ressaltar o funcionamento de uma outra lógica também operante no psiquismo... [uma] lógica do paradoxo” (p. 26). Assim, ao reconhecer a existência do inconsciente, a psicanálise aceita a noção de que existem elementos e determinações que fazem parte da constituição psíquica de cada pessoa, mesmo que esses elementos não estejam acessíveis ao conhecimento consciente deste sujeito. Por essas características é que a psicanálise pode ser vista como uma opção para o trabalho sobre essas questões que causam sofrimento ao sujeito.

Até mesmo porque “a psicanálise veio tratar desse sujeito que cai de uma perspectiva ideal e vai ter que se haver com seus conflitos, suas divisões” (Maurano, 2003, p. 28). Sendo assim, a análise vai se concretizar como uma possibilidade para realizar e elaborar os questionamentos que surgem em função desse sofrimento e desse desconforto. Afinal, em sua essência, conforme acredita Maurano (2003), “a psicanálise é indicada para tratar todo tipo de doença, dado que não tratamos a doença, mas o sujeito que nela está implicado, ou seja, o sujeito que faz da doença um sintoma que chamamos de analítico” (p. 30).

Nesse sentido, a aproximação que realizamos aqui com a mitologia do oráculo fala dessa característica de que o processo de análise pode ser entendido como uma possibilidade para colocar em trabalho esse questionamento sobre si mesmo, tal como faz Édipo ao buscar saber sobre sua origem. Nesse trecho da peça que destacamos acima, podemos confirmar que o oráculo era visto como uma possibilidade de resolver o dilema ao qual nosso protagonista foi submetido, pois se esperava que a mística atribuída ao deus Apolo fosse capaz de conciliar a tensão produzida pelo questionamento de Édipo acerca das duas versões sobre sua própria origem. Assim, acreditamos que, com os apontamentos realizados sobre a mitologia grega, não apenas a dinâmica representada na peça, mas o motivo que levou Édipo a essa primeira

consulta ao oráculo também guarda essa semelhança com o método que foi desenvolvido posteriormente por Freud.

Sobre essa comparação, à guisa de encerramento, percebemos que ambos os processos são vistos por aqueles que se utilizam deles como uma possibilidade de pôr em trabalho seus conflitos por meio da introspecção e da consideração dos fatores internos ao próprio sujeito. Ambos os processos consideram que o desconforto e o desprazer desse conflito podem estar relacionados com o desequilíbrio e a desarmonia entre forças antagônicas. Seja esse conflito causado pela dúvida sobre fatos da própria vida, seja pelo contraponto entre elementos conscientes e inconscientes que fazem parte da vida psíquica do sujeito e que se configuram como um sintoma que serve como fonte de questionamento para o sujeito. Por fim, ambos têm como objetivo, cada um a seu modo, mas também semelhantes entre si, permitir ao consulente ou ao paciente restabelecer esse equilíbrio e resolver o conflito por meio do conhecimento de fatos desconhecidos que compõem sua história de vida ou de elementos inconscientes que compõem sua estrutura psíquica.

### **3.2 As recomendações da cidade de Epidauro**

Para iniciarmos com os elementos da mitologia que se referem ao tema central desse tópico, é necessário primeiro trazer à baila a informação de que uma das características essenciais do deus Apolo, conforme aponta Brandão (2015), é a sua caracterização como uma figura divina que está ligada a procedimentos terapêuticos, destacando-o como um grande praticante da medicina. Por essa condição, há muitos outros mitos que se associam à figura desse deus e que propagam essa qualidade terapêutica de Apolo. Para efeito da argumentação que apresentaremos aqui, vamos nos concentrar em apenas um desses variados mitos, pois ele reflete sobremaneira algo parecido com as recomendações de Freud àqueles que exercem a psicanálise.

Tal mitologia diz respeito à cidade de Epidauro – conhecida como a cidade terapêutica. Descobrimos na pesquisa bibliográfica que a mitologia acerca dessa cidade tem importantes fatores para auxiliar em nossa aproximação da mística associada ao deus Apolo com uma das características relativas ao processo de formação de uma analista. Além disso, os ensinamentos a respeito de Epidauro também servirão para sustentar os argumentos do próximo tópico, aumentando a importância dessa apresentação sobre a cidade terapêutica. Por fim, veremos também, depois da explanação sobre essa mística localidade, que algo semelhante ao que ocorre em Epidauro pode ser reconhecido nos acontecimentos que envolvem a concessão do dom da profecia ao adivinho Tirésias.

Brandão (2015) esclarece outro fato importante sobre esse local mitológico, dizendo que as características atribuídas à cidade de Epidauro não podem ser desvinculadas do grande deus Apolo e de suas características voltada à prática médica. Dessa forma, os apontamentos que faremos a seguir sobre essas características podem ser considerados como marcas que necessariamente estão ligadas à mitologia simbolizada pelo deus sol. Por conseguinte, o mesmo pode ser estendido ao oráculo que se estabeleceu em Delfos, que é o nosso ponto de confluência para a comparação defendida aqui, e cuja participação pode ser vista na peça narrada por Sófocles e no contexto de vida do protagonista desta trama. Feitos esses esclarecimentos, vejamos então a versão mais considerada da mitologia da cidade de Epidauro, conforme os argumentos apresentados por Brandão (2015), Graves (2018b) e Kury (2008).

Tudo se inicia quando Apolo se envolve num relacionamento com a ninfa Corônis, cujo resultado dos enlaces amorosos é a concepção de um filho do casal. Todavia, a ninfa decide se juntar a Ísquis ainda grávida, movida pelo receio de que Apolo a abandonasse quando ela chegasse à velhice, por ele ser um deus eternamente jovem. Entretanto, esse novo casal foi vítima da ira das divindades gregas, sendo mortos pelas mãos de Apolo e de sua irmã

Ártemis. Devido à comoção do pai com o filho recém-gerado, a criança foi salva ainda no ventre da ninfa e recebeu o nome de Asclépio. Depois, o descendente bastardo do deus Apolo foi adotado pelo centauro Quirão, notadamente um grande médico, que não deixou de repassar seus conhecimentos sobre a prática médica durante a criação do menino.

Seguindo a lenda sobre essa cidade, não bastasse a ascendência de Asclépio, sendo filho biológico e adotivo de duas grandes figuras mitológicas conhecidas por sua fama na medicina, sua descendência também vai formar uma constelação em defesa da saúde. Os filhos Podalírio e Macáon são dois médicos personagens coadjuvantes na *Íliada*, e suas filhas Panaceia e Higíia, receberam nomes de palavras que, etimologicamente, significam, respectivamente, o remédio para todos os males e a própria saúde.

Ademais, segundo Brandão (2015), quando Asclépio se fixa na cidade de Epidauro, a influência de Apolo como um grande médico há muito tempo imperava no local. Em vista disso, Asclépio concebe e concretiza uma verdadeira escola de formação de médicos, fazendo com que a cidade e seus templos passassem a ser conhecidos por abrigarem um método terapêutico bastante particular, chamado de nooterapia. A peculiaridade dessa terapêutica se dá pelo fato de que ela somente seria concretizada quando esse processo de cura permitisse ao paciente realizar o que ficou conhecido como metanoia. Essa modalidade de terapia e a realização que ela permite ao paciente é o ponto de confluência na mitologia dessa cidade sobre o qual focaremos no próximo tópico.

Voltando ao tema dessa apresentação, ainda conforme Brandão (2015), essa escola fixada na cidade de Epidauro, ficou conhecida por basear seus métodos terapêuticos em um processo curativo que guardava certas características místicas e repetiam as máximas que eram vinculadas ao deus Apolo para o atingimento da saúde mental e física. Mesmo assim, as práticas medicinais desenvolvidas nessa escola criada por Asclépio já se mostravam bastantes avançadas em relação ao saber construído pela medicina atual. Desse modo, os ensinamentos

da escola de Epidauro preparam o caminho para uma medicina científica, sendo dela que descende Hipócrates, considerado atualmente como o pai da medicina moderna.

Por fim, descobrimos nas pesquisas realizadas por Brandão (2015), que uma regra implícita nesta cidade terapêutica era que o médico formado no local, antes de se dedicar a tratar seus pacientes, também precisava realizar um processo de cura, sendo orientado a se submeter antecipadamente ao mesmo processo terapêutico que viria a aprender e a empregar. Assim, evidenciamos nessa mitologia que havia uma recomendação para que os terapeutas da escola de medicina da cidade de Epidauro passassem por uma vivência desse processo, antes de aplicar os métodos terapêuticos aprendidos na cidade em seus pacientes.

Para complementarmos essa característica sobre a formação dos terapeutas da cidade de Epidauro, vejamos algumas considerações sobre os poderes proféticos do outro personagem que participa do mito edípico: o velho adivinho Tirésias. Sabemos pelas indicações de Kury (2008) que Tirésias carrega em comum com a divindade solar o dom da mântica (ou mantéia), que significa a capacidade de realizar profecias. Este dom lhe foi dado pelas mãos de Zeus, em compensação a ter perdido a visão pela punição imposta por Hera, após ajudar na resolução da dúvida que intrigava o casal, como apontado no primeiro capítulo.

É importante esclarecer que o dom da profecia se equivale aqui às atividades medicinais promovidas na cidade de Epidauro. Segundo as indicações de Brandão (1987), na mitologia dos oráculos e dos personagens com o dom da mântica, as profecias, tal como as realizadas por Tirésias, revestiam-se de um caráter essencial que visavam promover um processo de cura. Afinal, segundo o autor, as profecias eram o meio pelo qual os deuses exerciam sua atividade terapêutica em prol daquele que consultava o oráculo.

Além disso, a imprecação da cegueira ao adivinho Tirésias, compensada pelo dom da profecia, tinha um simbolismo especial, pois, conforme a leitura de Brandão (1987), no

sentido mitológico, a cegueira e o dom da profecia, que são características de várias figuras mitológicas videntes dos desígnios divinos, são como atos sucedâneos, como uma espécie de ritual de passagem. Assim, em vista das determinações de Zeus e de Hera, podemos entender que Tirésias não podia mais enxergar aquilo se apresentava a ele vindo de fora, para que se visse obrigado a realizar um processo de introspecção ao seu próprio eu.

Simbolicamente, a cegueira para o mundo externo contrapõe-se ao dom da profecia, que dá ao velho adivinho a capacidade de enxergar a si mesmo, a seu mundo interno. Nota-se nessa característica, que Tirésias passou por um processo semelhante, ainda que de uma forma diferente, ao que era exigido aos médicos da cidade de Epidauro. Essa prova de iniciação na prática da profecia fica representada pela possibilidade de conhecer a si mesmo em vista da cegueira ao mundo externo, repetindo a máxima apolínea do conhece-te a ti mesmo. É justamente nessa descrição da influência apolínea sobre a atividade terapêutica do mito da cidade de Epidauro e desse rito simbólico vivenciado por Tirésias que vemos a proximidade que a atividade vinculada às profecias tem com uma recomendação específica que a psicanálise estabelece para a formação do analista.

O que evidenciamos nessas considerações sobre a mitologia é que os ensinamentos de Apolo como representante da medicina e o dom da profecia em sua faceta que simboliza um processo que permite ao consulente realizar o autoconhecimento exigem daqueles praticantes do método terapêutico e dos realizadores de profecia a vivência de um processo similar ao que aplicam no exercício de suas funções. Nesse quesito, a tarefa de justificar a aproximação entre as considerações sobre a mitologia e a psicanálise pode ter ficado mais fácil, visto que sabemos, por variadas fontes, que um dos pilares para a formação do analista é que este realize sua própria análise, submetendo-se, durante e após o período de formação, ao processo analítico.

Laplanche e Pontalis (2016), bem como Roudinesco e Plon (1998) afirmam que a recomendação para que o analista realizasse um processo de análise foi uma necessidade que se construiu juntamente com o desenvolvimento da técnica psicanalítica. Com o tempo, essa recomendação tomou a forma que conhecemos atualmente, tratando-se de um processo vinculado às escolas de formação em psicanálise e ficou conhecido como análise didática. Segundo os autores citados, essa prática de se submeter ao processo de análise, típica do meio psicanalítico, transformou-se em algo fundamental para a formação do analista, tornando-se a maneira pela qual se pretende que o analista possa reconhecer em si mesmo a atuação do seu próprio inconsciente, requisito essencial para poder realizar o tratamento analítico em outras pessoas.

Embora Freud possa ter dado a entender algumas vezes que essa condição poderia ser alcançada pela autoanálise, assim como ele próprio fizera em relação a sua própria análise, no decorrer de sua obra não faltam referências que embasam a exigência dessa experiência aos futuros analistas. Chamamos a atenção ao que fica evidenciado quando da publicação das *Recomendações aos médicos que exercem a Psicanálise*, obra na qual Freud (1912/1996) diz que não basta ao analista ser uma pessoa aproximadamente normal, “deve-se insistir, antes, que tenha passado por uma purificação psicanalítica e ficado ciente daqueles complexos seus que poderiam interferir na compreensão do que o paciente lhe diz” (p. 129). Dessa forma, ficou patente para os analistas contemporâneos que essa recomendação se referia, na verdade, a submeter-se à análise realizada por outro analista, regra que se convencionou e se manteve até a atualidade.

Sendo assim, percebemos que a mitologia ao redor das atividades vinculadas ao deus Apolo e ao dom da profecia se justapõe mais uma vez a algumas características que, posteriormente, tornaram-se praxe na técnica da psicanálise, de acordo com a teoria criada por Freud. Segundo Brandão (2015), toda a dinâmica evolutiva da cidade que se dedicava ao

cuidado terapêutico e, em especial, à dimensão do psiquismo, constituiu-se sobre a máxima de que os médicos que ali exerceriam sua profissão deveriam antes passar por um processo de purificação, alcançando em si mesmo os efeitos advindos desse processo. De modo semelhante, as recomendações técnicas da psicanálise repetiram a regra, igualmente estabelecida na antiguidade grega, indicando que realizar o processo de análise, permitindo acesso aos próprios determinantes inconscientes é essencial para o analista compreender o método analítico e o funcionamento inconsciente de seus pacientes.

Com essas asserções sobre a mitologia, podemos perceber que as qualidades e as características de realizar um processo que permitisse a cura se manifestavam naquelas que foram as mais conhecidas intervenções do deus Apolo: as profecias. Posteriormente, essas qualidades e características foram perpetuadas e impuseram regras a outros procedimentos que também buscavam a realização desses métodos terapêuticos. Dessa forma, a noção vinculada à máxima do “conhece-te a ti mesmo” que transparecia nas profecias e nas consultas realizadas pelos oráculos também foi recomendada àqueles que se dedicavam a realizar o processo de tratamento que foi construído com fortes influências da divindade grega. Nesse sentido, os ensinamentos ligados à figura de Apolo prescreveram uma regra de conduta que não se aplicava apenas àqueles que se utilizavam do método terapêutico, mas também aos próprios terapeutas.

Outra nuance sobre esse assunto que devemos destacar, no que se refere à comparação do analista com os personagens com o dom da profecia e dos médicos de Epidauro, diz respeito ao fato de que somente é possível se tornar uma analista, ao se passar pelo processo de análise, conforme uma máxima muito difundida no meio psicanalítico (Zimmerman, 1999). Assim quando apresentamos esses dados sobre a mitologia dessas figuras médicas vinculadas à mística do deus Apolo e dos personagens que realizam profecias, queremos demonstrar que a atividade terapêutica da cidade de Epidauro e a realização de profecias somente se tornam

passíveis de ser entendidas como uma ferramenta desse método terapêutico, pois seus praticantes experimentam de forma antecipada os efeitos desse método.

Conforme a máxima de que somente se torna um analista depois de se submeter ao processo de análise, identificamos que o mesmo pode ser dito em relação à nooterapia e à cegueira dos profetas. Assim como o analista, o que permite ao médico de Epidauro, à mística da atuação do oráculo de Delfos e às profecias do velho adivinho realizar sua função analítica (terapêuticas no caso dos personagens gregos) é que eles passaram anteriormente por um processo que representa o mesmo efeito de uma análise didática para a formação do analista. Esse argumento também ajuda a retirar dessa comparação a noção de que estamos dizendo que o analista é um profeta, que prescreve o futuro por tudo saber sobre seu paciente. Na verdade, o ponto de confluência entre eles, destacado nesse tópico e que atribui às intervenções proféticas da peça de Sófocles o efeito de uma construção, é que a atividade advinda do método que praticam origina-se na submissão ao mesmo método como condição para sua prática.

Para finalizar esse tópico, inferimos que essa semelhança com a técnica e a teoria psicanalíticas permite criar um simulacro da afirmação de Freud (1907/1996) e dizer que o dom criativo da mitologia precedeu os esforços dos cientistas da mente humana. De maneira resumida, podemos dizer que Freud, por meio de seus estudos e de sua prática clínica, desenvolveu um método terapêutico específico e único. Depois disso, constituiu-se uma espécie de escola de formação, na qual se impôs aos praticantes do método analítico a recomendação de se submeter ao processo de análise como requisito prévio. Assim, repetiu-se simbolicamente a orientação da cidade terapêutica de Epidauro, afinal, conforme aponta Freud (1912/1996), era necessário ao analista passar por uma “purificação psicanalítica”, tendo acesso ao funcionamento de seus complexos inconscientes e cientificando-se da maneira como eles podem interferir na situação analítica. O método que Freud desenvolveu

para esse fim é, ao mesmo tempo, a maneira para compreender essa necessidade e para alcançar esse estado de “pureza”.

### **3.3 Uma terapêutica voltada para a cura da mente**

Para os apontamentos da mitologia que sustentam nossa comparação nesse terceiro tópico, seguimos novamente as indicações teóricas de Kury (2008) para adicionarmos mais algumas características associadas ao deus sol. Segundo este autor, além de ser uma divindade vinculada às profecias, Apolo era considerado o patrono da juventude e, conforme vimos acima, representante mor das ciências médicas. Também como esclarece Brandão (2015), Apolo era conhecido por seus poderes de cura e nessa função a divindade grega era considerada infalível. Todavia, essas capacidades terapêuticas vinculadas a Apolo iam muito além daquilo que corresponde a um tratamento destinado somente à cura do corpo. Na verdade, como já ficou prenunciado pela máxima do “conhece-te a ti mesmo”, esse poder curativo associado a Apolo garantiu a ele a singela pecha de purificador de almas.

Nesse sentido, a última das três características e que encerra o primeiro caminho de nossa comparação prenunciado no início desse capítulo, diz respeito à noção de que as atividades que envolvia a mística do deus Apolo se associam à construção e ao desenvolvimento de um processo terapêutico bastante peculiar. Esse procedimento de cura se destaca pela importância que é dada ao fator psíquico, determinando-o como requisito essencial para se alcançar um estado de saúde integral.

Conforme adiantamos no tópico anterior, esse processo terapêutico foi construído a partir das práticas medicinais desenvolvidas na cidade de Epidauro. Em vista disso, relembremos que Asclépio, filho bastardo de Apolo, concebeu uma escola de medicina na cidade de Epidauro, na qual se desenvolveu o método terapêutico chamado de nooterapia, que se caracteriza por somente se tornar eficaz quando permite ao paciente realizar o que ficou

conhecido como metanoia. Ou seja, o melhor efeito e a completude da nooterapia somente poderiam ser alcançados e, conseqüentemente, promover uma cura para o plano psíquico se, através desse processo, ocorresse a metanoia. Para uma maior compreensão, esses termos necessitam de uma explicação detalhada, que também reafirmará o fato de que seus significados traduzem uma ligação intrínseca entre eles.

De acordo com os ensinamentos de Brandão (2015), naquela época, os gregos entendiam que para a cura total do corpo era imprescindível, em primeiro lugar, realizar o tratamento do campo psíquico ou espiritual. Para tanto, era necessário realizar um processo terapêutico que permitisse a reforma e a purificação psíquica e física do homem como um todo, algo que poderia ser alcançado com a nooterapia. Ferreira (2009) nos ajuda a compreender que o prefixo “noo”, que significa “faculdade de pensar; inteligência; pensamento; espírito” (p. 1408), associado a outras palavras passa o sentido de algo que é relativo ao psiquismo de maneira geral. Dessa forma, tal como noologia significa estudo da mente, esse prefixo associado à palavra terapia significa, necessariamente, a cura pela mente e, propriamente dito, uma espécie de psicoterapia.

Sendo assim, esse termo traduz, sem sombra de dúvida, a essência da técnica que era desenvolvida e praticada na cidade conhecida por suas propriedades terapêuticas. Em síntese, segundo Brandão (2015), por meio desse processo curativo praticado em Epidauro “procurava-se, a todo custo, através do *gnôthi s' autôn* (conhece-te a ti mesmo) que o homem ‘acordasse’ para sua identidade real” (p. 94). Essa máxima e a noção de que o homem necessita acordar para sua identidade real, cuja perspectiva podemos muito bem entender como a possibilidade de uma melhor compreensão do seu mundo interno, do seu psiquismo, vincula essa atividade terapêutica com o segundo termo: a metanoia.

Segundo o dicionário, essa palavra significa “transformação fundamental de pensamento ou de caráter” (Ferreira, 2009, p. 1321) e passa o sentido da realização de um

processo que permite uma espécie de mudança ao próprio psiquismo. Para os gregos daquela época, conforme já mencionamos acima, “só existia cura, quando havia *metánoia* [sic], ou seja, transformação de sentimentos” (Brandão, 2015, p. 94). Nesse sentido, o objetivo dos médicos que praticavam o processo curativo realizado pela nooterapia baseava-se na premissa de que, quando a consciência humana se mantém ou alcança em um estado de harmonia e de pureza, por conseguinte, o aparato biológico tornava-se são e equilibrado. Partindo dessa premissa, acreditava-se que essa harmonia, pureza e equilíbrio poderiam ser alcançados pela metanoia.

Assim, considerando as máximas apolíneas, esse movimento de mudança era fruto de um processo de introspeção e de autoconhecimento, que requeria que cada sujeito acordasse para suas determinações internas e que se conscientizasse sobre as influências que elas exerciam em seu caráter. A partir disso, o sujeito podia modificar seus comportamentos em vista da possibilidade de encontrar um estado de equilíbrio psíquico. Segundo a mitologia, se a metanoia permitisse que esse estado de harmonia e equilíbrio fosse alcançado, isso se refletiria também no estado de saúde do aparato biológico e os objetivos da nooterapia estariam cumpridos. Todo esse processo se configurou em outra máxima associada ao deus Apolo, registrando-se para sempre com a exortação: “purifica tua mente e teu corpo estará curado” (Brandão, 2015, p. 96).

A partir desses dados, podemos inferir a existência de dois pontos de aproximação com a técnica desenvolvida por Freud. Esses pontos se entrelaçam, mas podemos caracterizar cada um deles de forma distinta. Por um lado, temos uma atividade voltada às condições de adoecimento do sujeito que tem por princípio considerar e priorizar os fatores psíquicos como fundamentais para os métodos de tratamento. E, por outro lado, temos, em consequência dessa priorização, a elaboração e o desenvolvimento de um método de tratamento voltado ao funcionamento da mente, com uma característica de se concretizar por permitir ao paciente

realizar uma transformação em seu mundo psíquico, a partir da vivência de uma experiência bastante peculiar.

Senão vejamos, em relação ao primeiro desses dois pontos, conforme a mitologia que vimos nos tópicos anteriores desse capítulo, percebemos que as atividades vinculadas à divindade grega se configuraram pela valorização do restabelecimento do equilíbrio psíquico como um princípio que regia a atividade oracular e que deveria ser adotada por seus consulentes por meio da máxima do conhece-te a ti mesmo. Adicionalmente, as principais medidas terapêuticas vinculadas à divindade apolínea mantiveram este princípio na concepção de um processo de tratamento dos fatores psíquicos, ainda que diferente daquele ritual associado às atividades proféticas do oráculo. Além disso, esse processo, notadamente constituído na cidade de Epidauro, estendeu essa concepção para a noção de que o efeito que poderiam ser alcançados pelo tratamento psíquico poderia se refletir nas condições físicas e biológicas do adoecimento, concluindo que o estado de saúde mental afetaria diretamente a saúde de maneira integral.

Dessa forma, podemos evidenciar que a construção dessa atividade terapêutica associada à mitologia do deus Apolo coincide com o caminho de concentrar o foco de estudo e o desenvolvimento de um método voltado ao psíquico, tal como os passos realizados por Freud no processo de construção da teoria e da técnica psicanalíticas. Não nos surpreende que tal concepção possa ter sido vanguardada por essas figuras da antiguidade grega, afinal Freud (1917[1916-17]) afirmava que “os psicanalistas não foram os primeiros e nem os únicos que fizeram essa invocação à introspecção” (p. 292). Assim, mesmo que as noções de psíquico e de espiritual daquele período da história grega ainda não fossem totalmente separadas, descobrimos na mitologia e no significado etimológico da palavra, que o processo de nooterapia pode ser visto como um precursor de um conceito geral que abrange a psicoterapia e outros métodos que se dedicam ao estudo do psiquismo do sujeito. Apesar

disso, ao equivalermos o produto da evolução das teorias freudianas com o desenvolvimento de um processo terapêutico de caráter ritualístico e místico que os meios terapêuticos da Grécia antiga representavam, não queremos afastar a cientificidade que tanto foi almejada por Freud e conquistada pela psicanálise. Na verdade, com essa comparação, nossa atenção se volta ao primeiro dos dois pontos citados acima: a questão da priorização dos fatores psíquicos como fundamentais para o desenvolvimento de uma atividade voltada às condições de adoecimento do sujeito e de um método de tratamento.

Nesse sentido, levamos em consideração que Freud iniciou sua trajetória praticando a medicina e que buscava na neurofisiologia a explicação para algumas questões do campo psicológico. Inclusive, segundo aponta Roudinesco (2000), a dedicação de Freud em tornar a psicologia uma ciência baseada em processos químicos e físicos rendeu ao arcabouço psicanalítico a elaboração do famoso *Projeto para uma psicologia científica*. Texto no qual, segundo a autora, Freud tentava detalhar os processos psíquicos e torná-los inteligíveis e replicáveis, como tudo mais precisava ser nas pesquisas científicas da virada entre os séculos XIX e XX. Ainda conforme a autora, mais tarde, a experiência com Charcot e Breuer acabou por encaminhar Freud para outra vertente, fazendo-o perceber que os processos psíquicos respondiam indistintamente por suas condições.

Assim, fica evidente que Freud realizou seu caminho teórico no sentido de uma atenção inicial pelo campo da neurofisiologia que culminou no interesse principal voltado para os processos psíquicos. Isso evidencia também, a passagem de um estudo voltado aos aspectos fisiológicos que afetavam os processos psíquicos para a consideração de que esses processos mentais poderiam ser a causa única do adoecimento psíquico, bem como os responsáveis por determinar certas condições físicas e biológicas de seus pacientes. De modo semelhante à mitologia vinculada ao deus Apolo, após o início voltado para as condições

neuroológicas, os estudos de Freud se concentraram na questão psicológica, que se tornou o ponto central para a sua atividade de pesquisa e para a formulação de um método terapêutico.

Aqui cabe ainda destacar outras características importantes dessa cidade mimetizada em forma de centro terapêutico. Segundo Brandão (2015), além da nooterapia, as outras técnicas terapêuticas desenvolvidas pelos seguidores de Asclépio eram fortemente baseadas nos conhecimentos da psicossomática e continuavam reiterando a noção de que uma mente saudável era capaz de trazer harmonia ao corpo como um todo. Além disso, a cidade ficou conhecida por suas propriedades medicinais aliadas às atividades culturais, tais como a música, o teatro e a prática de esportes, caracterizando-se pelo culto à saúde integral, uma versão próxima ao conceito contemporâneo de saúde biopsicossocial.

Consequentemente, nessa escola de medicina também se praticou um parcial abandono das curas efetuadas por meio de medicamentos, em vista dessa priorização à busca pela saúde psíquica em primeiro plano. Essa percepção nos remete ao que Freud comenta em seu texto *Sobre a Psicoterapia*, diante das críticas contra os métodos psicoterapêuticos e das incertezas apresentadas por seus colegas médicos. Nessa ocasião, Freud (1905[1904]/1996), lembra a eles da “experiência já há muito conhecida de que certas doenças, e muito particularmente as psiconeuroses, são muito mais acessíveis às influências anímicas do que a qualquer outra medicação” (p. 245). Freud queria, naquele momento, ressaltar a máxima de que quem curava a doença não era o medicamento, mas sim a personalidade do médico.

Entretanto, esse argumento nos dá amparo para inferir que ele acreditava que influência psicológica do médico sobre o paciente poderia ser mais terapêutica que os tratamentos convencionais voltados apenas para o aparato biológico, algo semelhante ao que se praticava na cidade de Epidauro. Nossa hipótese central nesse primeiro ponto de comparação é demarcar que, em vista da influência de Apolo e de seu filho médico, a função terapêutica vinculada à cidade de Epidauro foi, paulatinamente, se constituindo como um

método que levava em consideração e, em certa medida, privilegiava o fator psicológico como o caminho para o estabelecimento da saúde integral.

Numa toada semelhante, Freud concentra a formulação da sua teoria sobre os determinantes inconscientes, desenvolve e inaugura um método, que o permite abandonar certas convicções, assentadas até o momento, de que as psicopatologias tinham como única causa fatores orgânicos e que, por consequência, somente poderiam ser revertidas pelo uso de medicamento ou pela intervenção no aparato biológico. Assim, nessa primeira correlação da psicanálise com o caminho percorrido pelas atividades terapêuticas vinculadas ao deus Apolo na cidade de Epidauro, ressaltamos que em ambos os casos, o interesse e a priorização da participação dos fatores psíquicos levaram ao desenvolvimento de um método com base na premissa de que o tratamento psicológico poderia reverter inclusive distúrbios que afetavam diretamente o aparato biológico.

Esse movimento de priorização ressalta a importância que a psicanálise atribuiu aos fatores psíquicos, em especial, à concepção da existência de determinações psíquicas inconscientes inaugurada por Freud. Dessa forma, podemos considerar que, a partir dessa priorização, o fundador da psicanálise construiu um método de tratamento voltado completamente ao psiquismo que se configurava como algo inédito e singular. Além disso, o método psicanalítico permitiu constatar e estabelecer a influência dos fatores inconscientes na estruturação psíquica de cada sujeito e nos processos de adoecimento. Posteriormente, os conhecimentos desenvolvidos pela psicanálise também extrapolaram os limites da clínica, permitindo a aplicação dos seus conceitos nos contextos social e cultural, tal como a terapêutica desenvolvida em Epidauro influenciou todo um modo de vida naquela época.

Por fim, encerrando esse tópico, vamos apresentar nossas digressões sobre o segundo ponto de comparação destacado acima: a questão da construção de um método de tratamento voltado ao funcionamento da mente, com uma característica de se concretizar por permitir ao

paciente realizar uma transformação em seu mundo psíquico, a partir da vivência de uma experiência bastante peculiar. Ora, nossa intenção por trás desse ponto é estabelecer uma comparação entre a metanoia, que é o resultado do procedimento terapêutico da cidade de Epidauro, e o processo de elaboração<sup>3</sup>, definido nos termos de um acontecimento típico do método analítico.

No que se refere ao método desenvolvido na cidade mitológica, temos clara a noção de que o processo terapêutico deveria encaminhar o paciente a uma transformação de seus sentimentos e a uma reestruturação de seu caráter, significando, assim, que ele foi capaz de realizar a metanoia. Já no método desenvolvido por Freud, a vivência de uma experiência bastante peculiar nos encaminha para uma aproximação com a noção de que a análise deve permitir ao paciente realizar a elaboração dos seus conteúdos inconscientes, ressignificando essas representações e superando as resistências que delas provém.

Para Roudinesco e Plon (1998), a noção de elaboração associada ao método analítico diz respeito ao trabalho realizado pelo inconsciente do paciente em função do tratamento psicanalítico. Para esses autores, a elaboração realizada em função do método analítico “permite ao analisando integrar uma interpretação e superar as resistências que ela desperta” (p. 174). Complementando com uma definição que prescreve esse mesmo sentido, Laplanche e Pontalis (2016), destacam que a elaboração diz respeito a um processo favorecido pela interpretação realizada pelo analista, que elicia no paciente “uma espécie de trabalho psíquico que permitiria ao sujeito aceitar certos elementos recalcados e libertar-se da influência dos mecanismos repetitivos” (p. 339). Por fim, para esses autores citados acima, fica claro que o processo de elaboração é um trabalho psíquico efetuado essencialmente pelo paciente durante e em função da análise, com base nas intervenções realizadas pelo analista.

---

<sup>3</sup> Escolhemos usar o termo elaboração como correspondente ao termo perlaboração cunhado por Laplanche e Pontalis (2016) e tendo em vista que Roudinesco e Plon (1998) não fazem distinção entre os termos elaboração e perlaboração, quando definem o trabalho realizado pelo inconsciente em função do tratamento psicanalítico.

Muito salutar para o prosseguimento dessa discussão são os esclarecimentos encontrados em *Recordar, repetir e elaborar*. Além de permitir uma aproximação no que se refere à vivência de uma experiência bastante peculiar durante o processo terapêutico, a discussão apresentada por Freud (1914/1996) nesse texto pode conjugar elementos vinculados à mitologia do oráculo e do deus Apolo com algumas concepções que abordamos até aqui para justificar nossa comparação entre a peça de Sófocles e o processo de análise. Nesse sentido, rememorando o objetivo que se encontra envolvido no conceito de construções em análise, em muitas assertivas freudianas que falam sobre a questão da recordação que se processa durante a análise, encontramos a noção da necessidade de preencher lacunas na história infantil do sujeito.

No que se refere a questão do processo de elaboração, Freud (1914/1996) utiliza o termo para falar do fato de que o paciente necessita de um tempo para que possa compreender a manifestação da resistência no processo analítico. Como aponta Freud, não é apenas pelo fato de o analista dizer ao analisando que este ou aquele comportamento é fruto da ação da resistência que se fará cessar os efeitos desse mecanismo defensivo na vida do paciente e na situação analítica. Seguindo nessa apresentação, além de ressaltar que a elaboração é uma tarefa difícil para o sujeito em análise e uma prova de paciência para o analista, Freud afirma que esse processo faz “parte do trabalho que efetua as maiores mudanças no paciente e que distingue o tratamento analítico de qualquer tipo de tratamento por sugestão” (p. 171).

Essa descrição que Freud faz do processo de elaboração, que se concretiza pela superação da resistência do paciente em relação aos seus próprios impulsos instituais recalçados e que pode promover uma mudança profunda no psiquismo do paciente, aproxima-se da noção de metanoia que se esperava do procedimento terapêutico da cidade de Epidauro. Nesse caso, tanto a nooterapia quanto a psicanálise têm como um objetivo mais abrangente permitir, em alguma medida, uma mudança na relação que o sujeito tem com seu psiquismo.

Além do que, ambas prescrevem a necessidade de que o paciente vivencie uma experiência de transformação interna que se configura como uma etapa desse processo mais amplo. Ademais, esses métodos podem ter em comum que não basta apenas submeter-se e dedicar-se ao processo de tratamento como uma simples assimilação do funcionamento psíquico e dos mecanismos de adoecimento. Eles precisam permitir que algo além disso ocorra. E é essa a experiência peculiar e, em certa medida, única no caso do processo psicanalítico, que esses processos promovem para seus pacientes.

No que diz respeito à nooterapia, essa transformação se caracteriza pelo atingimento de um estado de pureza espiritual e de harmonia com as necessidades e pulsões humanas. Na psicanálise, a elaboração permite a superação das resistências, o conhecimento da atuação de seus impulsos instintuais e, principalmente, a modificação de seu comportamento no sentido de poder cessar a compulsão à repetição. Quando esse estado de coisas é proporcionado pelo processo psicanalítico o paciente tem a sensação de uma profunda mudança em seu caráter e em sua vida psíquica. Assim, o que se encontra nas entrelinhas desses métodos é a possibilidade de ocorrência dessa mudança, dessa transformação profunda no psiquismo do paciente.

Dito isso, para encerrar esse tópico, voltemos à discussão sobre o processo de elaboração com um trabalho realizado pelo inconsciente em função do tratamento psicanalítico, que permite conjugar elementos vinculados à mitologia do oráculo e do deus Apolo com algumas concepções mais abrangentes do processo análise, reforçando nossa comparação com a peça de Sófocles. Esse pequeno adendo assentará algumas premissas que serão apresentadas no próximo tópico, que trata da semelhança entre as intervenções do analista e as participações do oráculo na peça. Para tanto, vamos retroagir o caminho da evolução das intervenções realizadas pelos médicos de Epidauro que estão vinculados à figura

do deus Apolo, apoiando essa retomada nas máximas que ficaram assentadas na mitologia grega.

Sendo assim, quando a nooterapia se coloca como o principal procedimento terapêutico na cidade de Epidauro, observamos que um ensinamento se configura de maneira muito clara: a saúde integral apenas poderia ser alcançada pelo estabelecimento da saúde psíquica. Esse quadro prescreve a necessidade de que a nooterapia permita realizar a metanoia e ficou gravado pela máxima de que a purificação da mente proporciona a cura do corpo. Mas esse processo curativo foi baseado numa máxima anterior, adotada nas atividades realizadas no ritual oracular: o conhece-te a ti mesmo. Assim, essa necessidade de transformação interna intrínseca à metanoia não poderia ser alcançada sem que o sujeito conhecesse em profundidade seu próprio mundo interno e pudesse distinguir os sentimentos que precisa transformar para chegar ao estado de pureza e equilíbrio que a nooterapia prescrevia.

Então, esse caminho demonstra que, para chegar ao objetivo mais amplo da nooterapia, passando pela purificação da alma promovida pela metanoia, é necessário que o sujeito realize um processo de autoconhecimento profundo. Assim, em que pese a motivação ou necessidade que leva a pessoa a buscar esse fim último alcançado no procedimento terapêutico, elas (a motivação e a necessidade) não são elementos suficientes para permitir e sustentar o andamento dessa jornada. É essa inferência que nos leva a afirmar que se não existisse uma atuação de um terceiro (seja ele o deus Apolo, sejam as profecias do oráculo, sejam os médicos de Epidauro) esse processo de transformação não se iniciaria.

De maneira similar, percebemos que o movimento de mudança psíquica promovido pela elaboração somente pode ocorrer porque se trata do resultado de uma intervenção realizada pelo analista dentro do processo psicanalítico, tal como o que ocorre nas intervenções realizadas por essas figuras mitológicas nas situações em que são instadas a atuar. Uma analogia similar a essa é apresentada por Maurano (2003), ao comparar os

personagens Dom Quixote e Sancho Pança, respectivamente, ao analisando e ao psicanalista, afirmando que no processo de análise, o analista deve emprestar-se como veículo para que o paciente “explora suas possibilidades de existir e aprenda algo do desejo que o move. O analista é responsável por dirigir o trabalho para que ele vá nessa direção” (p. 43).

Mas podemos acrescentar algo na nossa analogia do processo de análise com os elementos da mitologia vinculadas ao deus Apolo. É que esse movimento de mudança psíquica promovido pela intervenção das figuras oraculares, em especial as profecias, é provido, assim como a psicanálise, de um caráter interpretativo. Em função disso, mostraremos no próximo tópico como as intervenções realizadas por essas figuras mitológicas guardam em si esse caráter interpretativo, semelhante às características atribuídas à função do psicanalista durante o processo de análise.

### **3.4 A capacidade interpretativa de Apolo à Tirésias**

Conforme anunciamos, nosso intuito, a partir de agora, será apresentar as considerações que estabelecem a semelhança entre as participações das figuras mitológicas oraculares e as intervenções realizadas pelo analista, naquilo em que elas se aproximam das considerações sobre a nuance interpretativa que podem ser atribuídas às profecias. Para tanto, começaremos pela exposição das demais características associadas a essas figuras oraculares que demonstram o caráter interpretativo que suas intervenções proféticas possuíam. Em seguida apresentaremos nossas considerações que ajudam a reforçar essa comparação, entrelaçando os ensinamentos sobre a mitologia grega e os fundamentos psicanalíticos.

Para explicitar esse ponto, precisamos retornar ao momento em que Apolo domina e se estabelece como figura divina de referência no templo em Delfos, conforme comentamos anteriormente. Segundo Brandão (2015), com a apropriação do templo pelo deus Apolo, o papel de grande exegeta nacional foi acrescentado às principais características da mitologia a

respeito do oráculo. Para entendermos o que isso significa, não custa lembrar que exegeta é a pessoa que se ocupa de fazer a exegese. Tarefa cuja definição nada mais é que realizar “comentário ou dissertação para esclarecimento ou minuciosa interpretação de um texto ou palavra” (Ferreira, 2009, p. 852).

Por isso posto, Apolo passa a ser considerado como uma figura mitológica que representava essencialmente a capacidade de interpretar os sinais que lhe eram apresentados, possibilitando aos seus concidadãos o melhor entendimento dos acontecimentos que lhes cercavam e que tinham a ver com os seus próprios destinos. Não apenas isso, essa característica foi elevada a uma posição de destaque, perfazendo um dos principais adjetivos associados ao deus solar. Novamente, evidenciamos nas afirmativas de Brandão (2015) que tal característica transcendia a figura do deus e se apregoava ao templo no qual se situava o oráculo.

Assim, uma das principais características que se associava às atividades oraculares em Delfos é que suas revelações e profecias destinavam-se ao esclarecimento e à interpretação das questões que eram apresentadas aos sacerdotes do templo. Com base nesses argumentos, podemos inferir tranquilamente que as manifestações advindas tanto da figura divina, quanto dos hábitos e dos costumes ligados a ela, preservavam essa mesma característica interpretativa. Ao mesmo tempo, como veremos a seguir, essa nuance interpretativa também se apresentava como uma possibilidade de que as profecias pudessem reter em seus conteúdos sentidos diferentes. Característica que, conseqüentemente, também se propagou nas previsões que envolveram e determinaram os acontecimentos no mito do Édipo, reforçando as hipóteses que seguimos até aqui.

Certamente, para aqueles que vivenciavam aquela época, tinha-se a ideia de que as profecias dessas figuras oraculares diziam respeito às vontades dos deuses, mas os estudiosos da mitologia grega dão a entender que não se tratava apenas disso. A primeira justificativa

que surge nesse sentido também se refere à reviravolta que Apolo realizou ao tomar posse do oráculo de Delfos. Segundo Brandão (2015), a partir desse período, a principal diferença das profecias é que elas deixaram de se caracterizar por uma sabedoria que vinha do interior das forças terrenas, representando algo externo ao sujeito que consultava o oráculo. Desse modo, elas passaram a se valer de uma espécie de conhecimento que surgia do interior do próprio homem. Ou seja, a sabedoria que se podia alcançar com as profecias tinha a ver com o íntimo daquele que se dispusesse a consultar a divindade através do oráculo e não mais com as determinações divinas. Para Brandão, esse novo arranjo das coisas, simbolizava uma passagem da crença no divino e no sobrenatural, para uma crença nos conhecimentos intrínsecos ao homem, passando a se levar em consideração a sua natureza interior e o seu psiquismo.

Em função disso, ainda conforme Brandão (2015), o oráculo adquiriu outra particularidade, que ressalta a característica interpretativa de suas profecias. No culto realizado desse momento em diante, as profecias passaram a se caracterizar por se referirem a um sentido oculto ou ambíguo. Isso porque, segundo o ritual mais conhecido de consulta ao oráculo, as profecias diziam respeito às interpretações dos versos entoados pelas pitonisas, que eram aquelas que sofriam o efeito dos gases emanados pela serpente morta por Apolo. Esses versos eram traduzidos e comunicados ao consulente pelos sacerdotes do templo, transmitindo, assim, a mensagem atribuída ao deus. Com base nesse modelo, as previsões passaram a se tornar quase que como charadas, que nem revelavam, nem ocultavam coisa alguma. Na verdade, elas deveriam ser vistas como sinais sujeitos à elaboração, que em função desse caráter ambíguo, remetiam ao que se passava internamente no próprio consulente.

Para completarmos esses apontamentos sobre o deus Apolo e explicar um pouco mais sobre essa extrapolação que pode ser atribuída às profecias, precisamos endereçar nossos

esforços para falar dessa característica interpretativa nos poderes proféticos do outro personagem que participa do mito edípico: o velho adivinho cego. Já mencionamos outras vezes que Tirésias se compara ao deus Apolo por possuir o dom de realizar profecias, perfazendo essa mesma capacidade de revelar a sabedoria que vem de dentro e que se refere ao mundo interno, conforme apontado acima. Assim, aproveitaremos essa semelhança entre essas figuras para explicarmos de modo mais esmiuçado a questão da profecia e de sua simbologia para a mitologia grega daquela época.

Sabemos que o dom da profecia foi dado ao velho adivinho pelas mãos de Zeus, em compensação a ter perdido a visão pela punição imposta por Hera. Já dissemos num tópico anterior que, em função dessa punição, acreditamos que Tirésias pôde ser capaz de compreender o mundo ao seu redor de maneira diferente, devido ao processo de introspecção ao seu próprio mundo interno que a falta da visão motivou. Dessa forma, o conteúdo do que Tirésias transmitia em suas profecias era um dom surgido nas trevas de sua cegueira e fruto do processo de introspecção ao seu mundo interno que se contrapunha à luz e à sabedoria que podia propiciar aos seus interlocutores consulentes, reforçando a ideia de que “vê-se, adivinha-se de dentro para fora, das trevas para a luz” (Brandão, 2015, p. 185).

Em vista de sua cegueira para o mundo externo, Tirésias era capaz de abrir seus olhos para o interior e entender no conflito que assolava seus consulentes, as influências das pulsões e dos desejos humanos que estavam por trás de tudo isso. Sendo assim, aquele que consultava o velho adivinho, simbolicamente, podia percorrer o caminho em busca desse novo conhecimento que subjazia no conteúdo da profecia de forma oculta e por muitas vezes ambígua. Conforme inferimos dos ensinamentos Brandão (2015), talvez seja essa a explicação para que suas respostas, tais como as do oráculo de Delfos, parecessem confusas aos ouvintes, pois elas falavam mais ao íntimo do que repousa recôndito nos seres humanos,

do que ao que era conscientemente acessível a eles. E são essas características que denotam essa nuance interpretativa, tanto nas profecias de Tirésias, quanto nas oriundas do oráculo.

Para exemplificarmos esse ponto, vamos retomar brevemente o que diz a mitologia sobre a participação de Tirésias no contexto da história relativa ao mito de Narciso. Nessa tarefa, é necessário que vejamos os sentidos que podem ser atribuídos à mensagem contida na profecia que está relacionada com o mito. E atentarmos para a forma como ela possui uma mensagem oculta que pode, posteriormente, ser compreendida com o próprio desenrolar da história do mito. Assim, a leitura que faremos aqui, e que repetiremos no próximo capítulo com o mito edípico, mostra duas questões importantíssimas na nossa aproximação entre mitologia e psicanálise. Primeiro, as profecias estão presentes como um fator desencadeante para um processo de elaboração mais amplo. E, em segundo lugar, não há como entender a participação das profecias nesse processo sem uma compreensão mais elaborada de tudo que envolve o mito. Vejamos como isso ocorre na história do mais belo entre os homens.

Segundo Graves (2018b), a profecia endereçada à mãe de Narciso é a primeira consulta que o velho adivinho realiza após receber o dom da mântica. Nessa ocasião Tirésias diz que Narciso “viverá até uma idade avançada, desde que jamais conheça a si mesmo” (Graves, 2018b, p. 496). Ora, o texto da profecia, segundo essa versão da tradução do autor, já demonstra uma contradição em sua constituição, pois, se considerada em sua literalidade, não é capaz de dirimir a dúvida da pobre mãe desconsolada: “Quanto tempo meu filho viverá?” Afinal, a profecia diz que será muito tempo de vida e que isso ocorrerá desde que uma condição não se concretize. Contudo, a profecia não esclarece, pelos menos não de maneira evidente, a condição para Narciso viver até uma idade avançada, configurando, assim, a ambiguidade que mencionamos anteriormente.

Continuando no texto da profecia, mesmo a versão contida nas considerações de Brandão (2015) e Kury (2008) sobre o tema não modifica muita coisa. Para ambos os autores,

Tirésias responde à mãe de Narciso com a profecia de que o mais belo entre os homens viverá muito tempo, mas isso ocorreria se ele não visse a sua própria imagem ou a sua própria face. Assim, o que fica patente é que, para viver durante muito tempo, Narciso deveria deixar de fazer algo: seja conhecer a si mesmo, seja ver seu próprio rosto. Mas, o que significaria não conhecer a si mesmo? Como Narciso poderia evitar ver a si mesmo? Somos instados a acreditar que são nessas questões que se caracterizam as mensagens ocultas contidas na profecia passíveis de elaboração. Contudo, para compreender a profecia sob essa égide, é necessário esclarecer algo que se refere ao contexto da mitologia sobre Narciso e demonstrar que outros acontecimentos perfazem a história do mito, dando outro sentido às palavras do adivinho.

De maneira geral, lembramo-nos do mito apenas a parte em que Narciso, apaixonado por si mesmo, definha até a morte, transformando-se em flor. Todavia, por vezes, deixamos de atentar, conforme nos mostra Brandão (2015), para o fato de que é somente após recusar o enamoramento de várias pessoas e, em especial, desdenhar do amor da ninfa Eco, que Narciso é punido por Nêmesis com a maldição de viver um amor impossível. Algo que se traduz na sentença eterna de se apaixonar perdidamente por qualquer pessoa que cruze seu caminho. Após essa imprecisão divina, Narciso se debruça sobre a fonte de Téspias para tomar água e se apaixona repetidamente por sua imagem refletida no espelho d'água, cumprindo o destino previsto na profecia.

Com essa compreensão mais detalhada, podemos entender que a profecia traduz o destino de Narciso numa charada, por assim dizer, que revela e oculta um saber. Afinal, mal alcançou a idade adulta, logo pereceu porque deixou de cumprir a condição imposta para uma vida longa, ao ver sua própria imagem refletida na água. Ao mesmo tempo, o destino de Narciso prenunciado na profecia não se concretiza por si somente. Antes, é necessário que a atitude do personagem em sua relação com os outros provoque a ira divina para que, somente

assim, a condição imposta na profecia se torne apta à realização. Sem isso, Narciso poderia conhecer a si mesmo (ou ver a si mesmo), sem que nada lhe acontecesse. Nesse sentido, a parte que fica oculta na profecia diz respeito à perdição de Narciso e se revela pelo próprio enredo do mito e de toda história que acompanha o personagem.

Portanto, precisamos entender que a parte da profecia que indica sua perdição é justamente aquela que precisa ser interpretada, analisada e elaborada fora de sua literalidade. Sendo assim, essa outra parte se refere à arrogância e à desconsideração pelo outro, que levaria Narciso a desprezar o amor de outrem e a se enamorar por si mesmo ao ponto em que nada mais importaria. Dessa forma, entendemos que na profecia de Tirésias repousam as duas versões acerca do destino de Narciso, aquela que fala dos caminhos que sua vida poderia tomar, mas, principalmente, aquela que falava da necessidade de conhecer, compreender e controlar as implicações que advinham de seu mundo interior. Decerto, na condição para a vida mais duradoura: “desde que jamais conheça a si mesmo” ou “se ele não visse a sua própria imagem” – uma mesma mensagem pode ser subentendida em duas interpretações diferentes.

Assim, ao dizer que algo ocorrerá desde que ou se uma determinada condição não se satisfaça, permite também realizar uma leitura que inverte a lógica contida nessa sentença. Podemos inferir da profecia que, enquanto Narciso não se conhecer, jamais poderá viver muito tempo. Do mesmo modo, podemos dizer que se Narciso não olhar para si mesmo (para o seu interior), não viverá por muito tempo. Dessa forma, entendemos que a profecia, por conta dessa mensagem oculta e da referida contradição inerente a ela, deveria remeter o consulente, conforme a noção do conhece-te a ti mesmo, a um processo de introspecção e autoconhecimento que o levaria a compreender, antecipadamente, aquilo que se configura como uma espécie de lição moral que o próprio mito revela posteriormente.

Nesse sentido, entendemos que essa moral da história, dentro da lógica das profecias apolíneas, remete ao fato de que o sujeito deve levar em consideração a necessidade de equilibrar e harmonizar esses impulsos e comportamentos típicos da natureza humana, em vista de alcançar uma espiritualidade mais desenvolvida. Esse movimento de transformação foi muito bem definido pelo conceito de metanoia e retira a significação de certo ou errado que uma lição de moral poderia representar. Ademais, podemos entender que, em função dessa versão oculta associada à profecia, o conteúdo da mensagem do oráculo falava a outro ponto que restava ignoto ao consulente.

E essa propriedade de se referir a um conhecimento a ser revelado é que se aproxima da noção desenvolvida posteriormente pelo arcabouço teórico da psicanálise, em suas considerações sobre a capacidade que a própria análise e as intervenções realizadas pelos analistas teriam no sentido de revelar os conteúdos inconscientes de seus pacientes. Como afirma Garcia-Roza (2005), a regra fundamental da associação livre que se institui na situação analítica tem por objetivo “afrouxar a censura consciente e permitir que derivados [do recalcado], ainda que remotos, possam aflorar à consciência e ser comunicados ao analista” (p. 164). Afinal, o campo psicanalítico afirma muito claramente que a dinâmica de funcionamento dos processos inconscientes transmite em todas as suas manifestações essa capacidade que o inconsciente tem de remeter a mais alguma coisa, a outros significados que desconhecemos.

Além disso, o paciente encaminhado a uma escuta psicanalítica será sempre convidado a questionar o *status quo* do seu psiquismo. Será também convidado a ir além do que seu consciente pode abarcar e, assim procedendo, se confrontará com uma gama de perguntas não respondidas, contaminando-se por um desejo de conhecer mais sobre si mesmo. Para Maurano (2003), a função do analista perpassa essa capacidade de “fomentar no sujeito esse trabalho de investigação, de escuta da própria fala, de intriga quanto a si mesmo” (p. 42).

Desse modo, entendemos que esse lado oculto da profecia remete ao movimento que ocorre durante o processo de análise, e como estamos dizendo que o enredo da peça se assemelha à dinâmica do processo de análise desenvolvido posteriormente por Freud, podemos inferir que a noção estabelecida pela teoria freudiana foi precedida nessa magnífica manifestação do dom criativo dos artistas gregos. Assim, Sófocles e a mitologia edípica não apenas ajudaram Freud a pensar nos desejos inconscientes que perfazem a estrutura da nossa personalidade, mas podem ter antecipado poeticamente um modelo e uma técnica de investigação que permitiria encaminhar seus pacientes ao conhecimento desse mundo inconsciente.

Certa feita, a partir das observações sobre essas características associadas à mitologia do oráculo de Delfos e do adivinho Tirésias, somadas ao caráter interpretativo das intervenções realizadas pelos oráculos, podemos compreender como elas sustentam a aproximação entre a atuação desses personagens mitológicos e a função do analista e da própria análise. No próximo capítulo, nosso objetivo será nos aprofundarmos na comparação entre o processo de análise e a peça propriamente dita. Para tanto, lançaremos mão de outros fundamentos propalados no campo da psicanálise, principalmente retomando a questão das construções em análise, para ajudar a entender o caráter simbólico que ambos os processos carregam.

#### **4. Entrelaçando mitologia e psicanálise**

Nesse capítulo, vamos encerrar nossas argumentações com as justificativas teóricas que perfazem o caminho de nossa aproximação entre a história narrada no *Édipo Rei* e a dinâmica do que ocorre em uma psicanálise. Conforme anunciamos anteriormente, nosso intuito agora será cumprir com um dos objetivos deste trabalho, que diz respeito a explicitar como os conceitos e construções teóricas psicanalíticas, com as quais trabalhamos até o momento, podem ser identificados na peça de Sófocles. Para tanto, a partir de uma leitura particular que faremos do mito, vamos verificar nas falas dos personagens, na história do mito e nos complementos acerca do contexto do que se passa na peça, a participação dos personagens que representam oráculos, justificando nossa comparação entre a peça de Sófocles e o processo de análise.

Essencialmente, essa analogia ficará concentrada nas três intervenções realizadas pelo oráculo de Delfos e pelo adivinho Tirésias durante a peça, levando em consideração a nuance passível de interpretação e de elaboração que pode ser atribuída às profecias e os elementos teóricos que aproximam essas intervenções ao conceito e aos desdobramentos da realização de construções em análise. Antes, como uma análise preliminar para nossa leitura da peça, apresentaremos em primeiro plano algumas considerações que ajudam a reforçar as aproximações que realizamos nos capítulos anteriores, entrelaçando os ensinamentos sobre a mitologia grega e os fundamentos psicanalíticos.

##### **4.1 Uma análise preliminar**

Iniciamos essa discussão relembrando a afirmação freudiana, segundo a qual a psicanálise se tornaria a terceira grande ferida narcísica da humanidade, quando em meio aos seus estudos, à suas pesquisas e à contínua tarefa de formular sua teoria, Freud (1917[1916-

17]/1996) declarou que o sujeito “não é senhor nem mesmo em sua própria casa” (p. 292). Com a descoberta do inconsciente realizada pela psicanálise, Freud demonstrava que a raça humana, além de se dignar a habitar um planeta que é uma ínfima partícula do universo e de se contentar em ser apenas o fruto da evolução de uma espécie como qualquer outra, não tinha sequer o controle completo de seu próprio psiquismo. Essa afirmação freudiana se entrelaça com a simbologia associada às tragédias gregas, visto que, segundo algumas considerações do campo psicanalítico sobre essas histórias, elas também retratariam essa destituição do ser humano desse lugar de controle sobre si mesmo.

Sobre essa questão, Jorge (2010) entende que o que está retratado na tragédia edípica, por exemplo, não é a questão do sujeito que a revelia de seus próprios atos vê os deuses traçarem seu destino por meio de profecias sem que nada possa fazer com relação a isso. Em suas considerações, o autor apresenta a opinião de “que os deuses e os oráculos constituem, na tragédia grega, uma primeira metáfora do inconsciente, daquilo que age nos sujeitos como uma determinação que lhes escapa e em oposição ao lugar de agente de sua ação” (Jorge, 2010, p.187). Ora, segundo uma leitura da peça nesse sentido, a história do mito demonstra que o destino de Édipo traçado na profecia do oráculo era, na verdade, um simbolismo para o fato de que os sujeitos eram incapazes de se contrapor às determinações psíquicas típicas das ações humanas.

Em função dessa leitura sobre a trama edípica, Jorge (2010) infere que essa característica do ser humano inerente à mitologia grega pode ser considerada como o prenúncio do sujeito antitético e que se caracteriza por ser incapaz de dominar totalmente suas próprias ações. Tal afirmação, estabelece certa semelhança e reafirma a constatação de Freud citada acima, visto que transmite a ideia de que estamos à mercê das forças do inconsciente. Em nossa opinião, esse conjunto de considerações reforça a tese de que os personagens que representam oráculos mostravam por meio de suas profecias o quanto o ser

humano estava sujeito a algo que desconhece e que, na verdade, o destino profetizado em suas palavras se traduz com uma força psíquica contra a qual nada se pode fazer. A essa força, em função dos estudos efetuados no campo da psicanálise, foi dado o nome de inconsciente, sobre o qual se constituiu um imenso arcabouço teórico.

Entretanto, esse mesmo arcabouço nos ensinou que o inconsciente não é algo que se permite mostrar com muita facilidade. Muito salutar nesse sentido, como já citamos outrora nesse trabalho, é a comparação que Freud (1937/1996) faz do trabalho do analista com a atuação do arqueólogo, demonstrando que a análise é um aprimorado procedimento de investigação, de compreensão, de aprofundamento e de interação com a vida psíquica do analisando. Ademais, para evitar que, na aplicação da técnica da psicanálise, o analista cometa, entre outros erros, aquilo que Freud (1910c/1996) nomeou como análise selvagem, é necessário entender que o processo analítico se constitui como uma tarefa complexa e que não é com uma simples nomeação de um ou outro fator inconsciente que se terá cumprido o papel que se espera de uma análise.

Sendo assim, constatamos por essas afirmações e pelo conjunto de argumentações contidos nas obras freudianas que o analista necessita realizar um trabalho de profunda investigação e compreensão da história de vida de seus pacientes, empregando métodos bastante específicos para que os determinantes inconscientes do sujeito transpareçam de alguma forma. Ora, no que se refere à técnica psicanalítica, compreendemos que, durante a construção e o desenvolvimento da teoria, a interpretação foi considerada uma das principais ferramentas que podiam ser utilizadas para se atingir esse objetivo proposto no processo terapêutico.

Em vista disso, no segundo capítulo desse trabalho, aproximamos a noção de interpretação com o conceito de construções em análise, demonstrando ser esta uma evolução da técnica interpretativa. Assim, além de representar um marco fundamental na história da

psicanálise, em função da sua vinculação com a principal obra de Freud, esse tipo de intervenção se configura como o produto peculiar da atuação do analista, que é apresentado ao paciente em vista de todo esse complexo processo de investigação e de compreensão da vida psíquica do analisando, tal como mencionamos acima.

Além disso, entendemos que a intervenção do analista não está restrita as mensagens proferidas durante uma determinada sessão. Tudo que o analista comunica ao seu paciente, sob forma de uma construção ou até mesmo alguns momentos de silêncio, diz respeito à relação que estabeleceu com esse paciente e a todo o processo de escuta que se realizou a acerca da história de vida dele. Muitas vezes, essa característica intrínseca ao campo psicanalítico é que torna difícil a explicação e a demonstração do que ocorre em um processo de análise, pois ao apresentar um estudo de caso, geralmente fazemos um recorte de tudo o que se passou na clínica. Certamente, isso acaba por não transmitir a totalidade da experiência que se vivenciou com o paciente e que representa a amplitude do processo que foi realizado.

Por isso posto, não podemos realizar esse processo de aproximação das características da psicanálise com as intervenções realizadas pelos personagens e com o dom da profecia sem considerar toda a significância que pode ir além da imprecisão pronunciada propriamente no texto da profecia oracular. Nesse caso, em qualquer leitura que se faça da profecia devemos acrescentar, para o seu melhor entendimento, tudo mais que pode estar envolvido com a revelação realizada pelo oráculo, inclusive a referida possibilidade de que ela sirva a uma função de metaforizar outros significados. Esses argumentos nos encaminham para esclarecer alguns pontos sobre nossa abordagem do mito e sobre a comparação que pretendemos realizar.

Em primeiro lugar, inferimos que a mitologia grega pode ter pronunciado o descobrimento de um mecanismo de funcionamento psíquico que, posteriormente, a psicanálise desenvolveu e aprofundou. Conforme a assertiva apresentada acima, sobre a

mitologia representar uma metáfora do inconsciente, essa descoberta se trata da concepção da existência de determinantes psíquicos que são desconhecidos e que escapam ao controle do sujeito. Em segundo lugar, na comparação que fizemos no segundo capítulo entre a peça e o processo psicanalítico, partimos da premissa de que a existência desses determinantes é revelada nas tragédias gregas por meio das profecias dos oráculos, imitando, especificamente no mito edípico, o modelo de uma construção em análise. Por fim, para tomarmos essas manifestações dos oráculos como algo semelhante à atividade interpretativa do analista, precisamos compreender que elas são intervenções que representam o resultado de um processo mais complexo em relação ao que se conhece sobre aqueles que consultam e que recebem essas profecias.

Sendo assim, tal como fizemos anteriormente em relação ao mito de Narciso, para analisarmos as profecias relativas à tragédia edípica é necessário destrinchar esse algo a mais que podemos inferir da história e do contexto desta mitologia. Essa tarefa, ao mesmo tempo, pode sustentar nossa argumentação e entrelaçar definitivamente a mitologia e a psicanálise, que é o objetivo da próxima parte desse capítulo final.

Em vista disso, preparamos o terreno ao estruturarmos este trabalho apresentando inicialmente as considerações sobre o contexto anterior à dinâmica dos acontecimentos narrados na peça de Sófocles, chamando a atenção para a participação diferencial que os personagens que representam oráculos têm para o desenrolar desses eventos. Ainda nessa apresentação inicial realizada no primeiro capítulo, verificamos que esse contexto pode demonstrar uma faceta essencial do protagonista da peça, no sentido de que ele realiza uma investigação sobre os fatos desconhecidos de sua vida. Vimos, dessa forma, que nessa dura tarefa de enfrentar e descobrir detalhes importantíssimos para os eventos surpreendentes que aconteceram, Édipo preenche as lacunas desconhecidas de sua história, abrindo espaço para nossa alusão ao fenômeno da construção em análise, apresentada no segundo capítulo.

Somamos a essas considerações os apontamentos que fizemos no terceiro capítulo, a respeito de algumas características da mitologia associada às figuras que representam oráculos e das características inerentes às suas habilidades proféticas. E adicionamos à nossa argumentação a explanação sobre o caráter interpretativo dessas profecias. Nessa derradeira apresentação, tentamos demonstrar que essa nuance interpretativa se deve ao fato de que o conteúdo da profecia mantém oculto e, ao mesmo tempo, revela algo que foge ao conhecimento do consulente. Característica esta que se deve ao fato de que a profecia se refere a uma necessidade intrínseca de que se realize um processo de autoconhecimento, de elaboração. Todos esses fatores resumidos aqui, ajudam a compreender nossa escolha pela hipótese de que esses personagens que representam oráculos podem ter sua atuação comparada à função do analista.

Também se torna necessário reiterarmos nossa intenção de situarmos a própria peça como algo semelhante a um processo de análise, como um movimento em busca de uma descoberta motivado por alguma intervenção feita ao protagonista. Assim, não buscamos identificar fatores inconscientes nas ações dos personagens, como se fossem pessoas submetidas à análise. Apesar de não nos fecharmos para essa hipótese e de concordamos com essa possibilidade de interpretação, nosso intuito é demonstrar simbologias e analogias ao processo de análise contidas na dinâmica da peça. Desse modo, partimos do pressuposto de que, além de retirar da peça os elementos que compuseram sua teoria para os desejos inconscientes que representam o complexo de Édipo, Freud pode ter visto no processo de revelação e nos engenhosos adiamentos apresentados na peça um modelo de funcionamento da dinâmica que aconteceria no processo de análise.

Assim, até mesmo porque representa uma primeira metáfora que remete à noção de inconsciente, queremos demonstrar que a peça apresenta uma dinâmica na qual algo sensibiliza e coloca em marcha aquilo que chamamos anteriormente de faceta investigativa de

Édipo, sem nos prendermos a uma suposição de que elas revelam um conteúdo inconsciente do personagem. Nessa leitura, aproximaremos a profecia do oráculo às características que dizem respeito às ações e reações que podem representar à dinâmica das intervenções realizadas pelo analista. E, para tanto, selecionamos algumas passagens da peça nas quais podemos demonstrar que as profecias possuem, segundo nossa hipótese, certa complexidade e elementos ocultos, transparecendo essa questão da possibilidade de extrapolação interpretativa inerente a essas imprecisões oraculares.

Para tanto, nossa argumentação focará nas três profecias contidas no texto escrito por Sófocles, mas a apresentação e as considerações que vamos fazer a respeito delas levarão em conta a sequência em que aparecem na peça. Apesar de sabermos que essa ordem não corresponde à cronologia dos eventos em relação à história de vida de Édipo, essa questão é um fator importante para as assertivas que pretendemos fazer. Assim, em primeiro lugar, veremos a profecia a respeito da necessidade de descobrir o responsável pelo assassinato de Laio. Depois, vamos falar da intervenção realizada pelo adivinho Tirésias, que anuncia pela primeira vez na peça a revelação a respeito do parricídio e do incesto. Por fim, chegaremos à profecia proferida no templo de Delfos, também sobre o parricídio e sobre o incesto que é, na verdade, a primeira profecia a que Édipo teve conhecimento, mas num contexto diferente daquele vivido na peça.

Com isso em mente, apresentaremos a seguir nossa leitura particular da peça, no sentido de que ela representa um processo de análise, remetendo, mais uma vez à afirmação de Freud sobre a semelhança entre a dinâmica e os desdobramentos de ambos os acontecimentos. Afinal, segundo os ensinamentos sobre a mitologia que vimos até aqui, essa intervenção realizada pelo oráculo, baseada nas máximas apolíneas, configura-se como um convite para a realização de um processo de compreensão maior sobre si mesmo. Reflete, também, uma busca para o entendimento das influências e das motivações interiores ao

sujeito. Algo que, sob a égide de uma leitura psicanalítica, transmutam-se na noção de desconhecimento dos determinantes psíquicos inconscientes e no procedimento típico de elaboração realizado no processo de análise.

Esse movimento de compreensão articulado com a possibilidade de transformação interna sustentou em um dos tópicos do capítulo anterior a noção de que as intervenções vinculadas a Apolo permitiriam realizar a metanoia inerente ao processo terapêutico desenvolvido com base nos ensinamentos dessa divindade na cidade de Epidauro. Respectivamente, esses fenômenos foram equiparados à intervenção do analista, que permite um processo de elaboração como resultado da análise. Nesse sentido, nossa leitura sobre essas profecias contidas na peça também vai perpassar essa sequência de acontecimentos, demonstrando que as intervenções realizadas pelas figuras oraculares, consideradas em sua essência que permite interpretação, destinavam-se a eliciar essa transformação interna no protagonista, resultando num processo semelhante à elaboração.

## **4.2 As charadas que entrelaçam profecia e construção**

### ***4.2.1 Uma proposta preliminar e a análise da primeira profecia***

Certamente, a releitura da peça que faremos agora levará a algumas remissões de considerações que já realizamos sobre alguns conceitos da teoria psicanalítica, bem como de eventos retratados na peça, do contexto que perfaz o mito e dos conhecimentos relativos à mitologia. Nesses momentos anteriores, essas considerações serviram para suportar outras argumentações, mas, mesmo correndo o risco de que pareçam repetitivas, agora elas se somam aos novos pontos que traremos à discussão daqui em diante. Antes, porém, ao nosso ver, há uma tarefa importante para compreender a nossa comparação entre a peça e o processo

de análise e que remete a uma postura que o analista obedece quando realiza as primeiras sessões com um novo paciente.

Para que a peça retrate esse caminho investigativo até o surpreendente desfecho, representando os sucessivos e engenhosos adiamentos citados por Freud (1900/1996), é necessário tentarmos um exercício imaginativo de considerar que as profecias possuem informações que são inéditas aos outros personagens da peça, mas que são conhecidas antecipadamente pelos personagens que representam o oráculo. Ademais, os dados sobre a mitologia desses personagens mostraram que esse conhecimento prévio, mimetizado em sua capacidade de fazer profecias, deve-se, entre outras coisas, ao fato de que realizaram antecipadamente um processo de autoconhecimento e introspeção.

Nesse sentido, retomando uma argumentação que apresentamos anteriormente, a equiparação dos personagens que realizam profecias com o analista diz respeito ao fato bastante conhecido na psicanálise de que para alguém se tornar analista é necessário passar pelo processo de análise (Zimmerman, 1999). Assim, quando ressaltamos os dados sobre a mitologia dessas figuras vinculadas ao deus Apolo e ao dom de realizar profecias, queremos demonstrar que a realização de profecias somente se torna factível de ser entendida como ferramenta para um método terapêutico, pois seus praticantes passaram por um processo pelo qual experimentaram os efeitos desse mesmo método de forma antecipada. Parafraseando o dito do campo psicanalítico, no caso de Tirésias: somente se torna um profeta (analista) quando se submete ao processo de análise (cegueira).

Assim, acreditamos que a passagem por esse procedimento prévio (seja a cegueira no caso de Tirésias, sejam as máximas inferidas do templo de Apolo) garantia aos personagens a possibilidade de conhecer intimamente a sua própria natureza interna. E por terem passado por esse processo, poderiam então encaminhar seus consulentes pelo mesmo caminho. Com base nessas premissas, compreendemos que os oráculos interviam com suas profecias

adiantando ou supondo um saber ainda desconhecido ao consulente, algo que também se assemelha ao que acontece no momento inicial do processo de análise.

Senão vejamos, quando comparamos a participação dos oráculos e de suas profecias no desenrolar da peça com a função e as intervenções do analista, precisamos compreender que, mesmo em seus primeiros encontros com o paciente e ainda sabendo pouco sobre sua história de vida, o psicanalista pressupõe que existam determinantes inconscientes ativos no seu paciente, perfazendo tanto o sintoma que apresenta na clínica, quanto sua estrutura de personalidade. A partir disso, por exemplo, com base no que a teoria psicanalítica formulou a respeito de uma vivência prévia e universal do complexo de Édipo, o psicanalista pode inferir e apresentar suas hipóteses por meio de uma construção sobre os sintomas, sobre os mecanismos de defesa e sobre o funcionamento psíquico de seus pacientes. Do mesmo modo, ao transpor esse entendimento para a peça e para essa capacidade atribuída ao papel do oráculo, acreditamos que nos aproximamos mais da possibilidade de entender a peça como um demonstrativo antecipado do funcionamento e dos mecanismos atuantes em uma análise, que foram, posteriormente, teorizados e nomeados por Freud no arcabouço psicanalítico.

Feita essa ressalva, seguindo o roteiro que apresentamos acima, vamos começar pela primeira profecia anunciada na peça de Sófocles. Antes, é preciso lembrar que no início da peça é feita uma contextualização que demonstra o cenário desolador que a cidade vivia: terra e mulheres inférteis, morte dos rebanhos, falta de alimento, dor e sofrimento. E que também alude ao fato de que os cidadãos de Tebas esperavam que Édipo, rei soberano, sábio e outrora vencedor da Esfinge e de seus cruéis enigmas, fosse capaz de, novamente, solucionar o grave problema por que passavam.

Além disso, baseando-se no exercício imaginativo que formulamos recentemente, é necessário lembrar que, quando a peça se inicia, Édipo já havia assassinado Laio, derrotado a Esfinge, assumido o reino de Tebas, casado e concebido filhos com Jocasta. Esses eventos

vividos pelo protagonista são realizações cujas significações ocultas são de conhecimento apenas dos deuses e que somente seriam reveladas pelas profecias realizadas pelos oráculos. Com essa premissa, poderemos perceber que as revelações não são, necessariamente, previsões acerca do destino de Édipo, mas, como veremos a seguir, contêm mensagens que escondem e revelam esse fator obscuro, essencialmente pela ambiguidade e pelo caráter de charadas que elas transparecem. Além disso, servem, como já demonstramos no primeiro capítulo desse trabalho, para pôr em marcha o processo de revelação e a faceta investigativa de Édipo.

Sendo assim, vamos passar a parte do texto da peça que fala sobre a primeira profecia, que ocorre quando Édipo solicitou que Creonte fosse ao oráculo em Delfos para saber sobre o que cabia ao nosso protagonista fazer para salvar novamente a cidade de Tebas, visto que já tinha livrado aquela cercania dos horrores impostos pela Esfinge. De modo geral, fica claro no diálogo entre Creonte e Édipo, que a resposta do oráculo dizia respeito a libertar Tebas de uma execração oculta. A tarefa indicada por Apolo era banir um ser impuro vivente naquela cidade ou expiar com morte o assassinato do antigo rei Laio. Segundo as diretrizes oraculares, o responsável pela morte do rei deveria ter o castigo justo, independentemente da posição que ocupasse em Tebas. Por fim, chama mais a nossa atenção que, perguntado por Édipo onde se encontraria o culpado ou algum vestígio do crime, Creonte responde dizendo: “Em nossa terra, disse o deus; o que se busca encontra-se, mas foge-nos o que deixamos” (versos 136-137, p. 24).

Ora, entendemos que nossa digressão aqui pode se desenvolver sobre dois pontos, que serão, em certa medida, a tônica das demais análises que faremos sobre as profecias. Por um lado, abordamos a dinâmica e os efeitos da intervenção do oráculo naquilo que se assemelha aos assentamentos teóricos do campo da psicanálise, buscando, essencialmente, suas analogias com o conceito de construções em análise. Por outro lado, dando enfoque à questão

da nuance interpretativa contida nas profecias, buscamos ver a mensagem oculta e passível de interpretação, que está presente na manifestação do oráculo, conforme ela aparece no texto da peça. Nesse último aspecto, também nos dedicamos a identificar como essa mensagem se equipara à máxima do conhece-te a ti mesmo, mostrando qual parcela do mundo interior do consulente necessitava ser revelada e compreendida, processo que levaria à metanoia, que assemelhamos à elaboração do processo psicanalítico.

Antes dessa análise em duas vertentes, acreditamos ser necessário ressaltar que o texto de Sófocles não deixa dúvida de que essa primeira profecia e que a mensagem do oráculo se direcionava ao próprio Édipo, apesar de ser compartilhada com o leitor pelas palavras de Creonte. Fica patente no trecho mencionado a pouco que o irmão da rainha foi enviado à Delfos para saber do deus Apolo o que Édipo deveria fazer para salvar a cidade. Assim, tal como aconteceu no mito de Narciso, no qual é a mãe do protagonista que recebe a mensagem de Tirésias, a profecia chega de forma indireta ao destinatário. Deveras, não resta dúvida que, seja pela mensagem oculta, seja pelo efeito que sucede, a profecia era algo que dizia a respeito ao claudicante dos pés inchados. Dessa forma, vamos começar nossos apontamentos por essa linha de abordagem, aquela que se refere à nuance interpretativa contida nas profecias.

Voltemos, então, ao texto da peça destacado acima: “Em nossa terra, disse o deus; o que se busca encontra-se, mas foge-nos o que deixamos” (versos 136-137, p. 24). Essa mensagem deixa claro o conhecimento prévio que o oráculo detém, conforme apontamos no início desse tópico. Apolo sabe quem é o assassino de Laio e sabe, também, que ele se encontra na cidade de Tebas. Sobre esse ponto, a mensagem do oráculo é clara e direta. Mas, ainda considerando esse saber prévio do deus, ela tem algo passível de interpretação que parece totalmente direcionada ao próprio Édipo. Novamente, trazemos para o primeiro plano a questão dos pronomes reflexivos, cujo uso, poética e gramaticalmente muito bem realizado

por Sófocles, acreditamos servir para camuflar a mensagem oculta contida nas palavras do oráculo.

Assim, ao dizer “Em nossa terra... o que se busca encontra-se”, podemos compreender que a mensagem de Apolo alertava para o fato de que aquele que Édipo buscava seria encontrado em si mesmo, numa clara sintonia com a máxima do conhece-te a ti mesmo: pois aquele que procura encontra-se na resposta que busca. Dessa forma, o assassino de Laio e as pistas para desvendar toda a execração contida no seio benevolente de Tebas confundem-se com o próprio Édipo e com os fatos relacionados ao que ele mesmo tinha vivido até aquele momento. Além disso, a segunda parte: “mas foge-nos o que deixamos” – fala que, apesar de poder ser encontrado no mesmo lugar onde se busca, esse conhecimento foge do alcance porque foi deixado para trás. À essa alusão, podemos alinhar à constatação de que Édipo não sabe sobre esses fatos (sobre si mesmo e sobre a morte de Laio) por desconsiderar a possibilidade de se atentar para os fatos sobre si mesmo (fugir deles) que deixou para trás antes de sua chegada em Tebas.

Abordando a mensagem oculta na profecia dessa maneira, precisamos entender que ela se refere, além da questão do autoconhecimento, à possibilidade de permitir ao Édipo realizar uma transformação de seus sentimentos e de sua natureza interna. Nesse sentido, as mensagens passíveis de interpretação direcionam-se a uma característica de Édipo que se perpetuará nas demais profecias e somente será transformada ao final do mito, perfazendo a lição moral da história e permitindo que ele realize a metanoia. Afinal, descobrir-se assassino do antigo rei e responsável pelos infortúnios pelos quais todos os cidadãos tebanos estavam passando, trariam à Édipo uma enorme mácula a sua imagem de salvador e rei sábio que havia conquistado ao derrotar a Esfinge.

Sendo assim, finalizando essa linha de abordagem, concluímos que a mensagem oculta alertava nosso protagonista para o fato de que as respostas que ele procurava estavam em sua

própria história de vida e que, para entendê-las e para alcançá-las, era necessário destituir-se do lugar de soberania e de sabedoria que ostentava. Tal constatação reforça o fato de que as falas do oráculo destacadas acima diziam respeito a retirar de Tebas um sujeito impuro, que manchou suas mãos com sangue de outrem, ainda que ocupasse qualquer posição social entre os cidadãos, mostrando, assim, que as impurezas da natureza humana não seriam toleradas mesmo aos nobres. Dito isso, podemos seguir para a outra linha de abordagem na qual entrelaçamos profecia e psicanálise. Para tanto, vejamos uma observação que aproxima o efeito da revelação do oráculo aos elementos que compõem o conceito de construção em análise, tal como apresentamos no segundo capítulo.

Quando Freud (1937/1996) fala sobre o processo de realizar construções, ele indica que elas correspondem à fragmentos da história infantil do sujeito. Nesse sentido, uma única construção não diz respeito a todo o conjunto de fatores inconscientes envolvidos na vida anímica do paciente. Mas a construção, ou qualquer outra intervenção do analista, sempre promove uma reação no paciente. Mesmo levando em consideração o fato de que essa reação possa se manifestar de variadas maneiras, Freud considera que a construção bem-sucedida é aquela que mantém a associação livre durante o processo de análise. Ademais, ao mesmo tempo em que a associação livre corresponde a um caminho bem-sucedido no prosseguimento da análise, ela também indica que novas construções e novas intervenções do analista serão necessárias em relação ao material que surgirá.

Dessa forma, a profecia que se refere ao assassinato de Laio pode ser vista como apenas um fragmento de toda a história da vida de Édipo. Fragmento este que remeterá nosso protagonista a um processo de investigação e de elucidação a respeito de um saber muito maior sobre si mesmo. Fazendo isso, ele irá conhecer outras implicações sobre os atos que cometeu anteriormente, descobrir seus verdadeiros pais e seu local de origem e desvendar todas as circunstâncias de sua vida desde o dia do seu nascimento. Esse movimento de

descoberta se aproxima da simbologia que introduzimos no primeiro capítulo que fala da faceta investigativa de Édipo. De acordo com os argumentos que apresentamos, essa característica, que se faz atuante na manutenção e no desenvolvimento do enredo, retirando Édipo do lugar confortável que representava um saber constituído sobre si mesmo, foi eliciada principalmente pelas intervenções realizadas pelo oráculo.

Nesse sentido, essa primeira mensagem do oráculo apresentada na peça vai desafiar nosso herói com a tarefa de investigar e descobrir quem é o assassino de Laio, por meio de uma missão que implica a resolução do enigma que se formulou pela própria profecia. A dinâmica que a peça apresenta a partir daí reflete o engenhoso processo de sucessivos adiamentos à que se refere Freud, na qual a intervenção inicial determina a adição de novos dados e a associação destes com outros, remetendo justamente à noção de associação livre consagrada na teoria psicanalítica.

Sendo assim, compreendemos a primeira profecia como uma possibilidade para que o discurso do sujeito, motivado pela intervenção do analista, possa trazer à tona os demais dados históricos que podem confirmar ou não a hipótese apresentada nessa primeira construção. A partir disso, novas intervenções serão necessárias, pois o sujeito ainda não elaborou totalmente o significado e o efeito dessas representações inconscientes que são destacadas pelo analista. Certamente, essa argumentação é uma deixa para que passemos para a segunda profecia contida na peça, mas antes vamos fazer uma pequena alusão ao que ocorre desde essa primeira profecia até o encontro entre Tirésias e Édipo.

#### ***4.2.2 A segunda profecia: Édipo é alertado sobre o incesto e sobre o parricídio***

Nos versos da peça que percorrem o caminho desde a primeira profecia, nosso protagonista afirma que atenderá integralmente os desígnios divinos, vigando a morte do rei e vociferando uma gama de imprecações ao assassino e aos possíveis partícipes do crime. Ao

maldito criminoso determina-lhe o exílio, caso se entregue espontaneamente. Aos cidadãos que não delatarem para se salvar ou para dar guarida ao malfeitor, uma série de proibições no convívio social, bem como a pena de viver em desgraça e miseravelmente.

Fica evidente também que Édipo não havia se atentado para qualquer parte oculta da charada de Apolo manifestada pela primeira profecia, visto que comenta com o Corifeu que o oráculo não se prestou a dizer, pelo menos não de forma literal, quem era o assassino de Laio. Ao passo que o Corifeu sugere que Édipo consulte também Tirésias sobre o vaticínio divino. Mas o atual rei, sábio como era, já havia tomado providência nesse sentido, depois de conselho igual advindo de Creonte.

Quando Tirésias chega ao palácio para conversar com Édipo, o diálogo entre os dois é algo muito interessante para nossas intenções de comparação. Mas ao contrário do que ocorreu com a profecia destinada à mãe de Narciso, as falas de Tirésias dessa vez parecem não conter nenhuma mensagem ambígua ou com um sentido obscuro. Em grande medida, elas possuem um tom mais direto em relação ao lado desconhecido da vida de Édipo. Contudo, vamos falar sobre nossa hipótese em relação ao motivo pelo qual essa conversa com adivinho apresentou esse aspecto logo em seguida, pois veremos, em primeiro lugar, duas pequenas nuances nas mensagens de Tirésias que podem ter uma questão passível de interpretação.

No que se refere a possibilidade de ver essas pequenas nuances, lembremos que o motivo da consulta ao adivinho nessa ocasião refere-se a descobrir quem é o assassino do antigo rei, mas nas respostas de Tirésias há uma extrapolação em relação a esse tema, pois elas não se dirigem diretamente ao objetivo de responder à pergunta que foi realizada pelo nosso ilustre consulente. Ora, apesar de o adivinho dizer a Édipo: “Pois ouve bem, és o assassino que procuras!” (verso 431, p. 35), afirmando que procura em si mesmo a resposta para quem é o assassino de Laio, ele também diz que há outras questões encobertas nessa revelação: “Apenas quero declarar que, sem saber, manténs as relações mais torpes e

sacrílegas com a criatura que devias venerar, alheio à sordidez de tua própria vida” (versos 435-438, p. 35).

Assim, uma das vertentes em que a profecia emite uma mensagem subtendida diz respeito ao fato de que a resposta de Tirésias se refere ao autor do assassinato, dado este que ele compartilha diretamente com o consulente. Entretanto, Tirésias adiciona ao homicídio supostamente cometido por Édipo os significados latentes, indicando que não se trata de descobrir apenas quem matou Laio, mas que há nesse mesmo fato outros crimes perpetrados pelo consulente. O que se esconde oculto na mensagem do adivinho é justamente o caráter desconhecido que as ações de Édipo têm em relação à vítima do assassinato e à vida que ostentava em Tebas.

Em seguida a essa revelação, podemos perceber nesse diálogo entre o rei e o velho adivinho a segunda nuance interpretativa, que se refere à característica da honra e da imagem de Édipo. Seguindo essa tônica, vamos descobrir que se repete indiretamente os motivos pelos quais a consulta e as mensagens oraculares pretendem realizar um processo de transformação na vida do nosso protagonista. Além disso, esse trecho mostra que Édipo acreditava que as palavras do adivinho faziam parte de uma conspiração com Creonte, para destitui-lo do trono. Sendo assim, após se sentir ofendido e ultrajado com os impropérios citados acima, Édipo ressalta a qualidade que o levou a ocupar a posição de rei na cidade que agora sofria novamente com a ira divina. Diz ele: “Pois eu cheguei, sem nada conhecer, eu, Édipo e impus silêncio à Esfinge; veio a solução de minha mente e não das aves agoureiras. E tenta derrubar-me, exatamente a mim, na ânsia de chegar ao trono com Creonte” (versos 477-481, p. 37).

A título de esclarecimento, segundo Kury (1990), na mitologia grega, por muitas vezes os adivinhos recorriam ao voo das aves para a inspiração de suas profecias. Nesse sentido, Édipo tentava desqualificar o dom de Tirésias que não havia sido capaz de desvendar os enigmas da Esfinge. Desse modo, aqui se repete a característica que mostra que nosso

protagonista se orgulhava definitivamente de sua imagem, da posição que ocupava e dos feitos que realizara para a cidade de Tebas. E ainda mais, ressaltando que realizou tal feito incrível quando nada sabia e que sem ajuda de ninguém derrotou os enigmas da cruel cantora.

Entretanto, outro trecho dessa conversa mais à diante demonstra que o adivinho sabia que essa era uma característica que levaria nosso protagonista à perdição e ironiza a façanha de Édipo, que não conseguia compreender as revelações recém proferidas por Tirésias:

Édipo: Fala vagamente e recorrendo a enigmas.

Tirésias: Não és tão hábil para decifrar enigmas?

Édipo: Insultas-me no que me faz mais venturoso.

Tirésias: Dessa ventura te há de vir a perdição. (versos 529-532, p. 39).

Assim, esse diálogo demonstra que parte dessa intervenção realizada pelo adivinho também dizia respeito à necessidade de que se realizasse um processo de elaboração e de transformação dessa atitude de vaidade e de arrogância, que vai se tornando ao leitor da peça uma marca evidente do protagonista. Dessa forma, não bastava que Édipo descobrisse o lado desconhecido de sua própria vida e de sua história, era também importante que se desapegasse dessa característica para o processo de purificação de seu próprio espírito, condizendo com as máximas que eram perseguidas pelas atividades relacionadas as profecias do deus Apolo.

Concluída essa primeira abordagem, retomemos a argumentação para justificar nossa hipótese do motivo pelo qual, excetuando essas partes que acabamos de destacar, a intervenção realizada por Tirésias teve um caráter mais direto, alinhando essa característica ao conceito de construção em análise. O que estamos querendo ressaltar é que, geralmente, as profecias tinham esse caráter enigmático e que se apresentavam ao consulente como uma charada a ser interpretada. Se, por um lado a revelação oracular falava diretamente sobre determinado assunto, por outro, ela escondia outra vertente que necessitava de uma

compreensão maior. Contudo, em ambos os casos, tinham como premissa realizar um processo de elaboração, inerente à introspecção e à transformação dos sentimentos.

Sendo assim, entendemos que o dom da profecia permitia ao velho adivinho realizar uma revelação que contivesse certo grau desse segundo aspecto passível de interpretação, mas parece-nos que ele decidiu compartilhar com o seu consulente uma mensagem mais clara sobre o que se passou na vida de Édipo. Para essa argumentação torna-se necessário trazer um longo trecho da fala do velho Tirésias direcionado ao nosso protagonista, mostrando essa mensagem clara e evidente:

Agora ouve: o homem que vens procurando entre ameaças e discursos incessantes sobre o crime contra o rei Laio, esse homem, Édipo, está aqui em Tebas e faz passar por estrangeiro, mas todos verão bem cedo que ele nasceu aqui e essa revelação não há de lhe proporcionar prazer algum; ...

Dentro de pouco tempo saberão que ele ao mesmo tempo é irmão e pai dos muitos filhos com quem vive, filho e consorte da mulher de quem nasceu; e que ele fecundou a esposa do próprio pai depois de havê-lo assassinado! (versos 539-545, 550-554, p. 40).

Nesse aspecto, a profecia revela um pequeno conjunto de fatos encadeados e com vários aspectos relacionados entre si, bem como certos detalhes que fogem ao conhecimento do nosso protagonista. Com isso, a profecia assemelha-se às construções que tinham por objetivo falar a respeito das fantasias constituídas a partir dos desejos inconscientes que permeavam o psiquismo de seus pacientes. Segundo Freud (1918[1914]/1996), essas fantasias inconscientes diziam respeito a um momento em que esses desejos eram representações ativas na vida psíquica do paciente, mas que, por se tornarem inaceitáveis ao ego, foram recalçados e retiradas da consciência. Na ação de reconstruir a história infantil ou pelo menos um fragmento dessa história, o analista precisava então deduzir, em função dos sinais que esse

recalcamento representava na vida adulta do paciente, os prováveis desejos inconscientes que foram recalcados em um momento anterior e apresentá-los ao Eu consciente do paciente, estabelecendo as ligações necessárias entre esses conteúdos.

Nesse sentido, esse tipo de construções acaba tendo uma característica de se apresentar de forma mais direta ao paciente, pela qual se nomeiam certos aspectos que perpassam as atitudes do paciente ou, mais necessariamente, o sintoma que apresenta e sobre o qual se queixa no consultório. As construções com essa características podem ser vistas na análise de uma neurose infantil que Freud (1918[1914]/1996) realizou no conhecido caso do homem dos lobos. Em especial, logo no início do texto, enquanto apresenta uma introdução do caso, Freud relata que foi possível realizar uma construção, deduzida de uma lembrança encobridora da vida infantil do paciente, acerca do complexo de castração. Segundo essa construção, uma ameaça proferida pela governanta que cuidava do paciente enquanto pequeno era a responsável por originar a conduta anormal durante a infância e na vida adulta do paciente.

Prosseguindo nessa explanação Freud afirma que apresentar uma construção desta natureza ao paciente em nada poderia prejudicar o prosseguimento da análise, mesmo que o conteúdo da construção fosse equivocado. O autor reafirma apenas a necessidade de que essas construções tenham alguma perspectiva de alcançar certa verdade a respeito da vida psíquica do paciente. Todavia, o que ele nos mostra, nesse caso específico, é que essa construção foi muito bem-sucedida, gerando em seu paciente o aparecimento de alguns sonhos e de um material bastante proveitoso para o prosseguimento da análise.

É justamente no material que surgiu após isso, conforme afirma Freud (1918[1914]/1996), que “estava a explicação das fantasias cuja existência já havíamos adivinhado” (p. 32). Fica claro nesse texto, que Freud usava a construção para demonstrar o que se estabelecia inconscientemente em relação ao sintoma apresentado pelo paciente,

explicando de forma direta por meio dessa intervenção quais eram as fantasias inconscientes que o paciente vivenciou e que foram responsáveis pela doença neurótica que apresentava. É nesse aspecto, segundo o qual o analista adivinha e revela um material inconsciente de seu paciente, que vemos uma semelhança entre a intervenção do oráculo concretizada na profecia realizada pelo velho adivinho.

Acreditamos, assim como afirmamos por várias vezes nesse trabalho, que essa possibilidade de intervenção mais direta do analista em relação aos determinantes inconscientes possa também ter semelhança com esse modelo de mensagem emitido pelo adivinho na peça. Dessa forma, supomos mais uma vez essa grande obra da mitologia grega possa ter fios de para inspiração de Freud tanto para a sua formulação em relação ao funcionamento da vida psíquica, quanto para a construção de um método terapêutico baseado nesse funcionamento.

Para finalizarmos os comentários sobre essa segunda profecia e seguirmos para nossa análise da última profecia contida na peça, precisamos fazer apenas mais duas observações em relação a esse último texto freudiano que usamos como referência. Primeiramente, é claro que muito contou a nosso favor a retórica freudiana ao usar o verbo “adivinhar” para falar da possibilidade que o analista tem quando faz suas observações sobre o material inconsciente dos seus pacientes. A palavra aqui muito bem serve a todo o processo de comparação que estamos fazendo, visto que concentramos nossa análise sobre as semelhanças entre um personagem que realiza adivinhações e o papel do analista. Afinal, tal fato reforça a ideia de muito do trabalho do analista envolve a necessidade de arriscar uma compreensão prévia, mesmo correndo o risco de não a confirmar futuramente.

Todavia, quando essa suposição encontra suporte e coincide com a vivência psíquica do paciente, a construção realizada pelo analista promove e induz o prosseguimento da análise. Essa possibilidade condiz com o que se refere à segunda observação sobre o texto de

Freud, porque algo muito interessante de se notar é que em ambos os casos a intervenção, visto que bem-sucedida, permitiu ao interlocutor associar mais material em vista daquilo que foi proferido.

No caso relatado por Freud, permitiu adicionar alguns sonhos e outras informações que o paciente trouxe à clínica, bem como elucidar a fantasia inconsciente relativa ao comportamento desviante do paciente. No caso da peça, foram os impropérios falados por Tirésias, relatando à Édipo a possibilidade acerca do incesto e do parricídio, que mantiveram acesa a chama da verdade e a vontade necessária para concluir o processo de investigação. Aqui novamente podemos associar tal característica com a sanha investigativa referida no primeiro capítulo. A profecia, mesmo sendo direta e revelando literalmente os fatos acontecidos, é ainda apenas o ponto de partida para o que podemos chamar de elaboração que Édipo realizará logo à frente.

#### ***4.2.3 A última e primeira profecia***

Seguindo o enredo da peça, nesse processo de investigação iniciado por Édipo, ele passa a conversar com o Creonte para dirimir as dúvidas em relação à possível traição articulada por seu cunhado. Ainda não convencido da lisura das ações de Creonte, ele discute com sua esposa Jocasta, que tenta convencê-lo de que não havia motivos para duvidar de Creonte e que as profecias dos deuses não diziam a verdade em relação a nada. Isso porque, explica Jocasta, uma profecia direcionada a Laio, segundo a qual o antigo rei deveria ser morto pelo seu próprio filho, não havia se realizado. Jocasta relata para Édipo que tal profecia era impossível de se concretizar, porque o próprio Laio havia matado seu único filho ao nascer e que também ele havia morrido pelas mãos de bandidos na região onde convergiam as estradas de Delfos e de Dáulia.

Mas, em vez de acalmar o coração de Édipo, a história de Jocasta trouxe muito mais aflição, visto que informava que o antigo rei haveria morrido exatamente na encruzilhada onde Édipo havia enfrentado um grupo de homens e poupado a vida apenas de um deles. É somente nesse momento que essa informação chega ao conhecimento dos leitores da peça, começando a permitir que se liguem os pontos e os fatos até então desconhecidos. Mas que, porventura, eram de total conhecimento dos profetas, tal como afirmamos no início das discussões que apresentamos aqui.

Voltando ao texto da peça, Édipo demonstra um raro receio ao receber essas notícias de Jocasta e descobre que, na verdade, um dos serviçais que acompanhavam Laio naquele fatídico dia havia sobrevivido e poderia confirmar como se deram os fatos. A versão que persistia até aquele momento era de que não apenas um, mas um grupo de homens havia assassinado Laio. Nesse momento, o texto da peça faz um engenhoso adiamento, criando a possibilidade de que não houvesse sido Édipo quem matara o rei, pois dá a entender que o ilustre tebano tinha sido morto pela mão de vários assassinos, enquanto, na história narrada por Édipo, ele sozinho é que tinha enfrentado o grupo de homens que estava em seu caminho.

Mas esse suspense vai durar pouco, pois para resolver essa celeuma, Édipo pede que chamem o arauto que testemunhou o assassinato do rei para comparecer ao palácio e dirimir todas as dúvidas. É nesse ínterim que o nosso protagonista passa a explicar para Jocasta o motivo pelo qual, tempos atrás, decidiu consultar o oráculo de Delfos e o que ouviu de Apolo. No encontro com o oráculo de Delfos, descrito pelas próprias palavras de Édipo, o protagonista afirma que o motivo de sua consulta ao deus Apolo se deveu ao fato da insinuação que um concidadão de Corinto fez em relação à origem de Édipo.

Todavia, antes de seguirmos com os desdobramentos da peça, cabe fazer uma pequena pausa aqui para explicarmos a questão da cronologia das profecias a que temos acesso pela peça, justificando nossa opção por manter a ordem em que elas aparecem no texto do Sófocles

e os motivos para algumas abordagens anteriores, que levaram mais em consideração o contexto por trás do mito, do que a sequência de fatos conhecido apenas pelo texto da peça.

No capítulo anterior, abordamos esse primeiro encontro, cronologicamente falando, entre Édipo e o oráculo de Delfos, tangenciando o fato de que o motivo da consulta representava o conflito que levava o paciente ao consultório e que fazia iniciar o processo de análise. Isso poderia levar a pensar que haveria uma justificativa para trazer essa profecia para o primeiro momento de nossa análise, pois ela representaria o começo de um possível processo de análise representado na peça. No entanto, fizemos questão de ressaltar que a comparação específica deste último capítulo estaria colocando em primeiro plano a dinâmica do que ocorre essencialmente na peça, deixando de lado, assim, a cronologia dessas informações que consideram a história de vida de Édipo, a qual somente temos acesso por outros meios de consulta e ao terminarmos a leitura de toda a peça. Em vista disso, convocamos o leitor a realizar um processo imaginativo de se desfazer dos conhecimentos prévios que tinham em relação ao mito para acompanhar essa abordagem.

Mesmo assim, ressaltamos que é viável, tendo em vista as várias possibilidades da análise da peça de Sófocles e do mito edípico, que esse contexto anterior, no qual Édipo decidiu consultar o oráculo, justifique ou peça uma análise e uma aproximação específicas com os conhecimentos produzidos no campo psicanalítico. Quando provido de todas as informações que os estudos sobre a mitologia grega permitem realizar, a própria história da vida do protagonista, que vai além da peça *Édipo Rei*, autoriza que vejamos, com base nessa primeira interação e nos outros eventos da vida dele, hipóteses e argumentos que também se aproximam de conceitos e teorias tão bem assentadas no arcabouço da psicanálise.

Assim, somada as discussões que realizamos no segundo capítulo, quando tomamos o personagem do Édipo como a principal fonte de comparação, mostramos que as profecias que ele ouviu durante sua vida, ainda que na ordem que chegam cronologicamente para ele, são

também motivadores do processo de descoberta realizado pelo próprio personagem. Ao nosso ver, mesmo que essas análises digam respeito aos mesmos eventos, colocados aqui em momentos diferentes, nada perdemos na possibilidade de levantarmos nossas hipóteses e chegarmos às justificativas que permitem a comparação específica realizada neste último capítulo. Feita essa asserção, voltemos à descrição feita por Édipo acerca do seu encontro com o representante de Apolo.

Em primeiro lugar, destacamos algo que transparece no discurso de Édipo, quando ele explica que decidiu realizar essa consulta em vista da insinuação em relação à sua origem. As primeiras palavras dele para Jocasta dão o tom da noção que ele tinha sobre papel que representava na sua antiga cidade. “Meu pai é Pôlibo, coríntio, minha mãe, Mérope, dórica. Todos consideravam-me o cidadão mais importante de Corinto” (versos 922-923, p. 58). Ora, passa a ser compreensivo nesse sentido que a dúvida levantada pelo ébrio companheiro de festa fora uma grande ofensa ao nosso protagonista, pois indicaria que Édipo não era filho do rei e, portanto, não descendia da família mais importante da cidade. Tal suposição, era encarada pelo nosso protagonista como um insulto capaz de ofender sua dignidade e sua honra, pois estaria destituindo-o desse lugar de destaque na cidade e da linhagem familiar que fazia tanta questão de ressaltar.

Édipo segue explicando que, angustiado com tal possibilidade, ele decidiu consultar o oráculo para conhecer a verdadeira história sobre sua origem, porém, além de nada esclarecer em relação a isso, Apolo prenunciou a tragédia mormente conhecida: unir-se-á a sua mãe, depois de ter assassinado seu pai. Em seguida, Édipo descreve para Jocasta a atitude que tomou, em função desse infortúnio vaticinado pelo oráculo: “Deixei Corinto guiando-me pelas estrelas, à procura de pouso bem distante, onde me exilaria e onde jamais se tornariam realidade – assim pensava eu – aquelas sordidezas prognosticadas pelo oráculo funesto” (versos 947-952, pp. 58-9). Após isso, Édipo explica seu encontro com a comitiva que

transportava um homem com características semelhantes às que Jocasta descreveu anteriormente sobre Laio. Ele relata que, devido à forma brutal como foi açoitado pelos arautos que acompanhavam essa comitiva, feriu de morte todos, poupando apenas um arauto que fugiu antes de sorte pior.

Nessas palavras de Édipo fica clara sua intenção de não se fazer cumprir os desígnios divinos. Entretanto, o “assim pensava eu” demonstra que, diante das informações que já havia colhido até aquele momento, quando consideramos o enredo da peça, restava pouca dúvida em relação a ter conseguido fugir das imprecações divinas que manchariam sua imagem. Dizia Édipo: “Se o viajante morto era de fato Laio, quem é mais infeliz que eu neste momento? Que homem poderia ser mais odiado pelos augustos deles?” (versos 974-977, p. 59). Porém, ainda não há nenhum sinal de que Édipo tenha compreendido que cometeu o parricídio e o incesto previsto na profecia, mas sim que não conseguiu fugir ao destino pronunciado pela segunda revelação contida na peça, aquela na qual Tirésias diz que ele era o assassino de Laio.

Essas observações sobre a peça, que intercalam os momentos cronologicamente distintos do mito, mostram uma relação bastante peculiar entre a história vivida pelo protagonista e as descobertas que o enredo da peça lhe permite fazer. Elas remetem à questão da lição moral que o mito pretendia comunicar, da mesma forma como vimos acontecer nas outras duas profecias. Tal como afirmamos anteriormente, esse aspecto da lição moral faz parte da nuance interpretativa que podemos alijar às profecias, ligando-as à questão da necessidade de transformação que elas pretendiam realizar. Mas antes de seguirmos com nossas observações sobre a significação interpretativa dessa última profecia, precisamos ressaltar certo diferencial da nossa proposta de leitura da peça.

Como não nos concentramos na ideia de analisar o incesto e o parricídio como desejos inconscientes típicos do ser humano manifestado no personagem, não tomamos a reação de

Édipo na época dessa profecia como algo que diz respeito a uma possível resistência inconsciente a essa revelação. Por exemplo: fugir do seu destino, como uma negação inconsciente desses desejos ou como não reconhecer o parricídio porque era um desejo inconsciente. Com base principalmente nas falas da peça, nossa explanação vê outra questão na profecia e naquilo que inferimos ser as características interpretativas associadas à mitologia do oráculo. Assim como já afirmamos há pouco, não nos fechamos para essa possibilidade de interpretação, mas nossa analogia, baseada na afirmação que o próprio Freud fizera em 1900, busca aproximar os elementos teóricos do processo de análise à dinâmica dos acontecimentos narrados na peça.

Dessa forma, entendemos que a profecia, ainda naquela época poderia significar algo a mais para Édipo. Algo que não é necessariamente de caráter inconsciente, mas que a história posterior do mito mostraria, baseado numa significação oculta que já estava presente na mensagem oracular. Por isso, tal como na demonstração que fizemos sobre o mito de Narciso, entendemos que essa profecia também continha uma mensagem oculta, apesar de ter sido comunicada anteriormente à Édipo e revelada somente nesse momento da peça. Ainda que deslocada temporalmente, com base no que vamos descobrindo com o enredo da peça, essa última profecia tinha por objetivo convidar o consulente a conhecer melhor certo aspecto de sua vida, antes que se concretizasse a perdição contida na revelação proferida pelo oráculo.

Como veremos adiante, essa profecia pode ser dividida em dois aspectos que ligam presente e passado. No passado ela se refere a possibilidade de ser interpretada a partir da mensagem oculta que continha. No presente, que se refere ao contexto da peça, ela prescreve sua característica de construção, remetendo ao fragmento de história esquecido. Por isso posto, deixaremos para a parte final desse capítulo as observações acerca da semelhança que a profecia prescreve com o conceito de construções em análise e apresentaremos em seguida os argumentos dessa vertente da significação obscura e relativa ao passado contida nessa última

profecia. Afinal, entendemos que a mensagem do oráculo ocultava, mesmo naquela época, uma necessidade de transformação, que poderia ser alcançada de duas formas.

Para essa avaliação da profecia em sua nuance passível de interpretação, retomamos aquela leitura de que o mito contém certa lição moral. Nesse sentido, a história edípica condiz com algo que já mencionamos no primeiro capítulo, quando Brandão (1987) afirmava que Édipo não admitia ser despojado de sua posição, fixando-o numa conduta voltada ao propósito de manutenção do poder. Visto sob essa égide, acreditamos que a mensagem do oráculo possuía uma parcela que podia estar voltada a essa característica tão distinta do personagem: sua vaidade – que também perpassou as duas primeiras profecias da peça.

Nesse sentido, entendemos que, como as profecias tinham esse caráter terapêutico de conduzir o sujeito ao autoconhecimento e à pureza da alma, a perdição direcionada à Édipo tinha por objetivo mostrar-lhe o quanto poderia ser trágico apegar-se à uma conduta de valorização de sua própria imagem. Afinal, o motivo que levava nosso protagonista pela primeira vez ao oráculo era justamente dirimir a dúvida a respeito da injúria direcionada a ele pelo ébrio coríntio, que podia retirá-lo da posição social que orgulhosamente ocupava. Sendo assim, compreendemos que a mensagem contida na profecia do oráculo possuía uma questão oculta porque podia ser entendida como um convite, muito antecipado em relação aos eventos da peça, para que Édipo conhecesse e se desfizesse dessa característica que prenunciava sua desonra e sua perdição.

Naquela época, supunha-se que, voltando a sua cidade, confrontando-se com seus pais adotivos, conhecendo a sua origem estrangeira e destituindo-se da linhagem e da posição social que sustentava sua vaidade, Édipo teria cumprido a transformação inerente à noção de que as intervenções oraculares pressupõem uma lição moral simbolizada pela metanoia. Do contrário, perfazendo a outra forma possível de alcançar essa transformação, se não abandonasse essa primazia pela sua honra, descobriria todos esses fatos da maneira como

estava pronunciado na profecia, sofrendo as maiores desonras possíveis ao ser humano e manchando definitivamente sua imagem perante todos.

Isso porque, podemos compreender que a fala do oráculo naquela época, além da mensagem oculta que emite ao seu consulente, também carregava, intrinsecamente, um direcionamento para que Édipo conhecesse a verdade sobre sua história e sobre si mesmo. Afinal, ao responder com a profecia do parricídio e do incesto, o oráculo induz nosso herói claudicante a começar uma jornada que vai direcioná-lo à resposta da pergunta que o trouxera ao oráculo: “Qual é minha verdadeira origem?” Pois, é na premissa de não matar o pai que o criou e de não se unir amorosamente à sua mãe adotiva, manchando a imagem e a honra que Édipo sustentava em Corinto, que ele segue outros caminhos, levando-o ao seu trágico destino, mas não apenas a isso.

Se nos dedicarmos a mais um exercício imaginativo sobre a trama da peça e deixarmos de lado por um tempo a forma trágica como se processa, podemos concluir que Édipo alcança a resposta que procurava. Ora, basta levarmos em consideração que é a maneira como responde à intervenção do oracular que conduz nosso protagonista a cumprir o destino prenunciado na profecia, descobrindo, por consequência, a verdade sobre si mesmo. Certamente, a típica tragédia grega e a criatividade tão intrínseca do artista adicionam a esse processo de descoberta elementos que lançam para o segundo plano da narrativa esse aspecto que estamos tentando demonstrar. Mas tal como apregoa a máxima apolínea, a partir do seu encontro com o oráculo em Delfos, Édipo finalmente pôde conhecer-se a si mesmo, pois passou a conhecer sua verdadeira origem, descobrindo sua verdadeira história de vida e obtendo a resposta que procurava acerca de quem eram os seus verdadeiros pais.

Esses argumentos concluem a parte em que dedicamos nossa análise à nuance passível de interpretação nas intervenções dos oráculos. Cabe agora nos endereçarmos à parte em que tentamos fazer a aproximação dessa última profecia naquilo em que ela se assemelha ao

processo de análise, sendo comparada aos efeitos de uma construção. Nessa digressão também apresentaremos os últimos apontamentos que perfazem a hipótese de confirmar a ocorrência da transformação de sentimentos como resultado do processo que se desenvolve na peça. Todavia, em primeiro lugar, vamos finalizar esse tópico com um pequeno resumo dos eventos finais da peça, destacando os acontecimentos que serão importantes para essa última análise.

Assim, após contar a Jocasta sobre a profecia anunciada pelo oráculo, a fuga da cidade de Corinto no intuito de evitar sua realização, o encontro fatal com a comitiva, na qual a presença de Laio ainda era desconhecida, Édipo mostra-se receoso de que se confirme sua responsabilidade pela morte de Laio, pelo fato de que se expulso de Tebas, não poderia também voltar à sua cidade natal para evitar cumprir a profecia do parricídio e do incesto. Tal como já mencionamos, o relato sobre esse confronto na conjunção das estradas de Delfos e de Dáulia mostra a coincidência com o local da morte de Laio, mas também mostra a arrogância típica do nosso protagonista, que achara uma afronta a sua pessoa a forma como os arautos retiram-no da estrada para a passagem do rei de Tebas, reiterando nossa perspectiva da característica demonstrada pelo nosso protagonista.

Seguindo a história, chega o mensageiro para informar sobre a morte de Pôlibo e convocar Édipo para que assuma o trono de Corinto. Nesse momento, nosso herói tem um pequeno alento em relação a tudo que estava sofrendo, pois seu pai estava morto e não tinha sido ele o responsável por isso. Apolo havia falhado, mas Édipo ainda precisava assegurar-se de não partilhar o mesmo leito com sua mãe, ao que Jocasta afirma que nada mais havia a temer, pois “vive melhor quem não se prende a tais receios” (verso 1169, p. 67). Mas esse período de paz durou pouco, porque nessa mesma conversa o mensageiro esclarece que Édipo não era filho legítimo do casal real de Corinto. Ele afirma ainda que havia sido ele mesmo

quem encontrara o pequeno Édipo no monte Citéron com os pés amarrados e entregara ao rei Pôlibo.

Quando percebe que a história contada pelo mensageiro coincide com o que vivera, pois seu filho recém-nascido foi entregue a Laio para deixá-lo morrer no monte Citéron, Jocasta retira-se rumo ao palácio onde se enforcará resignada sobre a tragédia que acabara de compreender. Entretanto, para o nosso protagonista restava ainda confrontar as versões entre o mensageiro de Corinto e o arauto sobrevivente na ocasião da morte de Laio, para se confirmar toda a verdade sobre sua vida. Como o próprio Édipo diz: “Seria inadmissível que, com tais indícios, eu não trouxesse à luz agora a minha origem” (versos 1249-1250, p. 73).

Assim, com a chegada da última testemunha, toda verdade se faz presente. Quem melhor narra esses momentos derradeiros é o criado que tudo presenciou, dizendo que das roupas do corpo de Jocasta morta, Édipo retirou um broche de ouro com o qual furou os próprios olhos, “gritando que eles não seriam testemunhas nem de seus infortúnios nem de seus pecados: ‘nas sombras em que viverei de agora em diante’ dizia ele, ‘já não reconheceréis aqueles que não quero mais reconhecer!’” (versos 1506-1510, p. 86). A história da peça termina ressaltando que nenhum homem pode se considerar totalmente feliz e venturoso, pois logo será destituído desse lugar pela ação dos deuses.

Édipo, conforme os dizeres de Tirésias, encontrou no mesmo dia seu princípio e seu fim e descobriu-se o responsável pelos maiores sacrilégios que um homem poderia cometer, mesmo depois de ter ostentado vida tão nobre e reconhecida pelos seus pares. Agora, sabedor de tudo a respeito de sua história de vida, descobre que o grande investigador, o grande decifrador de enigmas, nada sabia. Reclama, pois, com o monte no qual foi deixado: “Ah! Citéron! Por que tu me acolheste um dia? Por que não me mataste? Assim eu não teria jamais mostrado aos homens todos quem eu sou!” (versos 1644-1646, p. 90). Para finalizar, deixemos a mensagem pronunciada pelo Corifeu nos últimos versos da peça:

Vide bem, habitantes de Tebas, meus concidadãos!  
Este é Édipo, decifrador dos enigmas famosos;  
ele foi um senhor poderoso e por certo invejastes  
em seus dias passados de prosperidade invulgar.  
Em que abismos de imensa desdita ele agora caiu!  
Sendo assim, até o dia final de cerrarmos os olhos  
não devemos dizer que um mortal foi feliz de verdade  
antes dele cruzar as fronteiras da vida inconstante  
sem jamais ter provado o sabor de qualquer sofrimento! (versos 1802-1810, p. 97).

#### **4.3 Da construção à elaboração**

Indicamos pouco acima que deixaríamos para essa parte final as observações acerca da semelhança que essa última (e primeira) intervenção do oráculo prescreveria com algumas considerações sobre o conceito de construções em análise. Além disso, vamos apresentar nossas últimas alusões sobre esse momento final da peça, perpassando o suposto processo de elaboração identificado na metanoia realizada por Édipo, em vista das revelações que lhe foram endereçados pelos profetas. No que tange ao primeiro aspecto citado, precisamos abordar a última profecia a partir do efeito que ela causa no momento presente, considerando os desdobramentos que provoca durante a peça e aqueles que se seguem após o momento em que ela é rememorada por Édipo.

Nesse sentido, ela pode ser vista como uma construção não apenas porque é uma intervenção realizada pela figura que mais se aproxima da atuação do analista, conforme a hipótese de comparação que defendemos nesse trabalho. Mas também pelo efeito que causa para o desfecho da peça, no sentido de que a profecia rememorada nesse momento, assim

como uma construção, remete Édipo ao estatuto de verdade que, deveras, ela já continha quando foi realizada pela primeira vez.

Para tanto, é necessário retomarmos, resumidamente, alguns entendimentos que apresentamos no segundo capítulo sobre o conjunto de reações que são provocadas quando apresentamos nossas construções aos pacientes. Principalmente, porque essas reações servem como guias da nossa perspectiva de que o processo psicanalítico continua se desenvolvendo de maneira satisfatória. Mas dessa vez, vamos intercalar esses apontamentos com algumas observações sobre os eventos que compõem essa parte final da peça, buscando, ao término dessa discussão, entender esses derradeiros momentos como uma simbologia da elaboração realizada por Édipo.

Sendo assim, entre outros aspectos a respeito das construções em análise, Freud (1937/1996) relembra que, cada construção que apresentamos para os nossos pacientes, não deve ser considerada nada “mais do que uma conjectura que aguarda exame, confirmação ou rejeição” (p. 283). Além disso, ele afirmava que, ao realizar uma construção, o analista deveria abandonar a esperança de que o paciente pudesse recordar de maneira completa o fragmento de história de vida que poderia ser restabelecido por meio dessa intervenção. Por fim, Freud afirma que devemos compreender como o melhor resultado de uma construção, o fato de que ela deve produzir no paciente uma convicção da verdade acerca da história de vida psíquica do paciente que reconstruímos e que apresentamos na situação clínica. Todos esses fatores teóricos, como veremos a seguir, podem ser evidenciados no prosseguimento dessa parte final da peça.

Assim, voltando àquele momento da peça em que Édipo fala da primeira revelação do oráculo, nosso protagonista se mostra deveras receoso, pois está totalmente convencido a respeito de uma questão sobre a profecia que acabava de mencionar para Jocasta. Essa parte da profecia que causava medo ao nosso herói dizia respeito apenas ao fato de que, mesmo

fugindo de sua cidade natal, Édipo achava que não teria se livrado dos infortúnios vaticinados pelo oráculo. Em vista do conjunto de fatos vividos após a fuga de Corinto, ele compreende a possibilidade de ser o assassino de Laio, tal como havia sido revelado anteriormente por Tirésias. Assim, a rememoração da profecia é um marcador de que era impossível fugir totalmente daquilo que fora revelado e que os deuses haviam conseguido torná-lo um homem de imagem maculada, nesse momento visto pela ótica de ser o responsável pelo assassinato do rei e causador das agruras de Tebas.

Nessa mesma toada, esse conjunto de novas informações que se associam à essa rememoração, remetendo à profecia de Tirésias, faz com Édipo sintá-se convencido de que haveria certo grau de verdade em relação aos poderes proféticos. Dessa forma, o prosseguimento da peça mimetiza os efeitos de uma construção pelo fato de que um dos seus resultados é gerar no paciente uma convicção a respeito de haver verdade naquilo que foi mencionado pelo analista. Essa convicção é representada pela manutenção da faceta investigativa de Édipo que o levava a seguir em frente em sua busca pela verdade.

Além disso, a peça demonstra que não há, em primeiro plano, uma compreensão completa de tudo aquilo que foi apresentado na revelação do oráculo. Senão vejamos, Édipo compreende que existe nas profecias divinas a capacidade de a previsão se referir exatamente à realidade a ser vivenciada pelo consulente. Mas, apesar da previsão ser realista, ele não tem como saber sobre o fato de que o assassinato de Laio representava a possibilidade de ter cometido o parricídio. Afinal, essa revelação antecipava um pequeno fragmento de sua história de vida: o fato de que desconhecia seu verdadeiro pai, mas Édipo ainda era incapaz de estabelecer a relação com os fatos vividos, de acordo com o que a peça apresentava até aquele momento.

Para complementar essa comparação, retomemos a questão de que a construção, nesse sentido, nada mais é do que uma possibilidade que remete nosso protagonista a buscar outros

elementos que permitam confirmar ou rejeitar aquilo que havia sido vaticinado pelo oráculo. Por isso, nosso protagonista vai continuar a árdua tarefa de confrontar-se com outras testemunhas para finalizar seu processo de descoberta, tal como um paciente que resgata sonhos e lembranças encobridoras sobre momentos importantes da vida, para compartilhá-los com o analista. Dessa forma, Édipo, convencido de que havia verdade nas profecias, precisava compreender os fatos que resolveriam o enigma proposto ainda na primeira profecia: aquela que falava sobre o assassinato do rei. Mas, assim como algo que é característico das construções em análise, ainda não era o momento ideal para que toda a verdade sobre sua história fosse compreendida.

Certa feita, relembremos que a construção tem como pano de fundo o objetivo de aproximar dois saberes e torná-los equivalentes. De um lado, as hipóteses formuladas pelo analista sobre a vida psíquica inconsciente do paciente e, de outro, a possibilidade de rememoração ou elaboração desses elementos psíquicos por parte do paciente. Além disso, Freud (1940[1938]/1996) afirmava que a construção deveria ser comunicada ao paciente quando ele já estivesse tão próximo de acessar os elementos inconscientes reproduzidos na construção, que essa percepção seria, propriamente dita, o próximo passo que o paciente daria no processo de análise. Nesse sentido, o paciente realizaria uma espécie de síntese conclusiva a respeito daquilo que ficou demonstrado na construção, permitindo a elaboração desses elementos inconscientes, por meio da rememoração da sua história infantil ou do consentimento com a verdade do conteúdo da construção que foi realizada pelo analista.

Assim, reafirmamos que o mais importante efeito de uma construção é aquilo que ela pode representar de valor terapêutico na vida psíquica do paciente e ressaltamos a necessidade de que a construção seja comunicada ao paciente num momento ideal para permitir o processo de elaboração sobre o conteúdo apresentado. São essas características que vão perfazer esse momento final da peça, visto que o enredo da história introduz um pequeno adiamento nesse

processo de descoberta que Édipo vinha realizando. Demonstrando assim, que seria somente no momento ideal que Édipo poderia, enfim, fazer a síntese conclusiva a respeito da verdade histórica de sua vida e de sua perdição. Nesse aspecto, estamos nos referindo ao fato de que o mensageiro vindo de Corinto põe em dúvida novamente nosso herói, tendo em vista a informação de que seu pai Pólipo havia morrido, sem que Édipo tivesse nada a ver com essa fatalidade, desmentindo poeticamente a profecia do parricídio.

Desse modo, a peça passa a introduzir novos elementos que aproximam nosso protagonista do momento ideal para descoberta da verdade, tal como o paciente continua adicionando novos elementos ao que se sabe sobre sua vida psíquica inconsciente, induzido pela regra explícita da clínica psicanalítica que subjaz o fenômeno da associação livre. Vemos isso na peça a partir do momento em que o mensageiro de Corinto elucida para Édipo que ele ainda estaria apto a cometer o parricídio e o incesto, visto que aqueles a quem considerava pai e mãe não eram, necessariamente, seus pais verdadeiros. Nesse contexto, quando vem à tona a história sobre onde Édipo foi encontrado antes de ser adotado pela família real, já existem elementos suficiente para que Jocasta descubra toda a verdade. Todavia, para Édipo, ainda faltavam elementos para que ele pudesse fazer o que estamos chamando aqui de síntese conclusiva.

Pois bem, é somente com o que revela o arauto do antigo rei, que por coincidência poética é o sobrevivente da chacina que matou Laio e o pastor que resolveu poupar a vida de Édipo, que finalmente é possível para o nosso herói compreender toda sua história de vida. Assim, depois de juntar todos esses fragmentos históricos e preencher as lacunas sobre sua vida, ele se vê como o mais infeliz de todos os homens, por ter cometido o parricídio e o incesto, tal como pronunciado por Apolo. Parafraçando Freud (1940[1938]/1996), na exata medida em que a construção coincidiu com os pormenores do foi que vivido pelo paciente, mais fácil foi para Édipo assentir ao que lhe foi comunicado pelos deuses. Da mesma forma, o

conteúdo específico dessa última (e primeira) profecia passou a fazer sentido para Édipo de tal forma que o conhecimento do oráculo se tornou também o conhecimento do consulente.

Desse modo, a profecia estava cumprida em seus mínimos detalhes, mas esse é, ao nosso entender, o efeito terapêutico instado por ela na vida de Édipo e representado na peça como tragédia. Trágico, mas permitindo ao nosso protagonista encontrar a verdade sobre si mesmo, compreender sua origem e entender o lado oculto de todas as desventuras que viveu. É esse efeito terapêutico de compreensão sobre o conteúdo da construção que podemos simbolizar no final da peça, equivalendo-se à metanoia, à transformação de seus sentimentos e ao processo de elaboração alcançado por Édipo. Quando descobrimos toda verdade sobre o nosso protagonista, podemos compreender a fragilidade que o desconhecimento sobre si mesmo representava para a vida que Édipo ostentava e para os feitos dos quais ele tanto se orgulhava.

Ao juntar a primeira e última profecia nesse momento de desfecho, a peça mostra o quanto árduo pode ser os efeitos desse desconhecimento e desse processo de descobrimento. O final da peça faz uma contrapartida entre o desconhecimento que Édipo tem a respeito de si mesmo e a possibilidade de que viesse a cometer os atos mais torpes e sacrílegos. Além disso, a peça ressalta a simbologia desse desconhecimento, demonstrando que, na verdade, Édipo nada sabia sobre seu mundo interno. Nada adiantava seus grandes feitos, tal como quando resolveu o enigma da Esfinge, em que seu saber muito bem se demonstrava para o mundo externo, se ele nada sabia sobre si mesmo, sobre sua história, enfim, sobre seu mundo interno. O desconhecimento do nosso protagonista se traduz pela lógica que inverte o fato de que, ao final de tudo, ele vai da luz a escuridão, muito bem simbolizada pela cegueira auto infringida pelo personagem.

Esse fato inverte a lógica porque percebemos que é na perda de visão para o mundo externo, compensada pela possibilidade de se concentrar em seu mundo interno, que se

encontra o ponto simbólico de analogia entre a metanoia e o processo de elaboração realizado por Édipo. Processo esse, eliciado, continuado e finalizado a partir das sucessivas intervenções oraculares que são apresentadas na peça. Dessa forma, lembrando algo que destacamos anteriormente, parte do que prescrevia os ensinamentos da cidade e do método terapêutico de Epidauro dizia respeito a realizar um processo de cura anterior ao aprendizado e à aplicação desse procedimento terapêutico. Do mesmo modo, há uma simbologia por trás da cegueira do adivinho Tirésias, na qual essa é a condição *sine qua non* para que ele possa realizar suas revelações. Nesse sentido, calha muito bem que a metanoia de Édipo venha com a perpetração da perda da visão. Pois, conhecer sua própria história e reconhecer-se desprovido de sua honra e de sua imagem mostram que nada é importante no mundo externo, sem que se saiba sobre o próprio mundo interno.

Nesse sentido, estaríamos dando ao fim da peça, muitas vezes tomado como trágico, um sentido de final de análise. Se entendermos que simbolicamente a cegueira de Édipo pode representar o desenvolvimento das mesmas capacidades que atribuímos aos oráculos, ele então se aproximaria de uma das condições essenciais para se tornar um analista. Essa hipótese repete a máxima de que, ao final da análise, o sujeito se torna um analista e que é tão bem traduzida por Zimmerman (1999), quando diz que “um tratamento analítico termina quando o analisando, mercê de uma boa introjeção da função psicanalítica do seu analista, está equipado para seguir sua, eterna, função auto-analítica [sic] e, dessa forma, continuar fazendo renovadas mudanças psíquicas” (p. 420).

Encerramos assim nossa aventura de demonstrar que, além de ser uma obra fundamental para a constituição do saber psicanalítico sobre os determinantes inconscientes, a peça de Sófocles também apresenta suas contribuições para a compreensão da técnica psicanalítica. Sabemos que, para Freud (1900/1996), a peça se manteve presente no imaginário coletivo da humanidade, porque muito bem simbolizava a existência dos nossos

desejos inconscientes mais primitivos, reavivando um momento específico de nossa vida psíquica infantil. Assim, Freud trouxe para o saber psicanalítico o fato de que a tríade parental, formada por pai, mãe e filho, representa para a criança em desenvolvimento, a possibilidade de vivenciar desejos inconscientes sobre a vontade de se desfazer da figura paterna, para manter-se em sua relação simbiótica de amor com a figura materna.

Aqui nesse trabalho somamos a esse significado, conforme defendemos neste e nos capítulos anteriores, a constatação de que essa mesma peça pode ser vista como um simulacro do que, posteriormente, Freud vai estabelecer como as principais dinâmicas que se podia identificar na dupla e na relação analítica. Desta forma, para além do complexo de Édipo, acreditamos que os argumentos que apresentamos aqui podem demonstrar que a peça de Sófocles pode ser uma espécie de antecipação poética sobre as considerações teóricas que perpassariam a técnica psicanalítica. Assim, visto que, na verdade teoria e técnica não podem ser, essencialmente, separadas uma da outra, do mesmo modo que a peça traduzia elementos essenciais para o desenvolvimento da teoria psicanalítica, nada mais justo que ela também fosse um fundamento essencial para técnica analítica.

## Considerações finais

Começamos nossas considerações finais lembrando que, apesar de alguns paradigmas, não podemos dizer que haja na psicanálise uma verdade final a ser dita em definitivo, pois uma importante característica desse arcabouço teórico é o seu constante vir a ser. Por isso mesmo, acreditamos que sempre haverá a possibilidade de revisitar conceitos, teorias, casos clínicos, para realizar elucubrações teóricas sob uma nova égide. Ainda que essa possibilidade diga respeito a *re-veer*, sob uma perspectiva diferente da convencional, uma mitologia importantíssima para a teoria psicanalítica, ela representará uma tentativa de ampliar o conhecimento psicanalítico e de instigar que esse saber se mantenha em movimento.

A alusão a essa característica da psicanálise justifica-se porque ela também foi um dos pontos de partida para pensarmos nossa comparação do processo de análise com a peça de Sófocles. É sempre interessante levarmos em conta que a psicanálise não é um saber imutável e que, em essência, possibilita esse tipo de elucubração. Essa característica permite que o arcabouço psicanalítico possa ser sempre revisitado, seja para ampliar o conhecimento sobre determinado assunto, seja para inferir e apresentar novas hipóteses. Essa percepção esteve presente em toda nossa linha de raciocínio que se iniciou desde a comparação feita por Freud, muitas vezes já mencionada aqui neste trabalho, e coaduna com a ideia de pensar o *Édipo Rei* para além do complexo parental que ele representa.

Assim, desde o início nosso intuito foi revisitar a mitologia grega, e em especial o mito edípico, para compreender e encontrar características que permitissem aproximar e justificar as analogias que a afirmação de Freud nos suscitou. Esse aprofundamento na mitologia, em primeiro plano, afastou-se daqueles apontamentos que destacam as características do mito edípico associadas ao famoso complexo parental sobre o qual a

psicanálise muito produziu. Era necessário, a nosso ver, compreendermos outras questões sobre o contexto e sobre a história do Édipo, que extrapolassem a leitura do mito sob o ponto de vista da experiência infantil e individual nos enlaces e nos embates inconscientes com as figuras paterna e materna.

Dessa forma, acreditamos que o resgate dos ensinamentos sobre essa mitologia realizado no primeiro capítulo localizou nossa discussão sobre a participação do protagonista e de outros personagens, que iriam demonstrar como a peça e a mitologia grega também se assemelhavam a questões que se referiam à técnica da psicanálise. Ora, partimos do pressuposto de que, quando Freud colocou em pé de igualdade o enredo e a trama da peça com o funcionamento de um processo psicanalítico, era possível inferir que a própria peça poderia se aproximar de algum construto teórico psicanalítico que se referisse à técnica. Ademais, era importante compreender quais personagens poderiam atuar na dinâmica da peça com alguma semelhança ao que entendemos ser a função de um dos componentes da dupla que perfaz o processo analítico.

Desse modo, percorremos um caminho que resgatou alguns pontos importantes da mitologia grega reascendendo nossos olhares sobre as semelhanças que as características associadas aos personagens que representam oráculos na mitologia grega poderiam ter com as formulações psicanalíticas. Além disso, apresentamos digressões sobre um personagem da mitologia grega que realiza profecias, em sua coincidente participação em dois mitos importantíssimos para a psicanálise. Assim, acreditamos ter alicerçado um caminho para falarmos das facetas psicoterapêuticas que poderiam ser atribuídas a esses personagens, bem como a toda mística que estava vinculada às características do deus Apolo na Grécia antiga.

Seguindo essas perspectivas, concebemos a possibilidade de ver as características da dinâmica do enredo da peça naquilo em que ela se assemelhava ao conceito da técnica de construções em análise. Ao mesmo passo, aproveitamos essa investida teórica para

apresentarmos nossa hipótese de que o processo de elaboração e de apresentação das construções, bem como as reações dos pacientes a essas intervenções do analista podem ser assemelhados aos acontecimentos que antecedem e que permeiam o enredo da peça de Sófocles. Nesse ínterim, acreditamos que pudemos dar nossa contribuição para a discussão, para a pesquisa e para a ampliação do conhecimento a respeito de um conceito tão amplamente presente na prática clínica dos psicanalistas.

Assim, no segundo capítulo elencamos os principais elementos teóricos atribuídos ao conceito de construções em análise, associando-os à nossa leitura dos fenômenos que podem ser vistos no desenrolar dos eventos da peça. Ademais, com a inserção de alguns apontamentos acerca das concepções freudianas sobre os objetivos e os fundamentos do processo analítico, podemos analisar certas semelhanças desses conceitos com os acontecimentos que compõem essa trágica história grega. A discussão principal nesse capítulo foi sustentar a hipótese de que nossa comparação se dava com base no entendimento de que a peça apresentava a descoberta de uma sequência de informações que se complementam entre si, preenchendo as lacunas sobre os acontecimentos de um momento anterior vivido pelo personagem principal.

Nesse sentido, o enredo e a dinâmica da peça se assemelham ao processo de formulação das construções em análise, porque repete esse movimento de recriar e de apresentar ao paciente dados sobre sua história infantil. Ao mesmo tempo, quando aludimos à concepção de que essa história anterior do personagem pode ser vista como um saber desconhecido, essa mesma dinâmica de revelação pode ser comparada com um objetivo intrínseco ao processo analítico, pois se assemelha à noção de que um dos preceitos da técnica psicanalítica diz respeito acessar o material inconsciente da vida anímica do sujeito em análise.

Em seguida, decidimos nos ater às atuações dos dois personagens oraculares que participam no mito edípico, no que diz respeito às semelhanças que poderiam ter com um dos componentes do processo psicanalítico. Com os ensinamentos que apresentamos a respeito da mitologia sobre os profetas gregos pudemos estender as características desses personagens para além de sua capacidade de realizar e apresentar previsões sobre o destino e o futuro de seus consulentes. Essas características possibilitaram aproximá-los da função que o analista exerce no processo de análise e dos atributos que a psicanálise recomenda que seus praticantes desenvolvam. Nesse resgate bibliográfico, podemos constatar que a mitologia associada ao deus Apolo, ao oráculo de Delfos e ao adivinho Tirésias tem várias antecipações aos ensinamentos que posteriormente foram teorizados, adotados e difundidos como práticas importantíssimas no campo psicanalítico.

Além disso, podemos apresentar e discutir nossa hipótese de como a faceta passível de interpretação na ação de realizar profecias pode ser comparada a um fenômeno intrínseco da psicanálise. Tal comparação diz respeito à formulação de que a concepção de inconsciente elaborada pela psicanálise alude à possibilidade de que as manifestações clínicas do paciente sempre podem representar algo a mais em relação ao que é comunicado conscientemente. Dessa forma, inferimos que o processo de descoberta de determinantes inconscientes e a elaboração acerca da participação desses fatores no psiquismo do paciente podem ser mimetizados no processo de revelação que é realizado pelos protagonistas dos mitos gregos em função das intervenções advindas dessas figuras oraculares.

Para finalizarmos nosso processo de comparação, realizamos no último capítulo dessa dissertação uma releitura da peça, compreendendo sobre uma nova hipótese e dando um significado particular às três profecias que são apresentadas no texto de Sófocles. Nesse sentido, essas intervenções dos personagens que representam oráculos foram comparadas aos efeitos que as construções têm no processo analítico, tanto no sentido de dar continuidade ao

desenrolar do processo, quanto pelo fato de mimetizar o movimento de aproximação dos conteúdos recalçados que o paciente realiza durante uma análise, no que diz respeito à elaboração de seus conteúdos inconscientes. Ademais, aprofundamos a revisão que havíamos feito sobre o conceito das construções em análise na teoria psicanalítica e concluímos por sua intrínseca ligação ao contexto da peça de Sófocles.

Por fim, de maneira geral, acreditamos que nossa contribuição mais pessoal ao debate que trouxemos com esse trabalho diz respeito a comparar as figuras míticas oraculares que participam do mito edípico com a função exercida pelo analista. Nesse sentido, acreditamos que fomos capazes de apresentar o percurso teórico e investigativo que nos levou a essa hipótese e os argumentos, conceitos e conhecimentos do arcabouço psicanalítico que reforçaram nossa conclusão de que o *Édipo Rei* pode ser analisado sob a perspectiva do conceito de construções em análise e que a atuação dos profetas oraculares pode ser vista como a responsável por colocar em marcha esse processo.

## Referências

- American Psychological Association (2012). *Manual de publicação da APA*. (6a. ed.). Penso.
- Azevedo, A. V. (2004). *Mito e psicanálise*. Jorge Zahar.
- Brandão, J. S. (1987). *Mitologia Grega*. (Vol. III). Vozes.
- Brandão, J. S. (2015). *Mitologia Grega*. (Vol. II). Vozes.
- Ferreira, A. B. de H. (2009). *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*. (4a. ed.). Editora Positivo.
- Freud, S. (1996). A Interpretação dos Sonhos. Em: S. Freud, *Obras completas de Sigmund Freud: Edição standard brasileira*. (Vol. IV e V). Imago. (Obra original publicada em 1900).
- Freud, S. (1996). Sobre a psicoterapia. Em: S. Freud, *Obras completas de Sigmund Freud: Edição standard brasileira*. (Vol. VII, pp. 243-254). Imago. (Obra original publicada em 1905[1904]).
- Freud, S. (1996). Delírios e Sonhos na Gradiva de Jensen. Em: S. Freud, *Obras completas de Sigmund Freud: Edição standard brasileira*. (Vol. IX, pp. 15-88). Imago. (Obra original publicada em 1907).
- Freud, S. (1996). Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância. Em: S. Freud, *Obras completas de Sigmund Freud: Edição standard brasileira*. (Vol. XI, pp. 67-141). Imago. (Obra original publicada em 1910a).
- Freud, S. (1996). As perspectivas futuras da terapêutica Psicanalítica. Em: S. Freud, *Obras completas de Sigmund Freud: Edição standard brasileira*. (Vol. XI, pp. 143-156). Imago. (Obra original publicada em 1910b).

- Freud, S. (1996). Psicanálise 'silvestre'. Em: S. Freud, *Obras completas de Sigmund Freud: Edição standard brasileira*. (Vol. XI, pp. 229-239). Imago. (Obra original publicada em 1910c).
- Freud, S. (1996). Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de Paranóia (Dementia Paranoides). Em: S. Freud, *Obras completas de Sigmund Freud: Edição standard brasileira*. (Vol. XII, pp. 15-96). Imago. (Obra original publicada em 1911).
- Freud, S. (1996). Recomendações aos médicos que exercem a Psicanálise. Em: S. Freud, *Obras completas de Sigmund Freud: Edição standard brasileira*. (Vol. XII, pp. 121-133). Imago. (Obra original publicada em 1912).
- Freud, S. (1996). Sobre o início do tratamento (Novas recomendações sobre a técnica da Psicanálise I). Em: S. Freud, *Obras completas de Sigmund Freud: Edição standard brasileira*. (Vol. XII, pp. 135-158). Imago. (Obra original publicada em 1913).
- Freud, S. (1996). Recordar, repetir e elaborar (Novas recomendações sobre a técnica da Psicanálise II). Em: S. Freud, *Obras completas de Sigmund Freud: Edição standard brasileira*. (Vol. XII, pp. 159-171). Imago. (Obra original publicada em 1914).
- Freud, S. (1996). Conferências introdutórias sobre Psicanálise. Parte III. Em: S. Freud, *Obras completas de Sigmund Freud: Edição standard brasileira*. (Vol. XVI). Imago. (Obra original publicada em 1917[1916-17]).
- Freud, S. (1996). História de uma neurose infantil. Em: S. Freud, *Obras completas de Sigmund Freud: Edição standard brasileira*. (Vol. XVII, pp. 13-129). Imago. (Obra original publicada em 1918[1914]).
- Freud, S. (1996). 'Uma criança é espancada': Uma contribuição ao estudo da origem das perversões. Em: S. Freud, *Obras completas de Sigmund Freud: Edição standard brasileira*. (Vol. XVII, pp. 193-218). Imago. (Obra original publicada em 1919).

- Freud, S. (1996). A psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher. Em: S. Freud, *Obras completas de Sigmund Freud: Edição standard brasileira*. (Vol. XVIII, pp. 155-183). Imago. (Obra original publicada em 1920).
- Freud, S. (1996). Inibições, sintomas e ansiedade. Em: S. Freud, *Obras completas de Sigmund Freud: Edição standard brasileira*. (Vol. XX, pp. 77-171). Imago. (Obra original publicada em 1926[1925]).
- Freud, S. (1996). Construções em Análise. Em: S. Freud, *Obras completas de Sigmund Freud: Edição standard brasileira*. (Vol. XXIII, pp. 271-287). Imago. (Obra original publicada em 1937).
- Freud, S. (1996). Moisés e o Monoteísmo. Em: S. Freud, *Obras completas de Sigmund Freud: Edição standard brasileira*. (Vol. XXIII, pp. 13-150). Imago. (Obra original publicada em 1939[1934-38]).
- Freud, S. (1996). Esboço de psicanálise. Em: S. Freud, *Obras completas de Sigmund Freud: Edição standard brasileira*. (Vol. XXIII, pp. 153-221). Imago. (Obra original publicada em 1940[1938]).
- Freud, S. (2004). O Recalque. Em: S. Freud, *Escritos sobre a psicologia do Inconsciente*. (Vol. I, pp. 175-193). Imago. (Obra original publicada em 1915).
- Garcia-Roza, L. A. (2005). *Freud e o inconsciente*. (21. ed.). Jorge Zahar.
- Graves, R. (2018a). *Os mitos gregos*. (Vol. II). Fernando Klabin (Trad.). (3a. ed.). Nova Fronteira.
- Graves, R. (2018b). *Os mitos gregos*. (Vol. I). Fernando Klabin (Trad.). (3a. ed.). Nova Fronteira.
- Jorge, M. A. C. (2010). *Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan, vol. 2: A clínica da fantasia*. Zahar.

Kury, M. G. (1990). *A trilogia tebana: Édipo Rei, Édipo em Colono, Antígona/Sófocles*.

Zahar.

Kury, M. G. (2008). *Dicionário da mitologia grega e romana*. (8a. ed.). Jorge Zahar.

Laplanche, J. & Pontalis, J-B. (2016). *Vocabulário da psicanálise*. (4a. ed.). Martins Fontes.

Maurano, D. (2003). *Para que serve a Psicanálise?* Jorge Zahar Editor.

Nasio, J-D. (2007). *Édipo: O complexo do qual nenhuma criança escapa*. Jorge Zahar.

Quinet, A. (2015). *Édipo ao pé da letra: Fragmentos de tragédia e psicanálise*. Zahar.

Roudinesco, E. & Plon, M. (1998). *Dicionário de psicanálise*. Zahar.

Roudinesco, E. (2000). *Por que a Psicanálise?* Zahar.

Roudinesco, E. (2016). *Sigmund Freud na sua época e em nosso tempo*. Zahar.

Zimerman, D. E. (1999). *Fundamentos psicanalíticos: Teoria, técnica e clínica*. Artmed.